



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

FILIPE RAMOS DOS SANTOS

Irmã Maria do Divino Coração:

**Elo de ligação entre a precedente história da devoção
ao Coração de Jesus e os novos modos de
espiritualidade de se viver nesse Coração**

Dissertação Final

sob orientação de:

Professor Doutor Alexandre Freire Duarte

Porto
2023

Resumo

Este estudo começa por ver a história, quase bimilenar, da percepção humana do Sagrado Coração de Jesus, remetendo-nos, nesse processo, especialmente para um dado período histórico – século XVI ao século XIX –, algumas figuras – Marguerite-Marie Alacoque e Maria do Divino Coração – e algumas congregações religiosas – Jesuítas, Dehonianos e, entre outras, Escravas do Sagrado Coração de Jesus. Depois desse levantamento histórico – que versará sobre as principais ocasiões em que o Sagrado Coração foi determinante para a fé dos crentes e para a proliferação da Igreja –, o foco deste trabalho será posto em Maria Droste, uma jovem alemã que dedicou a sua vida aos demais, particularmente na Congregação que abraçou como Maria do Coração Divino, tendo sempre o Coração Divino de Jesus como princípio e meta de todos os atos que realizava, chegando a lograr a consagração pontifícia do Mundo ao dito Coração. Ver-se-á a obra que realizou e como ela teve impacto no desenvolvimento desta espiritualidade em torno do Coração de Jesus. Por fim, mostrar-se-á como tal Irmã apontou, quase profeticamente, para alguns aspetos que, sendo evocados pelos últimos Papas e tratados por teólogos contemporâneos, intentam revitalizar o amor a esse Coração para benefício espiritual e eclesial dos fiéis.

Palavras-chave: Amor; Sagrado Coração de Jesus; Santa Marguerite-Marie Alacoque; Devoção; Irmã Maria do Divino Coração; Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor; Espiritualidade; Coração Sacerdotal; Sede.

Abstract

This study begins by looking at the almost bimillennial history of the human perception of the Sacred Heart of Jesus, referring us, in this process, especially to a given historical period – from the 16th to the 19th century – some figures – Marguerite-Marie Alacoque and Mary of the Divine Heart – and some religious congregations – Jesuits, Dehonians, and, among others, the Handmaids of the Sacred Heart of Jesus. After this historical survey – which will deal with the main occasions in which the Sacred Heart was decisive for the faith of believers and for the proliferation of the Church – the focus of this work will be on Maria Droste, a young German woman who dedicated her life to others, particularly in the Congregation she embraced as Maria of the Divine Heart, always having the Divine Heart of Jesus as the beginning and goal of all her actions, and even achieving the pontifical consecration of the World to the said Heart. We will

see the work she accomplished and how it had an impact on the development of this spirituality around the Heart of Jesus. Finally, it will be shown how this Sister pointed, almost prophetically, to some aspects that, being evoked by the recent Popes and treated by contemporary theologians, attempt to revitalize love for this Heart for the spiritual and ecclesial benefit of the faithful.

Keywords: Love; Sacred Heart of Jesus; Devotion; Saint Marguerite-Marie Alacoque; Sister Mary of the Divine Heart; Congregation of Our Lady of Charity of the Good Shepherd; Spirituality; Priestly Heart; Thirst

Introdução

«Esta é também a altura histórica do coração: é o tempo do coração. É o tempo daquela taquicardia, não das batedelas que são sinal de doença, mas da aceleração do amor misericordioso que nos leve à entrega plena ao ministério, atributo da saúde integral e profissão de fé de quem acredita no que faz. Que a nossa Diocese, no seu clero – o seu âmagô ou centro dos centros da sua vida –, se distinga por esta espécie de contradição, mas que é apenas complementar, tal como a alternância cardíaca entre a sístole e a diástole: um coração que se “queime” pelo seu povo, com generosa dedicação e alegre longanimidade, pois a satisfação que daí se tira é bem superior à fugaz ganância das benesses materiais; mas também um coração biologicamente saudável, que suporte e exprima a saúde física do sacerdote, até porque é previsível que, sendo menos, vamos ter de fazer mais».¹

Estas palavras proferidas pelo atual [2023] bispo do Porto, Dom Manuel Linda, a 19 de junho de 2020, na homilia da Missa Crismal então ocorrida na Solenidade do Coração de Jesus devido à situação pandémica que atravessávamos, dão-nos conta desta temática do coração, tão importante outrora para o desenvolvimento de diferentes filamentos do Cristianismo e que, atualmente e com um novo vigor, pode ser recuperada e fazer nascer um novo «tempo do coração»; da proximidade; da bondade. Em suma, do amor, simbolizado nesse órgão corporal, expressão igualmente do mais essencial no que cada um é enquanto pessoa.

Este novo ímpeto, acima expresso nas palavras do bispo do Porto, marcou, com surpresa inaudita para nós na ocasião, o início de uma pesquisa sobre este tema que se orientou, depois, para o Coração de Cristo e a Irmã Maria do Divino Coração. É certo que a temática não nos era totalmente estranha: conhecemos relativamente bem a história da Igreja e sabemos a relevância que este Coração trespassado de Jesus teve para o desenvolvimento do Cristianismo e como marcou pessoas, territórios e movimentos religiosos ao longo de centenas de anos.

No entanto, era também notória, para nós – e não só (basta recordar a reação de alguns colegas nossos quando referimos o tema deste Trabalho) –, que toda essa relevância estava a esmorecer e atualmente quase nada do que acontecera anteriormente era uma realidade vivida na Igreja. Pior: chegou-se mesmo a pensar que seria um modelo devocional ultrapassado e que não voltaria. Por isso, nos impressionou a

¹ Manuel Linda, «Padres para a “Diocese do coração”», *Igreja Portucalense* 18, n.º 53 (2020): 63.

mensagem do bispo Dom Manuel Linda, na medida em que também ela nos traz a novidade de, a partir de uma realidade já existente, a podermos reformar para que seja novamente fonte que sacie a sede a muitos cristãos.

Eis que, chegados ao momento de decidir o tema de uma investigação de carácter académico – influenciados pela nossa recordação do sucesso da devoção ao, e possível surgir de uma espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus – nos vimos impactados no nosso coração pelas humildes e gloriosas palavras de Dom Manuel Linda, pastor e teólogo. De facto, além do seu relevo universal, ela, de um modo que não nos era tão conhecido, também tocara, e ainda tocava, em muitas pessoas da cidade do Porto, como o próprio prelado portugalense recordou na sua já citada sua homilia:

«Ora, constituímos aquela que poderíamos definir como “Diocese do coração” e, conseqüentemente, do amor. Um leigo, o rei D. Pedro IV, quis que o seu coração repousasse para sempre na igreja onde ia à Missa e a outros atos religiosos; uma freira que fixou residência nesta cidade, a Beata Maria Droste – tão devota deste mistério que até mudou o nome para Maria do Divino Coração - a partir daqui, obteve do Papa Leão XIII a consagração do mundo ao Sagrado Coração de Jesus, acontecimento que o mesmo Papa definiu como “o ato mais importante do meu pontificado”; o Venerável Padre Américo Aguiar é habitualmente definido como um “homem de coração grande e generoso” e, por isso, saiu de si para ir ao encontro dos que mais precisavam, o que ficou na memória perene da região e do país; e o meu direto antecessor, o senhor D. António Francisco dos Santos, era um bispo de tal afetividade que o coração se tornava pequeno para alimentar tanta simpatia e, por isso, teve de prescindir dele. O mesmo poderia dizer do Venerável D. António Barroso e de tantos outros. Um leigo, uma religiosa, um padre e um bispo: eis uma espécie de representação da diversidade do povo de Deus desta Diocese, a tal “Diocese do coração”».²

Perante estas interpelativas palavras, cheias de fogo e amor – e que nos fizeram como que ficar colados ao banco catedralício onde as ouvíamos num arrepio de alma (ascendente ou descendente, não sabemos) –, tomámos uma decisão que, ainda hoje, nos pareceu uma eleição bem discernida. Uma eleição durante a qual recordámos igualmente, umas palavras outrora proferidas, no decurso de uma aula de *Teologia Patrística*, por aquele que veio a ser o nosso Orientador – «mais vale um coração ardente sem palavras audíveis do que palavras audíveis sem ardor no coração». Em concreto: avançamos para a elaboração de uma dissertação que tivesse como eixo temático esta devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Assim, convictos que iríamos abraçar com o maior zelo e empenho possível esta investigação, e assumindo a responsabilidade nas traduções das fontes em idiomas estrangeiros, um possível esquema de labor foi surgindo com naturalidade. Um esquema

² Manuel Linda, 62-63.

que, depois de algumas revisões, assumiu corpo no texto que estará exposto ao longo do atual Trabalho.

Seja-nos, assim, permitido mencionar os pontos sobre os quais nos debruçámos e que acabaram por formar um tríptico de capítulos que passaremos a elencar. Deste modo, ao longo do primeiro capítulo, faremos referência aos principais marcos históricos da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, tendo em conta os indivíduos, ordens religiosas e locais que mais influenciaram a mesma e por ela mais foram influenciados.

Já no segundo capítulo, altamente influenciados por fontes que não conseguimos que não fossem um pouco hagiográficas – o que nos levou a um peneirar crítico das mesmas –, tentaremos concretizar tudo o visto no capítulo anterior nos 36 anos de vida de Maria Droste, uma jovem nobre de origem alemã que se consagrou ao Senhor na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor e que viveu alguns desses seus anos de vida em Portugal, nomeadamente nas casas de Lisboa e do Porto – onde viria a falecer. Com efeito, é de suma relevância falar da Irmã Maria neste nosso Trabalho. E isto porque, além da sua ligação à nossa diocese recordada na já citada homilia de Dom Manuel Linda, ela foi uma verdadeira apostola da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, tendo tido um papel relevantíssimo na implementação da consagração do Mundo ao Sagrado Coração de Jesus e, além do mais, tendo intuído, quase de modo profético, muitas das preocupações que os mais recentes Sumo Pontífices trouxeram ao de cima em capitais alocações por si feitas a respeito, precisamente, daquele Coração.

Por fim, no terceiro capítulo, e no seguimento da mensagem que a vida da Irmã Maria do Divino Coração nos transmitiu – e contando com o contributo do pensamento dos mais recentes Papas, bem como de alguns teólogos contemporâneos – tentaremos perceber o ponto em que nos encontramos hoje em relação ao que gostaríamos que, de uma vez por todas, passasse a ser conhecido por “espiritualidade do Coração de Jesus”. Em concreto: ainda faz sentido falarmos hoje de devoção ao Sagrado Coração de Jesus ou devemos optar por outro tipo de terminologia? Os sacerdotes continuam ligados ao Coração de Jesus ou necessitam de um novo impulso para se relacionarem novamente com o mesmo? O tipo de iconografia tradicional ajuda, ou não, a essa espiritualidade em torno do Sagrado Coração? Não ajudando, o que pode ser feito a esse respeito? Em suma, e pegando-se no tema da sede como assunto capaz de iluminar tal espiritualidade, ver-se-á de que modo é que atualmente o Sagrado Coração de Jesus pode ter um impacto positivo e de crescimento da espiritualidade dos cristãos.

Para findar esta Introdução restam-nos apenas algumas palavras de agradecimento: à nossa família, aos nossos amigos, aos técnicos das distintas bibliotecas que consultámos, às Irmãs do Bom Pastor, aos nossos formadores, aos nossos docentes, ao nosso – sempre em contacto – Orientador e, sobretudo, ao Coração compassivo, misericordioso e simultaneamente alegre e ferido do Senhor Jesus. Só ele sabe o que dos corações de todos estes está nesta Dissertação.

1. História da devoção ao Sagrado Coração de Jesus

A história da devoção ao Sagrado Coração de Jesus é extremamente rica nas suas pinturas, imagens edifícios e outros monumentos a ele dedicados. Porém, a obra mais edificadora desta mesma devoção transcreveu-se no interior de cada homem e mulher que pôde deliciar-se e deixar-se envolver por esta tão nobre forma de espiritualidade.

Tendo como primeira imagem o ouvido reclinado do apóstolo João sobre o peito de Jesus, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus não foi um pedido de Jesus. Foi, sim, uma iniciativa dos cristãos que, ao longo dos vários séculos da Igreja, se foi impondo nas comunidades religiosas, paróquias e outros grupos de determinados espaços temporais e geográficos do nosso planeta. Iniciativa, essa, que marcou a vida da Igreja e de muitos cristãos que – ao tomarem contacto com esta devoção ou – como gostaríamos (sem desrespeito pela Santa Madre Igreja) que fosse mais corretamente denominada – forma de espiritualidade – se aproximaram de Deus, sendo que alguns o fizeram de tal modo que pressentiram os Seus clamores, os Seus desejos e anseios para a época em que viviam e, eventualmente, outras que lha seguiriam.

Nestas próximas páginas veremos onde tudo começou, em que territórios teve mais impacto e como se foi desenvolvendo nos vários países do mundo, incidindo essencialmente na Europa, Continente onde se encontram as maiores figuras relacionadas com esta forma de espiritualidade.

1.1 DA EVANGELIZAÇÃO DOS APÓSTOLOS AO SÉCULO XII

Antes de entrarmos a fundo nesta secção do nosso primeiro capítulo, competenos, ainda que de modo muito breve, fazer uma alusão ao sentido bíblico do termo “coração”, que, seja em hebraico, seja em grego, é dos mais comuns, a nível antropológico, de toda a Sagrada Escritura.

Pois bem, consultando-se o *“Baker’s Dictionary of Biblical Theology”*, tal termo aponta para «o centro de uma pessoa, tanto para atividades físicas, como emocionais-intelectuais-morais; por vezes é utilizado figurativamente para qualquer

coisa inacessível».³ Já no mais antigo “*Vocabulário de Teología Bíblica*” de Xavier Léon-Dufour, diz-se que se trata de uma palavra que está conectada com o que de mais íntimo existe no ser humano: os sentimentos, certamente, mas igualmente as memórias, pensamentos e raciocínios. Eis porque só Deus o conhece bem e, devido à ferida ancestral, todos precisamos de o ver renovado.⁴

Posto isto, passemos a indicar que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus foi um tema espiritual assaz desconhecido, tal como nós o entendemos hoje, nos primeiros séculos da vida da Igreja. Porém, verificamos que alguns escritos deste período influenciaram tudo o que veio a acontecer posteriormente. Na verdade, e sem avançarmos muito, podemos considerar o apóstolo e evangelista João o primeiro grande dinamizador desta devoção, na medida em que «sem o que ele escreveu, talvez não se tivessem espalhado, ao longo dos séculos, comentários teológicos e espirituais sobre o Coração de Jesus, sobre a lançada que abriu o peito do Senhor, sobre o mistério do Coração trespassado».⁵

Claro que para o “atraso” nesta devoção não foi indiferente o ambiente de debates, por vezes bastante acesos, acerca da constituição de Jesus Cristo, seja sobre a Sua Pessoa, seja acerca das Suas naturezas. De modo muito sintético: poder-se-ia dizer, como a “comunicação de idiomas” veio a consagrar, que Deus teve, e tem, um Coração?⁶ E podendo-se dizer isso, poderia tal Coração ser motivo de devoção e, porventura, adoração? Tudo aquilo acerca de Jesus vai demorar o seu tempo a ser esclarecido e, assim e em consequência, o mesmo se passou em relação ao Seu Coração, progressivamente entendido como símbolo real do amor da Sua natureza humana no que esta, assim, tem de participação na Obra da Salvação.

Também é de salientar, no que explica um pouco aquilo que dissemos no começo do nosso primeiro parágrafo, que a devoção ao Sagrado Coração não foi inicialmente entendida tal como a conhecemos atualmente, mas confundida com a devoção à ferida do lado de Jesus o que, em muitos casos, pode ter levado, afora algumas referências pontuais, a um certo esquecimento do seu Coração Sagrado nos primeiros séculos da história do Cristianismo, seja o da Grande Igreja, seja nos

³ Bruce K. Waltke, «Heart», em *Baker's Dictionary of Biblical Theology*, ed. Walter A. Elwell (Ada: Baker Books, 1996), 331. Nota: as traduções são todas da nossa responsabilidade.

⁴ Cf. Jean de Freine e Albert Vanhoye, «Corazón», em *Vocabulário de Teología Bíblica*, ed. Xavier Léon-Dufour (Barcelona: Herder, 1965), 159-160.

⁵ Dário Pedroso, *Acreditar no Amor: Espiritualidade e história da devoção ao Coração de Jesus* (Braga: AO, 2003), 31.

⁶ Cf. Battista Mondin, *Storia della Teologia*, vol. 1 (Bologna: ESD, 1996), 421-437; 459-463.

movimentos que não se integraram na mesma.⁷ Posterior e concomitantemente, considerações como as de Agostinho de Hipona (354-430) – que realçava o facto de João evangelista ter repousado no regaço de Jesus na última ceia e que, por isso, trazia consigo os mais altos segredos do seu coração divino⁸ – levou a que se desenvolvesse a reflexão e o estudo acerca desta temática que se tornaram o fundamento desta devoção.

Eis uma devoção que, no dizer já consagrado de Jean Vincen Bainvel, se começou a instalar mais solidamente no seio da Igreja a meados da Idade Média e que contou com o apoio de vários autores importantes, como Bernardo de Claraval (1090-1153) que, por exemplo, no seu “*Sermão 61*” «tinha uma página admirável sobre as feridas de Cristo, e em particular sobre a ferida no lado; algumas linhas tratavam diretamente do tema do coração».⁹ Por seu lado, Anselmo de Aosta (c.1033-1109), nas suas meditações sobre a Paixão de Cristo, refere-se explicitamente ao lado de Jesus como a abertura de onde são reveladas a bondade e a caridade do seu coração ferido.¹⁰

Nos primeiros séculos da vida da Igreja – e tal como Agostinho de Hipona, Bernardo de Claraval e Anselmo de Aosta – outros autores houve, tais como «Clemente de Alexandria e Leão Magno, etc., [que] fizeram referência à lança e à lançada e chamaram a atenção para o Coração aberto».¹¹ Embora os seus escritos tenham tido um menor impacto do que os daqueles outros, não se deve negar, sob pena de se estar a faltar à verdade, que esses escritos também fomentaram tal devoção ao Sagrado Coração de Jesus, na medida em que os mesmos foram sendo «notados, copiados e utilizados de várias formas».¹²

Já nos referimos, ainda que de passagem, a Bernardo de Claraval. É de se mencionar, agora, que este foi dos autores mais influentes na devoção ao Sagrado Coração de Jesus no Ocidente, na medida em que impulsionou, ainda no século XII (período em que viveu grande parte da sua vida), outras pessoas com relativa proeminência – como Guilherme de Saint-Thierry (1085-1148), Gueric de Igny (1070-1157), o Abade inglês Gilberto de Hoyland (c.1100-1172), o Cardeal (francês) Drogon – bispo da diocese italiana de Óstia – (?-1138), os monges agostinhos Ricardo (c. 1110-1173) e Hugo de Saint-Victor (1096-1141) e o Abade Roberto de Deutz (1075-

⁷ Cf. Jean Vincent Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus: doctrine et histoire* (Paris: Gabriel Beauchesne & Cie, 1911), 247.

⁸ Cf. Agostinho de Hipona, APUD Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 248.

⁹ Bernardo de Claraval, APUD Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 248.

¹⁰ Cf. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», em *DSp* 3, 1026.

¹¹ Pedroso, *Acreditar no amor*, 31.

¹² Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 248.

1130) – a introduzirem-na nas suas vidas, nos seus mosteiros e nos seus escritos desta devoção ao Sagrado Coração que, no fundo e neste período, se manifesta como a «devoção ao coração ferido de Jesus, símbolo do amor Redentor da Paixão».¹³

É desta forma, transmitida capilarmente sobretudo entre a ordem cisterciense, que no antes mencionado século XII no Ocidente – sobre o qual daremos a nossa especial atenção –, a ferida do lado de Jesus se torna também a ferida do coração de Jesus,¹⁴ o que nos leva a considerar que: «no mundo do simbolismo, peito e coração [*pectus, cor*] se confundiam facilmente para designar o íntimo de Jesus, os segredos do seu amor, o que chamamos de coração e, embora a palavra *pectus* fosse a mais utilizada no evangelho, a palavra *cor* também começa a ser abundantemente utilizada».¹⁵

1.2 DO SÉCULO XIII AO FINAL DA IDADE MÉDIA

Acerca deste período, um dos aspetos que mais importa referir é que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus encontrava-se muito reservada ao âmbito particular. Além do cântico “*Summi Regis Cor Aveto*” – um dos sete hinos escritos por Bernardo de Claraval acerca dos membros do Corpo de Cristo crucificado na Cruz¹⁶ –, que passou a ser difundido essencialmente a partir do século XIV, não se conhece nenhuma outra oração de uso alargado e até comunitário. Na verdade, o que existiam eram, isso sim, orações pessoais e locais, normalmente conhecidas numa determinada aldeia, mas que não se expandiam por outras regiões.

No entanto, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus estava cada vez mais viva e as meditações, que os já mencionados Bernardo de Claraval e Anselmo de Aosta tinham redigido foram, com o passar do tempo, mostrando-se essenciais para o seu desenvolvimento.¹⁷ Na verdade, os seus textos foram fulcrais para que fossem analisadas, entendidas e aceites as palavras que, segundo as mesmas, o próprio Jesus transmitiu, no século XIII, inicialmente a Lugarda de Tongeren (1182-1246) e depois a uma das suas irmãs do mosteiro cisterciense de Aywieres, Ida de Gorsleeuw (c.1212-c.1290).¹⁸

¹³ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1027.

¹⁴ Cf. Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 247.

¹⁵ Bainvel, 248.

¹⁶ Cf. Philip Schaff, *Literature and Poetry: Studies on the English Language* (New York: C. Scribner's sons, 1890), 245.

¹⁷ Cf. Balthasar Fischer, «Sacred Heart of Jesus», em *The Encyclopedia of Christianity*, ed. Erwin Fahlbusch et al., vol. 4 (Grand Rapids: Eerdmans; Leiden: Brill, 2010), 806.

¹⁸ Cf. Thomas Merton, *What Are These Wounds?: The Life of a Cistercian Mystic Saint Lutgarde of Aywieres* (Milwaukee: Bruce Publishing, 1950).

Porém, o grande e importante mosteiro beneditino de Helfta foi, com uma proeminência que deve ser assinalada, um local de grandes comunicações divinas relacionadas com o Coração de Jesus, sendo que as monjas Gertrudes de Helfta (1256-1302) e Matilde de Hackeborn (c.1241-1298) foram as mais significativas acolhedoras de tais palavras, que não hesitaram a atribuir a Jesus. Na verdade, e segundo os seus próprios relatos e os feitos acerca delas por suas contemporâneas, estas duas monjas beneditinas tiveram a graça de conhecer o coração de carne de Jesus na sua realidade divina e humana.¹⁹

Seja como for, «as visões de Gertrudes a Grande tiveram como objeto, em ligação com a liturgia, especialmente a Eucaristia e o Sagrado Coração de Jesus. Gertrudes passa mesmo a ser considerada o arauto da devoção ao Coração de Jesus na Idade Média».²⁰ E teve mesmo a graça de, através da mediação de Jesus no centro da comunhão dos santos, comunicar com João Evangelista, o qual, como sabemos, reclinou a cabeça no peito do Mestre (cf. *Jo.* 13,23).

Nesse colóquio espiritual, aquela monja ousa questionar a João a razão pela qual nada nos tinha deixado escrito a respeito dos movimentos do coração de Jesus.²¹ A esta interrogação o apóstolo, segundo ela, respondeu:

«eu fui encarregue de publicar à Igreja nascente as palavras da Palavra Incriada de Deus Pai; mas quanto à doçura das emoções daquele Coração de Jesus, Deus reservou-as para Si mesmo, tornando-as apenas do conhecimento no fim dos tempos, no momento mais decrepito do Mundo, tendo em vista reavivar a chama da sua caridade neste que se tornara frio».²²

A explicação dada pelo interlocutor de Gertrudes é significativa, apontando para uma realidade já quase apocalíptica, não muito distinta daquela em que Gertrudes vivia e conhecia, devido à perda – num Mundo atravessado pelo drama do fim do sonho das Cruzadas²³ e o “Grande Interregno” em que o Sacro Império Romano-Germânico careceu de Rei²⁴ – do calor do amor divino que se ia esmorecendo entre as pessoas, poucas entre as quais estariam em condições para, nessas circunstâncias, servirem de

¹⁹ Cf. Rosalynn Voaden, «All Girls Together: Community, Gender and Vision at Helfta», em *Medieval Women in Their Communities*, ed. Diane Watt (Toronto: University of Toronto Press, 1997).

²⁰ Erwin Iserloh, «La mística Alemana», em *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 4, t. 2: *La Iglesia de la Edad Media después de la Reforma Gregoriana: La Baja Edad Media*, ed. Hubert Jedin et al. (Barcelona: Herder, 1973), 604.

²¹ Cf. John Bernard Dalgairns, *The Devotion to the Heart of Jesus, with an introduction on the history of Jansenism* (Baltimore: Kelly & Piet, 1867), 66.

²² Gertrudes de Helfta, APUD Dalgairns, *The Devotion to the Heart of Jesus*, 67.

²³ Cf. Steven Runciman, *A History of the Crusades*, vol. 3 (Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1955).

²⁴ Cf. Eric Solsten, *Germany: A Country Study* (Washington: USG Press, 1999), 13-14.

acolhedoras e comunicadoras do que, afinal e por desígnio divino, João não pudera dizer.

Para além destas mulheres, também é de fazermos referência a alguns mendicantes franciscanos que, já no século XIII e com a sua espiritualidade de cunho afetivo, muito rapidamente se associaram à dinâmica da consideração amorosa do Coração de Jesus. Entre tais franciscanos, há três que merecem uma maior atenção: Francisco de Assis (c.1181-1226), António de Lisboa (1195-1231) e, em particular, Boaventura de Bagnoregio (1221-1274). Todos estes, e outros cujo impacto na história foi menos significativo, sentem este vislumbre do Coração de Jesus a entrar na vida da Igreja e a aproximar-nos de Deus e, concomitantemente, do Seu amor que brota do sangue derramado pela lança do soldado.²⁵

Como vamos vendo, o século XIII acaba por ser rico, nos contributos que nele surgiram para a devoção ao Coração de Jesus, pelo número significativo de pessoas que foi percebendo e divulgando a importância do Coração de Jesus, quer na vida espiritual do batizado, quer, sobretudo, na de uma Igreja que ia vivendo os efeitos das consequências da Reforma Gregoriana. E divulgando isso, não só pelo que foram vivendo, mas também pelo impacto, muitas vezes não-intencionado e inesperado, do que foram escrevendo em algumas obras significativas. Entre estas, e não nos esquecendo da “*Vinha mística*” do já aduzido Boaventura de Bagnoregio, é de se referir o caso de mais um franciscano: Ubertino de Casale (1259-c.1329). Este, redigiu a obra “*Árvore da vida crucificada de Jesus*”, a qual – enquanto trabalho inflamado e devocional de efusão do seu pensamento e da sua frustração, face a acusações que lhe haviam levado ao desterro em La Verna – chegou a ser caracterizado como o «principal indicador da qualidade de vida do coração espiritual».²⁶

Esta obra de Ubertino de Casale, e não obstante todos os problemas que ele teve com a sua ordem e até com a Igreja, marcará, já no século subsequente, toda a pregação de Bernardino de Sena (1380-1444). Este outro mendicante franciscano fará, inspirado na “*Árvore da vida crucificada de Jesus*”, contínuas referências, nas suas pregações, ao Coração de Jesus e a tudo aquilo a que ele nos podia conduzir.²⁷ Neste sentido, o século XIV, no que concerne ao nosso tema, é um prolongamento do anterior, mas não se ficou por aí.

²⁵ Cf. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1027-1028.

²⁶ Thaddeus MacVicar, *The Franciscan Spirituals and the Capuchin Reform* (New York: Franciscan Institute Publications, 1986), 20; cf. Gabriele Zaccagnini. «La spiritualità dell’*Arbor vitae crucifixae Jesu*», *Studi francescani* 104 (2007): 37-97.

²⁷ Cf. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1028.

Na verdade, e a meio do Cisma de Avignon e toda a confusão que isso comportou para a Igreja e para os cristãos, decorreu «a primeira celebração litúrgica do mistério do Coração de Jesus, na festividade da “Santa Lança”, instituída pelo Papa Inocêncio VI (c. 1282-1352-1362) em 1353 para a Alemanha».²⁸ Deste modo, dá-se início a uma forte dinâmica de valorização da devoção ao Coração de Jesus na Alemanha, a qual terá forte impacto junto de diversos frades dominicanos, tais como João Tauler (1300-1361) e Henrique Suso (1295-1366). Por outro lado, as freiras e monjas, que se espalhavam pelas margens do Rio Reno – sobretudo na cidade de Colmar, mas igualmente noutras cidades germânicas que tal rio atravessava –, expandiram esta devoção, com os seus escritos e conversas espirituais. E isto, pois, com a ajuda daqueles acompanhantes espirituais dominicanos, encontraram, e deram a conhecer, um tesouro até então quase escondido: «o coração ferido pelo amor, cuja água purifica, cujo sangue nutre».²⁹

1.3 O SÉCULO XVI

No século XV, encontramos-nos com um mitigado esfriar da devoção do Sagrado Coração de Jesus. De facto, esta – com valorosas exceções, como as que encontramos, por exemplo, em Francisca Romana (1384-1440) e Catarina de Génova (1447-1510) – pouco mais viveu do que através do prolongamento do já visto acerca do século XIV, embora «depois de meados do século XV sejam em número incontável as obras a ele dedicadas e, também a partir dessa época, as representações pictóricas e escultóricas do Sagrado Coração se tenham multiplicado muito rapidamente»³⁰ –, chegamos, nesta nossa exposição ao importante século XVI.

Nesta centúria inicia-se uma grande viagem na expansão da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Porém, não é a viagem de uma ou várias pessoas, mas a obra de um cartuxo, Rodolfo da Saxónia (c.1300-1378),³¹ intitulada “*Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo*”. Na realidade, tendo sido impressa ainda no final do século XV, ela teve um impacto profundo na divulgação da devoção ao Coração de Jesus, na medida em que, por uma circulação interna à ordem de tal autor, chegou às mais de 200 cartuxas da

²⁸ Maria Larrea, *El Culto al Corazon de Cristo segund el Magisterio Pontificio* (Madrid: Editorial Edapor, 1983), 18.

²⁹ M. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1028.

³⁰ Joseph Julius Charles Petrovits, *Theology of the cultus of the Sacred Heart: A moral, dogmatic and historical study* (Washington, D.C.: Catholic University of America, 1917), 48.

³¹ Louis Gougaud, *Dévotions et pratiques ascétiques du Moyen Âge* (Paris: Desclée de Brouwer, 1925) 95-96; 109-110; 121-122.

europa. Com ela, chegou igualmente uma mensagem pensada para ajudarem os monges a conhecer e a amar o Sagrado Coração de Jesus, de um modo tão afetivo quão efetivo, tão característico à espiritualidade da ordem fundada por Bruno de Colónia (1030-1101).³²

Já visivelmente generalizada como devoção no final da Idade Média e durante o Renascimento, o séc. XVI é verdadeiramente rico no desenvolvimento da devoção e do estudo teológico do Sagrado Coração de Jesus. Com efeito, começa-se: a organizar o mesmo de modo claramente distinto de outras devoções, a ter determinadas práticas próprias e, enfim, a tornar-se objeto de uma atenta e concreta reflexão teológica que, no fundo e um pouco *a posteriori*, fosse consubstanciando, eclesial e teologicamente, aquilo que já era uma realidade entre o povo crente cristão.

Relativamente a este ultimamente referido estudo, é justamente neste período que surge o que poderemos considerar, com alguma amplitude terminológica, o primeiro manual de devoção ao Sagrado Coração de Jesus: “*O tesouro do amor divino*”. Escrito por João Juste Gereecht (1489-1539) – tradicionalmente conhecido como Lanspérgio o Cartuxo –, esta obra, impressa em Paris no ano de 1573 e «mantendo totalmente em silêncio os temas metafísicos da mística renano-flamenca»,³³ coloca o seu foco no amor que penetra o Coração aberto de Jesus, um Coração dilacerado, muito bom e amoroso para toda uma humanidade que só nele encontra o seu repouso.³⁴

Mas mais pode ser dito. Lanspérgio, contudo, não “cai do céu” no meio de um deserto. Ele surge depois de Tiago de Clusa, Henrique Arnold, Nicolau Kempf, Dionísio o Cartuxo e Domingos de Treves. Pretendia, essencialmente na linha deste último, que os devotos tivessem uma imagem do Coração de Jesus, que os recordasse, sobretudo, da sua ferida do lado e que, assim, os estimulasse a multiplicar os seus atos de amor e, ao beijar essa imagem entendessem que estão a tocar, com os lábios, no próprio Coração Divino de Jesus.³⁵

No fundo, e retomando umas palavras de Catarina de Siena (1347-1380) – outra grande apostola da devoção que temos em vista,³⁶ embora «mais centrada do Precioso Sangue de Jesus»³⁷ –, Lanspérgio sugere que Jesus deixou o Seu Coração ser

³² Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1027.

³³ Louis Cognet, *Histoire de la spiritualité chrétienne*, vol. 3 (Paris: Aubier, 1960), 48.

³⁴ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1030.

³⁵ Cf. Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 258.

³⁶ Cf. Dalgairns, *The devotion to the Heart of Jesus*, 83-86.

³⁷ Cf. Dalgairns, 86.

trespassado «para que as pessoas compreendessem que o Seu amor é maior do que qualquer sinal exterior de padecimento, pois se os Seus sofrimentos iriam ter um fim, o meu amor jamais terminaria».³⁸ Eis porque, num dos seus hinos cristiformes, este autor pôde escrever:

«Oh, que desmedida caridade,
Que infinita bondade!
Jesus, o teu coração dá-Te inteiro
E Tu nos abres todo o teu coração».³⁹

Lanspérgio tirou também as obras de Gertrudes de Helfta das prateleiras das bibliotecas e preparou uma nova edição que viria a ser publicada postumamente por um dos seus discípulos, Teodorico Loher. Trabalhador incansável da promoção da devoção ao Sagrado Coração, Lanspérgio, pelas suas palavras, escritos e obras, influenciou várias pessoas, especialmente duas que sobressaem do meio «de um fluxo subterrâneo que fluiu através de quase todo o pensamento católico».⁴⁰

Em primeiro lugar, o jesuíta holandês e evangelizador do catolicismo na Alemanha pós-Reforma, Pedro Canísio (1521-1597), o qual: também teve experiências espirituais fortíssimas acerca do Sagrado Coração;⁴¹ nunca se separava de um livro com uma antologia dos textos de Matilde de Hackeborn sobre o mesmo; escreveu um tratado que se tornará clássico e de onde sairá a famosa jaculatória «ó meu Deus, pelo teu Coração ferido dá medicina para a minha alma enferma».⁴² Depois, o Abade beneditino flamenco Luís de Blois (1506-1566), que incentivou a oração mental ao Sagrado Coração a ponto desta, tida como meio de o crente se aproximar de Deus para com Este se unir, ter passado a ter, em quem por si era dirigido, um apreço análogo à oração litúrgica.⁴³

Estes três autores podem ser mesmo considerados os grandes evangelizadores desta devoção neste período histórico. Juntos, tiveram um papel extraordinário a

³⁸ James Kubicki, *A Heart on Fire: Rediscovering Devotion to the Sacred Heart of Jesus* (Notre Dame: Ave Maria Press, 2012), 42.

³⁹ Lanspérgio o Cartuxo, APUD Augustin Devaux (ed.), *La poésie latine chez les chartreux: Une anthologie avec traduction française* (Salzbourg: Universitat Salzbourg, 1997), 255.

⁴⁰ Henri Daniel-Rops, *The Church in the Seventeenth Century* (London: Dent; New York: Dutton, 1963), 248.

⁴¹ Cf. William P. O'Brien, «La Colombière, Alacoque, and devotions to the Sacred Heart», em *A Companion to Jesuit Mysticism*, ed. Robert Aleksander Maryks (Leiden: Brill, 2017) 167 [166-192]; James Kubicki, *A Heart on Fire*, 48.

⁴² Pedro Canísio, APUD Antòn Witwer, «San Pietro Canisio e la spiritualità del Sacro Cuore», em *Il Cuore di Cristo: Luce e Forza*, org. Charles André Bernard (Roma: ADP, 1995), 98.

⁴³ Cf. Joseph Julius Charles Petrovits, *Theology of the cultus of the Sacred Heart*, 24; Philibert Schmitz, *Histoire de l'Ordre de saint Benoît*, vol. 6 (Paris: Maredsous, 1949), 277.

organizá-la e propagandea-la. Para além disso, fizeram transparecer a ideia de que esta devoção era um excelente exercício de vida ascética, apresentando-nos, de um modo mais pedagógico do que teórico, uma série de práticas e orações que pretendiam facilitar o exercício pessoal e comunitário desta mesma devoção.⁴⁴

Para além destas figuras, muitas outras deram o seu contributo nesta matéria, nomeadamente místicos e ascetas espanhóis e italianos que começam a distinguir firme e quase definitivamente a devoção ao Sagrado Coração de Jesus da ferida do lado d'Este. Apesar de alguns deles ainda não o assumirem de forma direta, outros vão-no demonstrando, através dos seus escritos essa mesma realidade, ainda que a atenção não se afaste totalmente da mencionada ferida.⁴⁵

João de Ávila (1499-1569), místico espanhol deste tempo e que foi declarado Doutor da Igreja há não muitos anos, mostra-nos uma forma diferente de devoção ao Coração de Jesus, na medida em que – apesar de não ter sido um fervoroso pregador desta, nem mesmo um grande escritor sobre ela – ao meditar frequente e intensamente a vida de Nosso Senhor ele mostra-nos a devoção em ação. Segundo ele, e seguindo-se Jean Vincen Bainvel na sua cuidadosa escolha de textos:

«“Ele [Jesus] nos ensina, a entrar no ‘Santo dos Santos’”, considerando João que “o coração de Jesus Cristo não é santo, mas a própria santidade”. Pois – continua ele noutra local – “como não se contentou em sofrer externamente, amou-nos do fundo do seu coração, porque não deve ser suficiente para vós imitá-lo naquilo que ele sofreu externamente: também vós deveis entrar no seu coração e imitar o que ali acontece”. Estamos, portanto, no genuíno âmago da devoção ao Sagrado Coração. O que se segue é ainda mais expressivo: “Para nos facilitar isso, ele permitiu que uma lança perfurasse o seu lado após a sua morte, de modo a abrir-nos uma porta para entrarmos neste coração, vermos e imitarmos o que ali se passa”».⁴⁶

Ainda em Espanha, o místico e jesuíta leigo Afonso Rodríguez (1531-1617), segue a linha de João de Ávila quando, em diversos momentos da sua obra – obedientemente escrita a pedido dos seus superiores enquanto ocupava o humilde ofício de porteiro numa comunidade em Mallorca – e a partir de distintas perspetivas, tenta explicar «como a alma habita no coração de Jesus, vivendo a contemplação, e como Jesus, pelo grande amor que tem por ela, a coloca no seu coração».⁴⁷ E isto, de modo a que o crente se pudesse configurar cada vez mais com o Coração amoroso de Cristo, podendo e devendo – se a graça divina a isso o propiciasse – fazer a experiência de que

⁴⁴ Cf. Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 258.

⁴⁵ Cf. Bainvel, 269

⁴⁶ Bainvel, 270; cf. José Antonio de Aldama, «Juan de Ávila, precursor de Santa Margarita María de Alacoque en la devoción al Sagrado Corazón de Jesús», *Maestro Ávila* vol. 1 (1946): 255-268.

⁴⁷ Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 273.

a vivência de Deus pelo Coração de Jesus poderia convergir numa espécie de união com o próprio Deus.⁴⁸

Deixando-se a Espanha para trás e indo-se até à Itália, não podemos deixar de mencionar Catarina de Ricci (1522-1590), uma grande devota de Maria, mãe de Jesus, e que ela menciona, num dos seus êxtases, tê-la levado pela mão à presença do seu Filho, com o propósito de Este lhe transformar o seu Coração carnal num Coração celestial, mais parecido com o d'Ele. Ora, segundo o testemunho de Catarina de Ricci, Jesus Cristo não recusou o pedido de Sua mãe e transformou o coração de Catarina, recordando-lhe que desde aquele momento ela já não pertencia mais a ela própria, mas a Si próprio, que lhe tinha purificado o coração.⁴⁹ Eis o que Paolo Lungo chama de «mudança de coração, ocorrido precisamente no dia do 'Corpus Domini' de 1541»,⁵⁰ tratando-se de algo que, no fundo e mudando na sua perspetiva de ver a realidade a partir dos olhos misericordiosos de Deus, fez com que o fundamento espiritual da proposta de Catarina possa ser sintetizado nas seguintes palavras: «Estejam alegres, pois Deus ama-vos e qualquer coisa alegre a quem ama a Jesus com todo o seu coração».⁵¹

Também Madalena de Pazzi (1566-1607), à imagem de Catarina de Ricci, pediu um Coração idêntico ao de Jesus. Não se tendo debruçado tanto sobre Maria, mas sobre outros santos da sua devoção, Madalena recebeu o Coração que tanto ansiava: o Coração de seu Esposo. Esta freira, que sempre pediu sigilo relativamente a esta dádiva do Coração de Jesus, inflamada pelo seu amor, disse uma expressão ao jovem jesuíta Luis Gonzaga que, apesar de não ser propriamente um pensamento expresso acerca do Coração de Jesus, aproxima-nos dele e mostra-nos como a vida dos cristãos está próxima desta fonte de amor divino: «Oh, como ele amava na terra! Ele atirava flechas no coração da Palavra... Agora que ele está no céu, estas flechas estão no seu coração, pois ele agora entende e desfruta dos atos de amor e união».⁵² No fundo, ser cristão, para esta autora é deixar-se ferir pelo amor de Jesus e, assim, encontrar uma sanidade espiritual ímpar no amor capaz de elevar, aqueles que essa graça acolherem, «serem possuídos por Deus numa união mística transformativa»⁵³ – algo, pois, análogo clássica

⁴⁸ Cf. Ignacio Casanovas, *San Alonso Rodríguez: Coadjutor temporal de la Compañía de Jesús* (Barcelona: Editorial Balmes, 1947), 273.

⁴⁹ Cf. Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 276.

⁵⁰ Paolo Lungo, *Ricerca di Dio e ritrovamento di sé: Il percorso umano e teologale di santa Caterina de' Ricci* (Bologna: ESD, 2005), 26.

⁵¹ Paolo Lungo, *Ricerca di Dio e ritrovamento di sé*, 87.

⁵² Madalena de Pazzi, APUD Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 277.

⁵³ Cf. Charlò Camilleri, *Desiderio e passione: L'amore di Dio nell'esperienza mistica di santa Maria Maddalena de' Pazzi* (Perugia: Graphe, 2007).

à doutrina da divinização, em que se afirma que o crente, pela graça, pode tornar-se o que Deus é pela natureza (*CdIC* 460).

Por muito que o desejássemos, seria de todo impossível continuar a referir todos os relevantes autores e atuantes que, ao longo do século XVI, contribuíram para o sucesso da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, donde ficámos pelos antes mencionados que, pelas leituras históricas que fizemos, são dos mais relevantes.

Contudo, importa ainda realçar dois aspetos relacionados com a associação entre o século XVI e esta devoção. Por um lado, e talvez pela sua capacidade organizativa, bem como pelos seus problemas teológicos e históricos – que referiremos na terceira parte deste Trabalho – pudemos verificar das nossas leituras que os principais teólogos, oradores e exegetas que se dedicaram a esta devoção ao longo deste período eram, sobretudo, membros de, a esse tempo, eruditas Ordens Religiosas: Franciscanos, Capuchinhos, Dominicanos, Agostinhos e, mormente, Jesuítas.⁵⁴

Por outro lado, foi neste século que começaram a ser, com mais frequência, erigidos edifícios e impressos livros dedicados ao Sagrado Coração de Jesus. Destacamos, neste contexto, a construção, no ano de 1562, quer de uma capela dedicada ao Coração de Jesus na igreja de São-Martinho de Étain, quer, e na cidade de Guaropari, de uma sala em honra do Coração de Jesus que pretendia simbolizar o Seu amor por nós, sendo ainda um local onde os devotos se podiam reunir para intensificar e levar mais longe esta devoção.⁵⁵ Já no final deste século, mais concretamente em 1598, foi publicado em Lyon, por João Miguel de Vesley – então Geral dos cartuxos –, e sob o nome de “*Manual de Exercícios de Piedade*”, um importantíssimo livro, pensado inicialmente para uso diário de monges da Cartuxa, mas que rapidamente se estendeu para fora desse âmbito, no qual o Sagrado Coração é mencionado em todas as páginas, manifestando, assim, o relevo que passara a ser atribuído ao mesmo.⁵⁶

Em consequência do apresentado até este momento desta secção do nosso Trabalho, podemos observar que o empenho que foi sendo desenvolvido ao longo dos séculos anteriores acerca da devoção ao Coração de Jesus – ainda que essencialmente em mosteiros, conventos e geralmente de forma muito privada – converge neste final do séc. XVI num novo fulgor que passou a incrementar cada vez mais esta forma devocional dos fiéis se aproximarem de Deus. Ou melhor: se deixarem aproximar por Deus.

⁵⁴ Cf. Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 278.

⁵⁵ Cf. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1030.

⁵⁶ Cf. Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 266-267.

1.4 O SÉCULO XVII

Eis-nos chegados a um período em que, muitas vezes, é o primeiro a ser considerado, quando se deseja tratar desta devoção ao Sagrado Coração de Jesus, ignorando-se, usualmente por motivos de simplificação e/ou promoção particular da França e/ou de Marie Alacoque, a sua – se assim o pudermos dizer – pré-história que apresentámos até aqui. O século XVII é, efetivamente, um dos períodos mais significativos da história desta devoção, visto que ela se começa a dissociar totalmente da Paixão de Cristo e/ou das Cinco Chagas,⁵⁷ assumindo um culto e uma devoção própria que chega até hoje.

Um dos primeiros passos mais decisivos nesse sentido é levado a cabo pelas beneditinas de Montmartre, que – já depois do incêndio que destruiu uma grande parte da sua abadia e sua posterior reconstrução juntamente com a do célebre “Martyrium” – as receberam dos Países Baixos e da Alemanha, por Catherine de Bar (1614-1698) – ou Matilde do Santo-Sacramento, seu nome religioso. Algumas Congregações religiosas passam, pouco tempo depois, a ter, de modo oficial, o Coração de Jesus como mestre e guia para a perfeição espiritual dentro do seu carisma. É o caso da Ordre du Verbe Incarné, fundada por Jeanne Chézard de Matel (1596-1670).⁵⁸

Mas os exemplos desta proliferação francesa vão muito além disto. Desde logo, temos o exemplo maior do “humanismo devoto” francês, Francisco de Sales (1567-1622) que juntamente com as freiras da Ordre de la Visitation de Sainte-Marie – fundadas por aquele e Joana-Francisca de Chantal – passam a considerar o Sagrado Coração como uma realidade espiritual capital para a sua vivência e adoram insistentemente o Mesmo. O papel daquele bispo de Genebra é de tal modo importante para esta devoção, que concentra a nossa atenção, que, graças aos seus notáveis escritos – especialmente as suas cartas –, se chegou a denominar àquele de «Doutor do Sagrado Coração de Jesus».⁵⁹

Depois de ter saído do mosteiro de Montmartre, a já nossa conhecida Catarina de Bar, funda as Bénédictines de l’Adoration perpétuelle du Très Saint Sacrement, Congregação que procura reunir pessoas que, como ela, sentiam o apelo a buscarem o descanso espiritual junto do Coração amado de Jesus. Descanso para elas, sim, mas também descanso para Jesus, pelo exercício de reparação adorante das feridas infligidas,

⁵⁷ Cf. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1030.

⁵⁸ Cf. Auguste Hamon, 1030-1031.

⁵⁹ Léon Gauthey, *Saint François de Sales et le Sacré-Coeur de Jésus* (Paray-le-Monial: Lambort 1992), 24.

a tal Coração, pelo pecado humano, começando, igualmente, a promover, a um nível de ligação àquela devoção que não conseguimos apurar, a noção de «vítima».⁶⁰

Já Luísa de Marillac, cofundadora com Vicente de Paul (1581-1660) das Filles de la Charité de Saint Vincent de Paul, tenta representar este bondoso Coração no peito de Jesus, procurando reassociar, de certo modo, a devoção ao peito de Jesus à da do Seu Sagrado Coração. Eis aquilo que irá fomentar as obras, orações e pregações por parte de inúmeros padres seculares e de Ordens Religiosas, devotos da segunda das duas devoções antes apontada, que a fizeram desenvolver e crescer, ainda que isoladamente e sem práticas comuns.⁶¹

Nascido em 1577, também o capuchino José de Paris (1577-1638) – posteriormente conhecido como *Eminence grise* – devido ao papel que desempenhou como conselheiro secreto do Cardeal Richelieu – deixou uma marca indelével na devoção ao Sagrado Coração de Jesus. A Congregação dos Bénédictines de Notre-Dame du Calvaire, por ele fundada em 1617 com Antonieta d’Orléans-Longueville (1572-1618), é imagem disso mesmo, particularmente pela homenagem pública que começa a prestar, e a incentivar que se preste, ao Coração de Jesus nas comunidades, e não só, da supracitada ordem. As monjas dessas comunidades, com efeito e seguindo o mencionado por José de Paris, abrem-se à manifestação coletiva da devoção ao Coração de Jesus. Envoltas pelo espírito do seu fundador, foram excelentes trabalhadoras na difusão da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, não apenas nas palavras que proferiam, mas também pelas ações que concretizavam num espírito «perfeitamente cristocêntrico, sendo o Filho a motivação e o objeto de todas as atividades espirituais [...] de modo a sermos introduzidos na fé nua do amor puro de Deus por meio do Coração de Nosso Senhor».⁶²

Seguindo o exemplo de José de Paris, Jean Eudes (1601-1680) impôs aos movimentos religiosos por ele fundados – a Ordre de Notre-Dame de la Charité, a Congrégation de Jésus et Marie e a Compagnie du Saint-Sacrement, aqui em colaboração com Gaston de Renty (1611-1649) – a devoção ao Coração de Jesus. Associado intimamente «à famosa Escola Francesa do séc. XVII, que teve como fundador o célebre Cardeal de Bérulle, que fundou também o Oratório de França, à

⁶⁰ Bénédictines du Saint-Sacrement de Rouen, *Catherine de Bar: Une âme offerte à Dieu en saint Benoît (1614- 1698)* (Paris: Téqui, 1998), 36.

⁶¹ Cf. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1031.

⁶² Benoist Pierre. «L’Éminence grise de l’Éminence rouge», em *La Religion des élites au XVII^e siècle*, ed. Denis Lopez, Charles Mazouer e Eric Suire (Tübingen: Gunter Narr, 2008), 102-103.

imitação do italiano S. Filipe de Neri»,⁶³ meditou intensamente os mistérios de Jesus e, depois de ordenado sacerdote oratoriano, dedicou-se intensamente a uma pregação popular centrada da bondade de Jesus.

Deveras fascinado pela figura de Jesus, deixou-se encantar pelo Seu exterior – os assim denominados mistérios da Sua vida –, mas percebendo que isso seria reduzir em demasia Alguém especial, apressou-se a querer entender o Seu interior, o Seu espírito. Nessa reflexão dá-se conta da importância do Coração de Jesus, o que, para ele e inicialmente, não representaria mais do que os Seus próprios sentimentos humanos. Mais tarde, Jean vai mais longe e passa a invocar as três dimensões do Coração Sagrado de Jesus enquanto especificações da sua pessoa: a corporal, a espiritual e a divina. Dito isto de outra forma: para Jean Eudes, o “Coração corporal” refere-se ao coração de carne como símbolo dos sentimentos da alma; o “Coração espiritual” corresponde à parte superior da alma; e, por fim, o “Coração divino” ao Espírito Santo.⁶⁴

Ora, como é fácil de se ver, se não se estiver atento à motivação subjacente às palavras por ele usadas, a doutrina de Jean pode ser, e foi, alvo de muitas discussões e discórdia – por exemplo: tem Jesus três “Corações”? –, mas a verdade é que os seus escritos «foram aprovados pelo arcebispo de Rouen e por vários bispos franceses»⁶⁵ e o seu zelo apostólico, na Normandia e no que se refere à devoção ao Sagrado Coração de Jesus, foi admirável, tendo mesmo, e como refere Pio XII na Encíclica “*Haurietis aquas*”, sido o primeiro a elaborar um «ofício litúrgico em honra do Sagrado Coração de Jesus, cuja festa se celebrou pela primeira vez, com a aprovação de muitos bispos de França, a 20 de Outubro de 1672».⁶⁶ Ou seja, um ano antes das aparições a Marguerite-Marie Alacoque «que eclipsarão muito do que ele fez».⁶⁷

De qualquer modo, Eudes foi uma marca indelével do século XVII na propagação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, tendo mesmo sido considerado pelo Papa Pio X (1835-1903-1914), no decreto da sua Beatificação, o “pai” desta devoção e aquele que primeiro uniu e prestou culto aos corações de Jesus e de Maria,⁶⁸ dizendo mesmo ter sido «verdadeiramente um homem enviado por Deus».⁶⁹ A sua obra foi de tal modo grandiosa que o seu apostolado não terminou com a sua morte, pois

⁶³ Pedroso, *Acreditar no amor*, 109.

⁶⁴ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1032.

⁶⁵ Cf. Auguste Hamon, 1032.

⁶⁶ Pio XII, «Encíclica *Haurietis aquas*», n.º 51, *AAS* 48 (1956): 339.

⁶⁷ Raymond Jonas, *France and the Cult of the Sacred Heart: An Epic Tale for Modern Times* (Berkeley; London: University of California Press, 2000), 13-14.

⁶⁸ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1033.

⁶⁹ Pio X, «Carta apostólica acerca da Beatificação de Jean Eudes», *AAS* 1 (1909): 477.

graças a tudo o que criou e concretizou, esta devoção estendeu-se por toda a França. Para além disso, este seu papel foi também fundamental para preparar o apostolado da grande mística francesa do Sagrado Coração de Jesus: «a tímida e grandemente afetiva»⁷⁰ Marguerite-Marie Alacoque.

1.4.1 Santa Marguerite-Marie Alacoque

Eis-nos chegados à ocasião de falarmos daquela que é considerada a apostola universal do Sagrado Coração de Jesus – a irmã da ordem fundada por François de Sales e Chantal. Marguerite-Marie Alacoque (1647-1690) – que, tendo recebido, nas suas palavras, a graça de se lhe ter sido manifestado o Coração divino de Jesus, mudou o modo de como esta devoção se estava a desenvolver.

Assim, se até 1675 esta devoção decorria, não apenas, mas essencialmente, entre as Ordens e Congregações religiosas, com forte incidência em países como a Alemanha, os Países Baixos e a França, depois desta data tudo se altera. Mais: a nível do objeto dessa devoção, a piedade cristã,

«meditando sobre a misteriosa ferida no lado de Jesus, tinha visto o Seu Coração ferido; visto todos as graças a saírem com a água e o sangue; visto o refúgio que tal Coração oferecia à alma culpada ou assediada, bem como os tesouros que continha; viu a ferida de amor na ferida material; viu, finalmente, o Coração divino todo-amoroso e todo-amoroso, o símbolo expressivo do amor, o resumo vivo das virtudes e da vida de Cristo».⁷¹

Naquele antedito, e segundo os seus relatos, dá-se a quarta, última e mais significativa das aparições do Sagrado Coração de Jesus na vida de Marguerite-Marie Alacoque. Diante do Santíssimo Sacramento, a jovem agradecia a Deus as graças recebidas e perguntava-Lhe como poderia retribuir tanto amor recebido.⁷² Vindo, segundo a mesma, o próprio Jesus ao seu encontro, diz-lhe que só tem de fazer o que tantas vezes já lhe fora pedido, referindo-Se, certamente, às Suas intenções de estabelecer o culto ao Seu Sagrado Coração.⁷³

Contudo, e sempre se seguindo o que a visionária nos relata, o próprio Jesus acaba por lhe mostrar claramente o que quer quando lhe revela o Seu Coração; aquele Coração que tanto amou o Mundo e que Se deixou perfurar pela lança do soldado, para

⁷⁰ Dalgairns, *The devotion to the Heart of Jesus*, 97.

⁷¹ Jean Bainvel, «Cœur Sacré de Jésus (Dévotion au)», em *DThC* 3, 320.

⁷² Cf. Bainvel, 25.

⁷³ Cf. Bainvel, 26. Teremos sempre o cuidado de direta ou indiretamente referir que o conteúdo das visões que terão sido tidas por Marguerite-Marie Alacoque decorrem dos seus relatos, motivo pelo qual também usaremos, sempre que for oportuno, verbos precedidos do verbo auxiliar ter na terceira pessoa do futuro do indicativo. Faremos isto, não por duvidarmos do que aquela refere, mas por um cuidado com o rigor teológico.

nos mostrar o seu amor e gratidão e que, no entanto, recebe maioritariamente ingratidão e, na Eucaristia, verdadeiros sacrilégios, pela indignidade moral, em primeiro lugar dos próprios Sacerdotes, e, depois, da restante assembleia.⁷⁴ Por isso, Jesus terá pedido a Marguerite-Marie e com o intuito de reparar tantos ultrajes recebidos, que na primeira sexta-feira após o Corpo de Deus se celebre uma festa particular em honra do Seu Sagrado Coração. Procedendo-se desta forma, Jesus promete a expansão da devoção do Seu Coração por toda a parte e, em consequência, o derramamento desmedido do Seu amor divino sobre aqueles que O honrem e venerem.⁷⁵

Surpreendida, como podemos ler nos seus escritos, com as palavras de Jesus, Marguerite-Marie terá ficado ainda mais estupefacta quando Este lhe diz que é normal chegar-se aos mais pequeninos e fracos, como ela, para confundir os mais fortes e poderosos.⁷⁶ Tendo percebido a ideia presente nestas palavras certamente em ligação com diversas passagens bíblicas (cf. *Sal.* 8,2; *Lc.* 1,46–55; *1Cor.* 1,27-29; *Tg.* 2,5), Marguerite terá perguntado que meios teria para colocar em prática os intentos do Mestre, ao qual Ele responde apontando para o então jovem padre Claude de la Colombière (1641-1682) – diretor espiritual da jovem, na ocasião presente e que ele mesmo, mais tarde, terá tido visões confirmatórias da autenticidade das de Marguerite.⁷⁷ Ao fazer isto, Jesus terá pedido que, em honra do Seu Santo Nome, fizesse o possível para estabelecer esta devoção em honra do seu Sagrado Coração, por maiores que viessem a ser as dificuldades encontradas.⁷⁸

Contudo, o Coração Sagrado de Jesus terá aparecido, anteriormente, três vezes junto de Marguerite-Marie, sendo que cremos que não é despiciente apontarmos alguns elementos sobre isso. Assim, e ainda que de modo sintético, podemos dizer, desde já, que todas as quatro ocasiões convergem na seguinte mensagem exterior: «França era uma nação eleita entre as demais, que os franceses eram um povo eleito e que para selar esta aliança o Rei de França – na ocasião Louis XIV – precisava apenas de consagrar a França ao Sagrado Coração, e colocar a imagem do Coração de Jesus nas cores reais».⁷⁹ Todavia, e como sabemos – seja por experiência vital, seja por conhecimento nocional que nos tenha chegado de diversas maneiras e de distintas fontes, desde as da Idade dos

⁷⁴ Cf. Bainvel, 27.

⁷⁵ Cf. Bainvel, 26-27.

⁷⁶ Cf. Bainvel, 25.

⁷⁷ Raymond Jonas, *France and the Cult of the Sacred Heart*, 24.

⁷⁸ Raymond Jonas, 2.

⁷⁹ Cf. Bainvel, «Cœur Sacré de Jésus (Dévotion au)», 26-27.

Padres da Igreja até às da nossa contemporaneidade –, o exterior não é sempre o essencial, donde vejamos o íntimo dessas outras três ocasiões.⁸⁰

Pois bem, acerca da primeira delas, que se julga ter acontecido a 27 de dezembro de 1673 e que marcará o tom para as demais, Marguerite-Marie menciona, em carta à sua madre superiora, que Jesus lhe confidenciara que ela iria ter que «sofrer imenso a nível físico como sinal da autenticidade da sua experiência».⁸¹ Mas não só: Jesus ter-lhe-á concedido a graça de descansar no Seu seio, tal como aconteceu com o discípulo amado e de lhe dar o Seu Coração, a Sua Cruz e o Seu amor.⁸² Em seguida, abriu-lhe o coração e disse:

«O Meu Coração divino é tão apaixonado pelo amor pelos homens, e por vós em particular, que como que já não pode conter em Si as chamas da Sua ardente caridade, é necessário que as espalhe por Si mesmo, e que Se manifeste a eles para os enriquecer com os Seus preciosos tesouros».⁸³

Posto isto, Jesus colocou o coração da jovem junto do Seu e voltou a retirá-lo: era como uma chama ardente. Devolvendo-o a Marguerite-Marie, tê-la-á feito pressentir-se, na linha da tradição joanina, como a “discípula amada” do Seu Sagrado Coração.⁸⁴ Com esta iniciativa, Jesus pretendia mostrar o seu amor pelos homens e mulheres e enriquecê-los com os Seus tesouros de salvação e santificação, tomando esta irmã visitandina como instrumento para a apresentação destes Seus propósitos.⁸⁵

Na sua segunda aparição, que terá ocorrido entre o ano de 1673 e 1674, não se verifica uma progressão da manifestação anterior. A jovem terá sido, isso sim, confrontada com uma visão simbólica do próprio Coração de Jesus, que se lhe terá aparecido fora do corpo, «num trono de chamas, mais radiante que um sol e transparente como um cristal, com a sua adorável ferida. Ele estava rodeado por uma coroa de espinhos e em cima tinha uma cruz».⁸⁶ Esta aparição e o simbolismo que comporta, apontam «numa clara mudança de tom»,⁸⁷ para o sofrimento de Jesus e para o desejo ardente que Ele tem em ser amado pelos homens e mulheres e de os tirar do caminho do

⁸⁰ Cf, para uma visão de conjunto das quatro manifestações que Marguerite-Marie aduz ter tido: Bainvel, *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, 18-41. Note-se que este autor, na sua abordagem à história desta devoção se limita a ponderar o que se sucedeu em Paray-le-Monial.

⁸¹ William P. O’Brien, «La Colombière, Alacoque, and devotions to the Sacred Heart», 176.

⁸² Cf. Bainvel, «Cœur Sacré de Jésus (Dévotion au)», 19.

⁸³ Bainvel, 19.

⁸⁴ Cf. Bernard Descouleurs e Christiane Gaud, *Marguerite-Marie Alacoque: la mystique du cœur* (Paris: Cerf; Saint-Maurice: Saint-Augustin, 1996), 87.

⁸⁵ Cf. Bainvel, «Cœur Sacré de Jésus (Dévotion au)», 20.

⁸⁶ Bainvel, 21.

⁸⁷ Bernard Peyrous, *Histoire de la spiritualité chrétienne* (Paris: Éditions de l’Emmanuel, 2010) 196.

mal. Por isso, seria necessário que os fiéis adorassem esse Coração de carne de Jesus, na medida em que, dessa forma, acabariam por se afastar do mal e se aproximarem de Deus. Honrar o Coração de Jesus é, parece-nos dizer a mensagem desta segunda vivência visionária de Marguerite-Marie, o caminho certo para alcançarmos os tesouros divinos de Deus.

Quanto à terceira aparição, que se pensa que poderá ter ocorrido em 1674 – apesar não se saber o dia nem o mês –, o contexto parece indicar ter sucedido numa primeira sexta-feira de um mês e sabe-se, agora com certeza, que o Santíssimo Sacramento estava exposto. No entanto, esse é um dado pouco relevante, tendo em conta que, neste terceiro encontro entre Marguerite-Marie e Jesus, o objetivo era que, juntamente com a prática das comunhões frequentes nas primeiras Sextas-feiras, ela partilhasse, durante uma hora e em todas as noites de quintas e sextas-feiras, a tristeza que ele sentiu no Jardim das Oliveiras pouco antes da Sua entrega por nós na Sua Cruz. Para isso, Jesus deixa-lhe a seguinte indicação:

«Para me acompanhar nesta humilde prece que então apresentei ao meu Pai através de toda a minha angústia, levantareis entre as onze e a meia-noite, para vos prostrardes comigo por uma hora com o rosto no chão, tanto para apaziguar a ira divina pedindo misericórdia para os pecadores, como para suavizar, de alguma forma a amargura que senti devido ao abandono dos Meus apóstolos... E durante esta hora farás o que Eu te ensinarei».⁸⁸

Vemos aqui, se o pudermos dizer, a devoção a ser moldada por uma dimensão de reparação compassiva e afetuosa para com o amor desconhecido do Coração de Jesus, e, de certo modo, por um amor de união a Jesus vítima por amor de cada ser humano, sendo as manifestações concretas apontadas anteriormente, e já de seguida a respeito de Louis XIV, nada mais do que concretizações pedagógicas que, na linha das preocupações do Renovamento Católico pós-Reforma Protestante, generalizam tudo o que terá sido dito a Marguerite-Marie.

Eis, face a isto, como o venerando, e ainda e sempre de boa memória entre as pessoas que dele se recordam, João XXIII a apresenta:

«uma humilde religiosa alheia a toda a veleidade e sem pretensões, de coração sincero, aberto sem reserva alguma às efusões da graça. Agradou ao Senhor por essa disposição de pureza angelical, simplesmente encantadora e longe de toda as ambições humanas (...). Recebeu o dom das revelações extraordinárias, inclusive em relação àquele insigne apostolado que o mestre lhe pediu: a devoção e glorificação dos mistérios do amor do Sagrado Coração».⁸⁹

⁸⁸ Bainvel, «Cœur Sacré de Jésus (Dévotion au)», 24.

⁸⁹ João XXIII, APUD Maria Larrea, *El culto al Corazon de Cristo según el Magisterio Pontificio*, 16.

Mas precisámos de ir um pouco mais longe: falámos, há momentos, de Louis XIV, e de facto é necessário fazê-lo, pois, tanto quanto podemos assegurar – há dúvidas históricas a este respeito – a nossa irmã visitandina comunica a este, pelo seu confessor – o padre François de La Chaise (1624-1709) – que Jesus lhe faz exigências bem sérias que ele terá desconhecido ou ignorado. A saber: que o “Roi Soleil” promova a presença do Coração de Jesus no seio da nobreza francesa e estrangeira; que ele coloque nos símbolos de França; que, enfim construa na corte um edifício com um quadro do Sagrado Coração.⁹⁰ Eis, assim, «a devoção ao Sagrado Coração a ser transformada, em última análise, num instrumento tão religioso quão político».⁹¹

Assim sendo, e face a estes dados, somos convidados a concordar com a afirmação do Papa Pio XII (1876-1939-1958), quando, na encíclica “*Haurietis Aquas*” afirma: «entre todos os promotores desta excelsa devoção, merece lugar especial Santa Margarida Maria de Alacoque».⁹² Todavia, é importante entendermos que a devoção apresentada por Jesus a Santa Marguerite-Marie Alacoque deve ser analisada sob dois pontos de vista que já apontámos de passagem. De um lado, como expressão de um amor de reparação pelo amor não reconhecido; pelo outro lado, como manifestação de união com Jesus, que Se entregou por nós e pelo bem da humanidade, pedindo que nutrisse misericórdia e solicitasse perdão pelas nossas faltas para com Ele. Separar estes dois aspetos, é distorcer as mensagens que terão sido recebidas em Paray-le-Monial.⁹³

Mas um outro aspeto, salientado pelo mesmo Papa no mesmíssimo documento antes citado, deve ser bem assinalado, face ao facto da Santa Sé ter parecido dar o seu *Nihil Obstat*, não só aos livros da nossa irmã, mas às suas próprias visões. Nunca, na história da Igreja se ouviu falar de comunicações divinas que tenham tido mais expressão e fossem mais reiteradas pela Santa Sé do que as de Santa Margarida Maria relativamente ao Sagrado Coração de Jesus⁹⁴:

«É evidente que as revelações com que foi favorecida Santa Margarida Maria não acrescentaram nada de novo à doutrina católica. A importância destas aparições consiste em que Cristo quis mostrar o seu Coração Sacratíssimo para chamar, de modo extraordinário e singular, a nossa atenção para a contemplação e a veneração do amor misericordioso de Deus para com o género humano. Com efeito, mediante manifestação tão excepcional, Jesus Cristo expressa e repetidamente indicou o seu coração como símbolo que havia de atrair os homens ao conhecimento e apreço do seu amor, e

⁹⁰ Cf. Raymond Jonas, *France and the Cult of the Sacred Heart*, 16, 26-27.

⁹¹ Bernard Peyrous, *Histoire de la spiritualité chrétienne*, 196; Maria Larrea *El culto al Corazon de Cristo según el Magisterio Pontificio*, 16.

⁹² Pio XII, «*Encíclica Haurietis aquas*», n.º 51, 339.

⁹³ Lauren G. Kilroy-Ewbank, *Holy Organ or Unholy Idol?* (Leiden; Boston: Brill, 2019), 49.

⁹⁴ Cf. Maria Larrea, *El culto al Corazon de Cristo según el Magisterio Pontificio*, 14.

constitui-o, ao mesmo tempo, sinal e penhor de misericórdia e de graça para as necessidades da Igreja nos tempos modernos».⁹⁵

Avançando-se na nossa exposição, é de dizer que a maior parte do que a nossa visitandina fez, só vieram a ser revelados em 1690, ano da sua morte e ocasião para se escreverem, imprimirem e divulgarem opúsculos, escritos e orações dela e acerca dela, tal como, por exemplo, a obra “*La Dévotion au Sacré Cœur de Nôtre-Seigneur*” do padre jesuíta Jean Croiset (1656-1738), antigo diretor espiritual de Marguerite-Marie e que, juntamente com o seu confrade Joseph de Gallifet, procurou – também motivado pela luta da Companhia de Jesus contra o Jansenismo⁹⁶ – manter acesa a chama das mensagens que terão sido recebidas por aquela. Mais uma vez, esta obra começa apenas a circular inicialmente mosteiros das irmãs da *Ordre de la Visitation de Sainte-Marie*, mas rapidamente estas distribuem-na por várias cidades de países da França, Alemanha e inclusive Polónia.⁹⁷

O sucesso desta obra, como a de de Gallifet – “*De cultu Sacrosancti Cordis Dei*” –, foi tão grande que se sentiu a necessidade de traduzir, modificar e reimprimir quase continuamente, para fazer chegar este escrito a mais pessoas, a ponto de, pelos missionários jesuítas, ter chegado à China e também à América. E isto, apesar de, devido ao seu conteúdo altamente místico – numa altura em que a mística, depois de certos textos de Miguel de Molinos (1628-1696) ter sido condenada (cf. *DH* 2202-2269), ter passado a estar sob grande vigilância e estrito controlo –, ter estado, entre 1704 e 1887, no *Index librorum prohibitorum* e o texto de Joseph de Gallifet ter sido rejeitado, em Roma, por censores jesuítas.⁹⁸

Desta forma, as irmãs da Visitação e os jesuítas passam a ser os principais impulsionadores da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que, também às indulgências

⁹⁵ Pio XII, «*Encíclica Haurietis aquas*», n.º 51, 340.

⁹⁶ Embora não façamos uma extensa referência a este grande embate, o mesmo não pode ser minimamente esquecido na compreensão da devoção ao Coração de Jesus, como se vê no facto de, antes de falar da devoção ao Coração de Jesus, John Bernard Dalgairns ter colocado um explicativo no título (“*with an introduction on the history of Jansenism*”) e dedicado cerca de sessenta páginas a explicar a natureza do Jansenismo, diametralmente oposta a nível da espiritualidade do Coração de Jesus: cf. John Bernard Dalgairns, *The devotion to the Heart of Jesus*. De qualquer modo, e de uma forma muito sucinta, podemos dizer tratar-se de um movimento que, tendo sido condenado em algumas das suas teses (cf. *DH* 2001-2006; 2301-2332) tentou, não obstante a sua «focagem no esforço ativo para a salvação e o propósito moral na vida cristã, renovar a tendência de Agostinho para a predestinação»: Bradley P. Holt, *Thirsty for God: A Brief History of Christian Spirituality* (Minneapolis: Fortress Press, 2017), 157-158. Por seu lado, e como podemos ler na página 159 deste mesmo livro, «os jesuítas, fortes defensores do livre-arbítrio desde os tempos da Reforma, eram vigorosos oponentes do jansenismo».

⁹⁷ Auguste Hamon, «*Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion*», 1034.

⁹⁸ Cf. Eric Suire, *La sainteté française de la Réforme Catholique* (Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2001), 332.

que passaram a estar associadas à mesma, tomou um novo vigor, a ponto de o Papa Inocêncio XII permitir, no ano de 1697, a celebração da missa das Cinco Chagas nos conventos da Visitação – algo a que os fiéis já entendiam como a missa do Sagrado Coração.

1.5 O SÉCULO XVIII

No século subsequente ao da vida de Marguerite-Marie Alacoque, o fim de uma grande peste em França, mais precisamente na região de Marselha, em 1720, deu origem a que, nos anos seguintes, vários bispos franceses decretassem a festa do Sagrado Coração de Jesus na sexta-feira seguinte à oitava do Corpo de Deus. Por outro lado, o padre Joseph de Galliffet, entretanto feito assistente do Geral dos jesuítas em Roma, com o auxílio dos mosteiros da Visitação e Felipe V, rei de Espanha, imploraram, a finais da década antes apontada, ao Papa Bento XIII (1649-1724-1730) a aprovação da missa e do ofício do Coração de Jesus.⁹⁹

Ora, nesta altura Roma ainda não estava preparada para tal acontecimento e negou o pedido. Apesar disso, o culto, as obras e as orações iam continuando e a devoção crescendo. Com este progresso iam também surgindo os críticos, nomeadamente ateus, mas também (e como já referimos) jansenistas – sempre tão frios nas suas práticas devocionais e afastados de tudo o que pudesse ter “odor” a mística –, filósofos, protestantes e até católicos que criticavam,¹⁰⁰ sobretudo, os escritos e obras de arte dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus. E criticavam os escritos, pelo seu tom tão meloso e – diziam – demasiado místico e afastado dos problemas do Mundo; já as obras de arte – algumas que de “arte” nada tinham – eram, como continuaram a ser nos séculos seguintes, censuradas pela sua crueza e aspeto demasiado sentimental.¹⁰¹

Em 1765, o Papa Clemente XIII (1693-1758-1769) decide finalmente aprovar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, com o intuito de «permitir aos fiéis celebrar com maior devoção e fervor, sob o símbolo do seu Sacratíssimo Coração, a caridade de Cristo que desejava sofrer, pela redenção dos homens».¹⁰² Este acontecimento veio reforçar os laços entre a Santa Sé e os devotos do Coração de Jesus, num momento complicado para a Igreja Católica em que continuavam os ataques à devoção ao

⁹⁹ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1035.

¹⁰⁰ Cf. Auguste Hamon, 1035.

¹⁰¹ Nella Arambasin, *La conception du sacré dans la critique d'art: en Europe entre 1880 et 1914* (Genève: Droz, 1996), 349-351.

¹⁰² Cf. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1036.

Sagrado Coração, agudizados pela supressão das Ordens Religiosas em diversos países, nomeadamente dos Jesuítas que tinham extrema importância na defesa e expansão da devoção do Sagrado Coração Jesus.¹⁰³

No entanto, o Coração de Jesus já tinha muitos mártires que se espalharam por vários locais, defendendo e dando a conhecer o Coração Divino que Se fazia sentir cada vez mais na Igreja e no Mundo. Tudo isto era tão evidente que, em plena revolução industrial, foram fundadas várias Congregações religiosas com a pretensão de levar o Coração misericordioso de Cristo ao maior número de pessoas em consequência das terríveis condições em que laboravam e viviam.¹⁰⁴ Deste lote de Congregações, não podemos passar sem nomear o excelente trabalho dos jesuítas através da criação da da Congrégation des Sacrés-Cœurs e das Filles de Notre-Dame du Sacré-Cœur.¹⁰⁵

O que escrevemos nesta secção do nosso Trabalho foi assaz breve. Mas, não obstante, permite constatar que o século XVIII foi de significativa importância para o desenvolvimento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Resistindo a diversas críticas, demonstrou que tinha argumentos para ter uma posição segura no seio da vida crente católica, conquistando cada vez mais devotos e inclusive obtendo assentimentos romanos.¹⁰⁶ E isto, firmando-se teológica e espiritualmente a nível da piedade e de obras escritas – não nos esqueçamos que os já nomeados Jean Croiset e Joseph de Gallifet publicam as suas obras neste século, juntamente com o bispo Jean-Félix-Henri Fumel (com o seu *“Le culte de l’amour divin, ou la dévotion au Sacré coeur de Jésus”*), o padre Joseph Marie du Sacré Coeur (e o seu opúsculo defensor desta devoção, *“Réflexions chrétiennes et politiques sur l’état religieux, adressées à M. le Marquis de ***”*).

1.6 OS SÉCULOS XIX E XX

Após a, para a religião católica¹⁰⁷ e não só, terrível e traumática Revolução Francesa, a devoção (a tornar-se espiritualidade) em torno do Coração de Jesus na Europa, e especialmente em França, desenvolveu-se de forma bastante profícua. Isso pode comprovar-se através de alguns factos.

¹⁰³ Cf. Auguste Hamon, 1036.

¹⁰⁴ Cf. Auguste Hamon, 1036.

¹⁰⁵ Cf. Auguste Hamon, 1036.

¹⁰⁶ Cf. Auguste Hamon, 1036.

¹⁰⁷ Cf. André Latreille, *L’Église catholique et la Révolution française*, 2 vol. (Paris: Hachette, 1946-1950).

Em primeiro lugar, com o dos bispos refratários às aspirações anticlericais que recusaram o juramento constitucional dos bispos, diante do panorama avassalador que o Catolicismo estava a atravessar – recordemos, a título de exemplo, o martírio das carmelitas de Compiègne em 1974,¹⁰⁸ que, como sabemos, deu origem à ópera de Bernanos¹⁰⁹ –, terem começado a consagrar as suas dioceses ao Coração de Jesus: «antes de 1870, dois terços da França episcopal fizera este ato de devoção»,¹¹⁰ que acabará por ganhar cunho político. Depois, com o do aparecimento do relevo da Archiconfrérie du Sacré-Coeur de Jésus que, tendo surgido em Roma ainda com o papel interventivo do padre Joseph de Gallifet, acaba por se ligar a todas as confrarias do Mundo relacionadas com o Sagrado Coração, e acabará, já em 1894, por ver reconhecida por Leão XIII (1810-1878-1903) e a partir da sua secção de Montmartre, a sua «universalidade».¹¹¹

Em Terceiro lugar, o facto do Arcebispo de Paris, Hyacinthe-Louis de Quélen (1778-1839) em 1833, «ter autorizado às religiosas do mosteiro de Oiseaux celebrarem o primeiro mês dedicado ao Sagrado Coração»,¹¹² algo que se irá concretizar e que expandirá, depois e paulatinamente, a toda a Igreja, e entre esta alguns salientes cardeais e bispos, bem como elementos de ordens religiosas que, entretanto, voltaram a poder estabelecer as suas Ordens. Enfim, e para não estendermos em demasia este nosso elenco, o padre François-Xavier Gautrelet (1807-1886) escreveu o primeiro folheto sobre o “Apostolado da Oração”, que foi imediatamente aprovado pelo padre Jan Philipp Roothan (1785-1853), à altura Geral da Companhia de Jesus. Esta missão foi, depois, confiada, pelo seu maior espírito empreendedor, ao Padre Henri Ramière (1821-1884), que, por sua vez, publicou a obra “*O Apostolado da Oração, uma santa liga de corações cristãos unidos ao Coração de Jesus para obter o triunfo da Igreja e a salvação das almas*”, e criou a revista ainda hoje associada a esse Apostolado: o “*Mensageiro do Coração de Jesus*”.¹¹³

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus tinha atingido dimensões nunca vistas. Isto levou a Igreja, nomeadamente a Santa Sé, a tomar algumas medidas que satisfizessem o cada vez maior número de devotos. Nesse sentido, a 25 de Agosto de 1856, a Sagrada Congregação dos Ritos emitiu um decreto que anunciava a festa do

¹⁰⁸ Cf. Denys Le Sayec, *Du Carmel à l'échafaud* (Paris: Fenix, 1986).

¹⁰⁹ Cf. Georges Bernanos, *Dialogues des Carmélites* (Paris: POINTS, 1996).

¹¹⁰ Cf. Jacques Benoist, *Le Sacré-Cœur de Montmartre*, vol. 1 (Paris: Éditions Ouvriers, 1991), 185.

¹¹¹ Jacques Benoist, *Le Sacré-Cœur de Montmartre*, vol. 2 (Paris: Éditions Ouvriers, 1992), 549.

¹¹² Cf. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1037.

¹¹³ Cf. Paul De Meester, *Redécouvrir le Sacré Coeur* (Paris: MediasPaul, 2005), 76.

Sagrado Coração para a sexta-feira a seguir à oitava da Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Jesus. Mais tarde, em 1889, o Papa Leão XIII, enalteceu esta festa e, já em 1929, Pio XI (1857-1922-1939) elevou às mais altas honras litúrgicas esta devoção a transformar-se em espiritualidade.¹¹⁴

Ora, o facto de ter sido elevada às mais altas honras, fez com que ela fosse ainda mais estudada e credibilizada. Assim, foram surgindo alguns avanços, tendo-se chegado mesmo a dizer que o coração de carne simbolizava «o seu amor pelo seu Pai e pela humanidade (do qual o coração é o símbolo), através das suas palavras e ações conhecidas dos Evangelhos, e isto é a substância da adoração eucarística na Igreja do Sagrado Coração».¹¹⁵ Mas não só: muito se discutiu, neste período e entre os teólogos, se o amor considerado na Sua natureza humana – aquele que chorou a morte de Lázaro (cf. *Jo.* 11,35) – «inclui o amor incriado, ou seja, aquele que consideramos na sua natureza divina e que, seguindo o mesmo exemplo, criou Lázaro».¹¹⁶

Eis, talvez, o regresso às controvérsias cristológicas de Calcedónia, II Constantinopla e, sobretudo, III Constantinopla, com a problemática da união entre as duas naturezas de Jesus ser «conhecida em duas naturezas sem confusão, sem transformação, sem divisão e sem separação»¹¹⁷ e, depois, estas naturezas terem, cada uma, uma vontade (amante) que se unem segundo os mesmos advérbios negativos anteriores (cf. *DH* 556).

Seja como for, e como já acima fomos apontando, tornou-se ainda mais consistente que a devoção ao Coração de Jesus deveria relacionar-se com a devoção à Paixão e à Sagrada Eucaristia. E isto, na medida em que, não só o próprio Jesus se dirigiu a Santa Marguerite-Marie Alacoque com expressões que indicavam essa mesma relação, mas também porque sendo o coração o símbolo do amor – só ele salvífico – decorrente da vontade humana e da vontade divina consumada numa Cruz antecipada na última Ceia (cf. *CdIC* 1340), podemos considerar a «Eucaristia como o dom do coração de Jesus, que o contém, o recorda, o mostra e o oferece a todos os cristãos».¹¹⁸

Para além disto – mais do âmbito eclesial e teológico – a sociedade civil vai também começando a dar sinais de que se quer aproximar deste Coração Sagrado; deste Coração, tão simbólico a nível da nossa percepção sensível da Sua representação, quão real no Corpo Glorioso de Jesus Cristo; deste Coração que expressa todo o amor de

¹¹⁴ Cf. Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1037.

¹¹⁵ Jacques Benoist, *Le Sacré-Cœur de Montmartre*, vol. 2, 549.

¹¹⁶ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1037.

¹¹⁷ Alois Grillmeier, *Cristo en la Tradición Cristiana* (Salamanca: Sígueme, 1997), 827.

¹¹⁸ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1037.

Jesus: criador, salvífico e plenificador no sentido de um «Teilhard que unifica o Sagrado Coração com o amor empírico que sustém e entrelaça todas as coisas e a tradição hebraico-helenista do Logos que dá racionalidade a toda a natureza».¹¹⁹ Nesse sentido, vários políticos mundiais consagram e proclamam o Coração de Jesus nos seus países como podemos verificar nestas afirmações:

«a 8 de Outubro de 1873, Garcia Moreno consagrou a República do Equador ao Sagrado Coração, proclamando-o seu patrono e protetor; em 1900 o Chefe de Estado consagrou a República da Colômbia; em 1914 o Presidente Huerte aprovou a consagração do México pelo episcopado. A 10 de Junho de 1890, o jovem Rei de Espanha, a Rainha Regente Maria Cristina e toda a família real, consagraram-se ao Sagrado Coração, Rei dos Reis; a 31 de Maio de 1919 Alfonso XIII renovou solenemente a sua homenagem [ao Coração do Verbo Encarnado, Redentor do Mundo, Rei dos Reis, Soberano dos que governam]».¹²⁰

Importa ainda referir que, mesmo aqueles países que pretendiam continuar a mostrar alguma neutralidade relativamente a questões de fé não conseguem parar esta forte devoção do povo. Os devotos, entusiasmados e fervorosos, chegam mesmo a tomar atitudes que foram proibidas pelas autoridades civis, nomeadamente a exposição pública da bandeira do Sagrado Coração de Jesus que, em França, tinha como objetivo desenvolver um certo culto social de pendor, não só restauracionista da monarquia,¹²¹ mas inclusive a nível militar, com a participação, na I Grande Guerra, «do Batalhão [francês] do Sagrado Coração».¹²²

Ainda assim, foram distribuídas aos milhões, insídias e bandeiras do Coração de Jesus e algumas bandeiras de certos países como, por exemplo e além da França, a Itália, a Rússia e a Roménia estiveram abrasonadas com o Coração de Jesus e teriam sido abençoados pelo Cardeal inglês Francis Bourne na Capela da Visitação em Paray-le-Monial.¹²³ Depois das bandeiras e insígnias, começam também a surgir novas estátuas, estandartes, pinturas e até igrejas dedicados ao Sagrado Coração de Jesus, onde realçamos: o monumento ao Sagrado Corazón em Bilbao, a Basilica del Sacro Cuore di Gesù em Roma e, sobretudo, a Basilique du Sacré-Cœur em Montmartre em Paris, considerada pelos cristãos de todo o Mundo o grande trono do Coração de Jesus.¹²⁴ E,

¹¹⁹ Kenneth L. Vaux, *An Abrahamic Theology for Science* (Eugene: Wipf & Stock, 2007), 75.

¹²⁰ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1040.

¹²¹ Serge Berstein, Pierre Milza e Gisèle Berstein, *Histoire du XIX^e siècle* (Paris: Hatier, 2021), 415.

¹²² Alain Denizot, *Le Sacré-Cœur et la Grande Guerre* (Paris: Nouvelles Editions Latines, 1994), 165.

¹²³ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1041.

¹²⁴ Auguste Hamon, 1041.

de facto, cremos que é difícil ficar indiferente à mesma, que, com a sua força, beleza e a imagem do Sagrado Coração de Jesus na fachada, domina sobre a cidade de Paris.

No século XIX o desenvolvimento desta devoção chegou a várias outras manifestações de piedade, nomeadamente; as jaculatórias; os escapulários; as orações para os mais variados dias, meses e anos; atos de amor, gratidão e até rosários do Sagrado Coração.¹²⁵ Com o intuito de reforçar ainda mais esta prática na vida da Igreja, os mais variados devotos, organizavam-se em confrarias e arquiconfrarias espalhadas por cidades de todo o Mundo. A nível dos Institutos, Congregações e Ordens religiosas multiplicam-se os nomes com referência ao Sagrado Coração de Jesus: as Religieuses du Sacré-Cœur de Jésus; os Frères du Sacré-Cœur; os Missionnaires du Sacré-Cœur de Jésus; e os Prêtres du Sacré-Cœur de Jésus – presentemente mais conhecidos como padres Dehonianos.¹²⁶

Mas não é tudo: os devotos não faltavam à chamada nos vários níveis da hierarquia católica. Assim, nas imensas dioceses e paróquias do Mundo, os fiéis, em países cristãos ou de missão, dirigem escolas, orfanatos, ensinam a ler, a rezar e acolhem os mais desfavorecidos, testemunhando o amor que nutrem pelo Coração de Cristo misericordioso e justo.¹²⁷ De qualquer modo, para além desta dimensão prática de presença na sociedade, a devoção ao Coração de Jesus é rica naquilo que corresponde ao entendimento da vida espiritual, moral e emocional do próprio Jesus, sendo que, com a lenta aprovação eclesiástica à devoção ao Coração de Jesus a Igreja ia pretendendo atingir um duplo objetivo: «recordar o amor que Jesus mostrou aos homens pela Instituição da Santa Eucaristia e exortar os cristãos a comungar mais vezes, evidenciando a sua gratidão à infinita caridade que manifesta a sua plenitude no sacramento do amor».¹²⁸

Consolidada tal devoção em toda a Igreja, os soberanos pontífices começavam a responder aos desejos dos fiéis permitindo que se consagrassem ao Coração de Jesus. Em seguida, na comemoração dos 200 anos das aparições a Santa Marguerite-Marie Alacoque, Pio IX, depois de reconhecer a heroicidade das virtudes desta religiosa no ano de 1846, autorizou os fiéis a consagrarem-se ao Coração de Jesus e acabou também ele por realizar esse ato.¹²⁹ Mais tarde, a Encíclica “*Annum Sacrum*”, do Papa Leão

¹²⁵ Jacques Benoist, *Le Sacré-Cœur de Montmartre*, vol. 2, 967.

¹²⁶ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1038.

¹²⁷ James Kubicki, *A Heart on Fire*, 79.

¹²⁸ Auguste Hamon, «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion», 1041.

¹²⁹ Jacques Benoist, *Le Sacré-Cœur de Montmartre*, vol. 2, 350.

XIII¹³⁰ surge como preparação para o grande evento da Consagração do género humano ao Sagrado Coração de Jesus que, com uma oração composta pelo próprio Sumo Pontífice, teve lugar a 11 de junho de 1899 e que, para o mesmo «foi o mais importante gesto do seu pontificado».¹³¹ Advirtamos, desde já e ainda que somente de passagem, que este ato resulta da insistência da Irmã Maria do Divino Coração em escrever ao Papa, por duas vezes, pedindo-lhe para esse efeito, dizendo-lhe obviamente que o fazia por recomendação do Senhor que se lhe havia manifestado – tal como veremos, com maior detalhe, no segundo capítulo deste Trabalho.

Já no século XX, Pio X fez a renovação anual da festa ao Sagrado Coração de Jesus, enquanto o seu sucessor, o Papa Pio XI, dedica as encíclicas “*Quas Primas*”¹³² e “*Miserentissimus Redemptor*”¹³³ a esta matéria. Nestas, decretou que a consagração ao Coração de Jesus deveria ter lugar na festa de Cristo Rei, enquanto na segunda nos fala da expiação que todos devemos ao Sagrado Coração de Jesus. Desta forma, os fiéis na festa do Sagrado Coração de Jesus fazem-lhe orações de súplica e de louvor, expiação e reparação, tal como ele pediu a Santa Margarida Maria e, na festa do Cristo Rei, aclamam-no como seu Senhor e Rei. Em seguida, na encíclica “*Caritate Christi Compulsi*”,¹³⁴ o mesmo Papa volta ao tema, escrevendo sobre os males do tempo e fazendo referência ao facto de não haver melhor oportunidade para se unirem em orações e atos de reparação que a solenidade do Coração de Jesus,¹³⁵ na certeza de que Ele não deixará de se comover com todas as preces que Lhe forem dirigidas: «o divino Coração de Jesus não pode deixar de se emocionar com as orações e sacrifícios da Sua Igreja, e por fim dirá à Sua Esposa, chorando a Seus pés sob o peso de tantas dores e aflições: “Grande é a tua fé; seja feito como queres” (Mt. 15,28)».¹³⁶

Pio XII também não ficou indiferente à grandeza do Sagrado Coração de Jesus na vida da Igreja. Nesse sentido, também ele dedicou bastante daquilo que escreveu a esta forma de devoção (já então quase assumida como espiritualidade) que se instalava e crescia cada vez mais na Igreja. Foram algumas as encíclicas, as cartas e as mensagens em que faz referência ao Coração de Jesus, contudo importa referenciar a mais

¹³⁰ Cf. Leão XIII, «Encíclica *Annum Sacrum*», *ASS* 31 (1898-1899): 646-651.

¹³¹ Bertrand de Margerie, *Histoire doctrinale du culte envers de Cœur de Jésus*, vol. 2 (Paris: Saint-Paul, 1995), 41.

¹³² Cf. Pio XI, «Encíclica *Quas Primas*», *AAS* 17 (1925): 593-610.

¹³³ Cf. Pio XI, «Encíclica *Miserentissimus Redemptor*», *AAS* 20 (1928): 165-178.

¹³⁴ Cf. Pio XI, «Encíclica *Caritate Christi Compulsi*», *AAS* 24 (1932): 296-303.

¹³⁵ Cf. Pio XI, n.º 30, 192.

¹³⁶ Cf. Pio XI, n.º 34, 193-194.

significativa de todas, a encíclica “*Haurietis Aquas*”,¹³⁷ redigida em maio de 1958, para a celebração do centenário da extensão da festa do Sagrado Coração de Jesus a toda a Igreja, e onde o Papa resume o mais importante da doutrina sobre esse Coração e seus aspetos derivados, nomeadamente os devocionais decorrentes de Paray-le-Monial.

Na linha dos anteriores pontífices, os papas João XXIII – que se afirmou como um «sacerdote do Sagrado Coração»¹³⁸ – e Paulo VI – que disse que «a Eucaristia era o dom maravilhoso do Sagrado Coração de Jesus Cristo»¹³⁹ – não ficaram indiferentes a esta devoção, e, de facto, os seus pontificados também ficaram marcados por dirigirem algumas das suas comunicações ao Sagrado Coração de Jesus e ao relevo que ele já tinha diante da comunidade crente. Eis algo que se evidenciou ainda mais com João Paulo II, visto ter sido um Papa que «falou mais sobre o Sagrado Coração de Jesus do que todos os seus antecessores juntos, mas mais num modo homilético do que sob a forma de uma exposição teológica».¹⁴⁰ De facto, e embora não tenha escrito uma encíclica específica dedicada ao mesmo, não cessou de falar desta temática, nomeadamente em homilias dirigidas a sacerdotes e seminaristas, fomentando assim este amor ao Coração de Jesus como uma fecundíssima forma de santificação dos sacerdotes, candidatos ao sacerdócio e, como não podia deixar de ser, de todo o povo cristão.

Deixando de lado os pronunciamentos dos Papas mais recentes para outro momento do nosso trabalho – em concreto a sua terceira parte, em que falaremos do relevo desta devoção ao Sagrado Coração de Jesus para os nossos tempos –, podemos dizer, em jeito de síntese, que mesmo diante das várias contrariedades que foram surgindo ao longo do tempo, dos impasses e lutas que se foram travando, o facto é que o amor e tal devoção foram vencendo com a frágil força do amor. Fica claro que haverá razão para dizer que Jesus está com esta devoção – ou, como gostaríamos que fosse mais corretamente denominada, forma de espiritualidade –; que a quer manifestar aos fiéis; e que intervém quando o seu plano, de O vivermos intimamente, também inclinando o nosso ouvido ao Coração de Jesus (cf. *Jo.* 13,23), parece não estar a funcionar.

¹³⁷ Cf. Pio XII, «Encíclica *Haurietis Aquas*», 309-353.

¹³⁸ João XXIII, APUD Philippe Chenaux, *Les enseignements de Jean XXIII* (Saint-Maurice: Saint-Augustin, 2000), 112.

¹³⁹ PAULO VI, APUD Paul De Meester, *Redécouvrir le Sacré Coeur*, 118.

¹⁴⁰ Paul De Meester, *Redécouvrir le Sacré Coeur*, 80.

2. Biografia de Maria do Coração de Jesus

No capítulo anterior entrámos em contacto com aquilo que é a história da devoção ao Sagrado Coração de Jesus ao longo dos séculos, tendo percebido: como surgiu, o seu desenvolvimento, as figuras mais relevantes relativas à mesma e em que geografias foi mais presente e contribuiu para uma maior aproximação a Deus dos fiéis devotos do Sacratíssimo Coração de Jesus.

Maria Droste zu Vischering é mais uma figura de destaque no desenvolvimento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Ela foi uma verdadeira apostola do Coração de Jesus, numa geografia e Congregação muito específicas – as Irmãs do Bom Pastor em Portugal. Uma jovem vinda da Alemanha para o Porto, onde viria a falecer.

Nas páginas seguintes iremos poder deliciar-nos com a sua história, a sua coragem, a sua valentia e o seu amor aos demais – nomeadamente às meninas órfãs que eram acolhidas na Congregação do Bom Pastor – e ao Sagrado Coração de Jesus, a quem dedicou toda a sua vida. Maria marcou, a seu modo, este período histórico e deixou-nos uma obra e um legado que tentaremos dar a conhecer nas páginas seguintes.

2.1 NASCIMENTO E INFÂNCIA EM DARFELD

No dia 8 de setembro de 1863, uma grande alegria invadia a casa Droste. Era o nascimento de mais um elemento da família. Porém, este acontecimento veio a revelar-se ainda mais extraordinário quando, após o médico ter nos braços um menino – ao qual os pais colocaram o nome de Max –, nasce também uma menina, à qual, por ter nascido na festa da natividade da Virgem Maria, lhe colocaram o nome de Maria.¹⁴¹

Filha de Helene Gräfin von Galen Droste zu Vischering e de Clemens Heidenreich Droste zu Vischering, Maria Anna Johanna Franziska Theresia Antonia Huberta Droste zu Vischering nasceu no Palácio Erbdrostenhof, em Münster, na Alemanha, tendo crescido com o seu irmão gémeo Maximilian (Max), a quem sempre esteve intimamente ligada. Isto mesmo é atestado num dos relatos da senhorita Anabelle Demazeau, a pessoa que instruiu os gémeos Droste no período da instrução primária:

«Max e Maria eram inseparáveis. Era qualquer coisa de encantador vê-los juntos. Fazer chorar um significava fazer chorar a outra. Porém, Maria exercia uma acentuada

¹⁴¹ Cf. Antonio Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade* (Porto: s. ed., 1984), 28.

influência sobre o irmão e às vezes chegava a abusar. Menos meiga, mais vivaça, até mesmo mais viril, estava convencida de que tinha de proteger o irmão. Uma vez, o pai repreendeu o pequeno; furtivamente, Maria gatinhou por baixo da mesa e foi arranhar com as suas unhas as polainas do pai, para este parar de ralar». ¹⁴²

Por terem nascido bastante frágeis, foram batizados imediatamente pelo médico que assistiu ao parto. No entanto, dois dias depois, a 10 de setembro, Max e Maria receberam a confirmação do batismo, sendo ministro da celebração o tio dos petizes, Maximilian von Galen, cónego da catedral de Münster e futuro bispo auxiliar desta mesma cidade da Renânia do Norte-Vestfália.

Maria e Max vivem juntos a sua infância no Castelo de Darfeld ao cuidado de amas que cuidam e instruem os descendentes dos condes de Droste. Maria, a «menina tão viva e irrequieta; mas também, de coração magnânimo, simples, aberta, leal e bastante obediente» ¹⁴³ – como a caracteriza uma das suas amas, de nome desconhecido para nós –, aprendeu a costurar, bem como história sagrada, música, inglês, latim e francês e ainda foi introduzida no estudo do catecismo. A aprendizagem deste foi muito rápida, a ponto de, apenas com oito anos de idade, trocar cartas sobre o conteúdo do mesmo com o seu tio e cónego Maximilian – que tinha presidido à celebração do seu Batismo – e onde se começaram a evidenciar os primeiros traços do que viria a ser o seu carácter e percurso de vida.

Em 1869, Maria assiste à partida do seu pai para o I Concílio Vaticano. Viagem efémera, uma vez que no ano seguinte (1870), devido aos conflitos que ameaçavam Roma ¹⁴⁴ o Concílio foi interrompido e o seu pai regressou a casa. Maria assistiu aos vários problemas pelos quais a Igreja atravessava: lutas, culturais e não só, derivadas da *Kulturkampf* ¹⁴⁵ em 1872; expulsão dos jesuítas; prisão do seu Bispo. Diante de todo este panorama, a pequena rapariga de Darfeld desenvolveu um elevado apreço pela fé católica e o seu carácter identificava-se cada vez mais com a defesa da Igreja, que

¹⁴² Anabelle Demazeau, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 32-33.

¹⁴³ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 33.

¹⁴⁴ O Concílio foi interrompido a 20 de Outubro, ainda nos primórdios dos seus trabalhos, devido à ocupação de Roma pelos Italianos no contexto da guerra Franco-Prussiana; cf. Roger Aubert «El Concilio Vaticano I», em *Manual de História de la Iglesia*, vol. 7, t. 2: *la Iglesia entre la Revolucion y la Restauracion*, ed. Huber Jedin et al. (Barcelona: Editorial Herder, 1978), 1011.

¹⁴⁵ A *Kulturkampf* pode ser caracterizada por ter sido uma espécie de guerra cultural, que deflagrou na antiga Prússia em 1872, centrada ao redor, sobretudo do controle clerical da educação e das nomeações eclesiásticas. Efeito disto foi a expulsão da maioria das Ordens Religiosas deste território, bem como na prisão do bispo de Münster: cf. Max Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering* (Porto: AI, 1966), 33. Podemos ainda dizer que ainda teve efeitos em Portugal em 1910, como é sustentado em Luís Salgado de Matos, *A Separação do Estado e da Igreja* (Porto: Editora Dom Quixote, 2011).

padecia de uma genuína, multifacetada e às vezes organizada perseguição em finais de oitocentos.

Estes ataques de que a Igreja católica foi alvo, ajudou Maria a solidificar o seu amor a Cristo ainda no período precoce da sua infância. Todavia, e por mais que isto já se notasse, foi a construção de uma capela dedicada a Santo António – mandada erigir pela sua família junto ao castelo de Darfeld e só concluída em 1875 – que a fez apaixonar-se e aproximar-se cada vez mais d’Ele, dado que possuía um lugar muito belo e digno reservado ao Sagrado Coração de Jesus.¹⁴⁶

Instruída segundo os princípios católicos desde tenra idade, Maria recebe, justamente no ano da conclusão da supramencionada capela e juntamente com o seu irmão, a Sagrada Comunhão na igreja paroquial de Darfeld. Para além disso, pôde também confessar-se pela primeira vez e uns meses mais tarde recebeu igualmente o sacramento da Confirmação, momento esse que ela destaca como tendo sido o «nacer em mim da graça da vocação».¹⁴⁷

A nossa Beata viveu até aos 15 anos no Castelo de Darfeld. Dele quase que só saiu, por um período considerado mais extenso e com os seus pais, apenas para visitar a sua irmã Ana, que estava num colégio em Paris. De facto, na maioria das viagens dos seus pais, a adolescente ficava em casa, prestando auxílio no cuidado e educação dos seus irmãos mais novos, até estes serem internados num colégio jesuíta na Áustria.

Desta sua permanência por Darfeld, importa destacar o dia 21 de Novembro de 1878, dia da Apresentação da Virgem no Templo e ocasião em que, no sermão da Igreja paroquial e depois de algumas tentativas de resistência, não conseguiu ficar indiferente às palavras do pregador. Estas incentivaram-na a «dar o [seu] coração inteiro a Deus»,¹⁴⁸ começando a sentir que Deus a atraía a Si, como se, pelas suas próprias palavras, Ele vivesse «roubando-me o coração».¹⁴⁹

2.2 DO DESEJO ÀS DIFICULDADES ATÉ ENTRAR NO CONVENTO

Maria muda, assim, os seus comportamentos e a «experimentar se podia unir o amor a Ele [Jesus] como às criaturas».¹⁵⁰ Contudo, foi um tempo em que, segundo ela, ninguém desconfiou dos seus intentos, visto que tentava manter-se como dantes no que

¹⁴⁶ Cf. Ricciardi, 40.

¹⁴⁷ Maria zu Vischering, *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor* (Lisboa: Congregação de N.ª. S.ª. Da Caridade do Bom Pastor, 1993), 38.

¹⁴⁸ Maria zu Vischering, 40.

¹⁴⁹ Maria zu Vischering, 40.

¹⁵⁰ Maria zu Vischering, 42.

se refere às atividades, quotidianas e familiares, comuns ao expectável para a sua idade.¹⁵¹ Nesse sentido, na primavera do ano seguinte – mais precisamente em abril de 1879 – Maria segue o caminho dos seus irmãos. Deveras, e apesar de alguma indefinição sobre o local devido aos acontecimentos políticos que se estavam a viver na Alemanha, os pais decidem colocá-la num colégio na Áustria, dirigido pelas irmãs do Sagrado Coração de Santa Madalena Sofia Barat.¹⁵²

Lá viveu durante dois anos. Nesse período aprofundou o seu amor ao Sagrado Coração de Jesus e manifestou uma enorme apetência pelos estudos que lhe levaram a obter excelentes notas académicas. Porém, e tal como já acontecia na sua residência, debatia-se com dificuldades de relacionamento com os demais, como podemos observar numa troca de correspondência entre a superiora do colégio e os seus pais: «Maria é excelente em tudo, todavia não é fácil para ela viver em conjunto com as outras, embora tudo corra presentemente pelo melhor. Muito concentrada dentro da sua própria personalidade, não atende às razões alheias».¹⁵³

Dois anos mais tarde, a 21 de novembro de 1880, a festa da Apresentação de Nossa Senhora volta a ter um impacto importante na vida de Maria. Desta vez, a jovem menina de Droste participa numa tomada de hábito e durante a pregação de um sacerdote da Companhia de Jesus – o padre Hauser –, toma a decisão definitiva de se entregar ao Senhor.¹⁵⁴ Posto isto, Maria voltou ao colégio e aconselhada pelo próprio padre Hauser a permanecer no «amor ao sacrifício e, sobretudo, [n]a submissão humilde aos pais e superiores»¹⁵⁵ foi também amadurecendo a sua vocação numa total devoção e consagração ao Sagrado Coração de Jesus e à Santíssima Virgem. Isto permaneceu assim até que, na visita que recebeu dos seus pais na Páscoa de 1881, contou à mãe que queria entrar para a vida religiosa, sendo que esta a aconselhou a refletir melhor sobre essa decisão e a não contar aos restantes familiares este seu desejo.¹⁵⁶

Chegados ao verão e, tendo concluído com aproveitamento o curso, Maria deixa o colégio e volta a casa. Durante o ano seguinte viveu tranquilamente, recuperando de algumas crises pulmonares e introduzindo-se no Mundo da alta sociedade aristocrata de Münster – algo que não apreciava particularmente, mas que sempre encarou com a simpatia e a docilidade que a caracterizaram. A 5 de agosto de 1882, no 25.º aniversário

¹⁵¹ Cf. Maria zu Vischering, 42.

¹⁵² Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 49.

¹⁵³ Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 39.

¹⁵⁴ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 52-53.

¹⁵⁵ Cf. Ricciardi, 54.

¹⁵⁶ Cf. Ricciardi, 56.

de matrimónio dos seus pais, Maria decide finalmente manifestar a ambos a vontade de seguir a vida religiosa, ao qual os seus progenitores regiram com grande alegria. Não obstante isto, ambos, mas particularmente o seu pai, colocaram algumas reservas, ao passo de lhe dizer que «devia esperar até aos 21 anos»¹⁵⁷ devido aos problemas de saúde que padecia. Atendendo ao pedido do seu pai, mas convicta de que se queria consagrar totalmente a Cristo, declarava:

«No dia 8 de Dezembro de 1883 ou 1884 fiz, com licença do meu Diretor, o voto de castidade perpétua. Agora já era o que tanto desejava ser: uma esposa de Nosso Senhor. As minhas relações com ele tornaram-se cada vez mais íntimas. Sentia-me tão feliz na companhia d'Ele».¹⁵⁸

Passados esses dois anos, e apesar de ter feito os 21 anos, Maria continuou em casa dos pais, pois não foi possível a sua «entrada num Convento por falta de saúde».¹⁵⁹ Com efeito, ela continuou em Darfeld por mais 4 anos com a sua família, ocupando-se essencialmente daquilo que mais gostava e encontrando-se com os que ela mais amava:

«A minha preocupação predileta era arranjar a Capela, bordar casulas, trabalhar em roupas para os pobres, visitar os pobres doentes, porque, nestas ocupações eu encontrava o meu Divino Esposo. Gostava muito de estar só, porque então estava mais perto d'Ele, e Ele fazia-me tudo quanto lhe pedia, lembrando-lhe sempre que ele me tinha escolhido para esposa do Seu Coração».¹⁶⁰

Durante esse período em Darfeld, Maria zu Vischering teve bastantes crises pulmonares, passando por momentos de muita debilidade, grandes sofrimentos e agudas tristezas, mas também de «sensíveis progressos espirituais, em virtude dos seus enérgicos esforços, recompensados e sustentados por preciosos penhores do amor do Coração Divino».¹⁶¹ Destacam-se, entre tais «enérgicos esforços» os numerosos e mais variados momentos de oração pessoal e íntima entre ela e Jesus; de oração ao Santíssimo Sacramento, presente ou não num ostensório; e da comunhão eucarística em todas as primeiras sextas-feiras do mês. Não obstante o já apontado, a ocasião mais impactante da sua relação com o Senhor aconteceu na manhã da festa do Sagrado Coração de Jesus do ano de 1884. Nesta ocasião, em que recolhida em oração na capela da sua família e diante da imagem do Sagrado Coração de Jesus que se encontrava junto ao altar onde estava exposto o Santíssimo Sacramento, a jovem condessa, depois de

¹⁵⁷ Maria zu Vischering, *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor*, 47.

¹⁵⁸ Maria zu Vischering, 47.

¹⁵⁹ Maria zu Vischering, 54.

¹⁶⁰ Maria zu Vischering, 54.

¹⁶¹ Luís Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração* (Porto, s. ed., 1907), 39.

comungar, ouve espiritualmente a voz do Senhor: «Tu hás-de ser uma esposa do Meu Coração».¹⁶²

Maria ficou perplexa, sem conseguir demonstrar o que sentia e sem saber como aquilo seria possível. Assustada, perguntou ao seu diretor espiritual se tal acontecimento teria sido imaginação ou atrevimento da sua parte, ao qual ele, nas palavras da nossa Beata, age da seguinte forma: «Perguntou-me se isto era arrogância ou ilusão. Como pode dizer isto se Ele mesmo a escolhe?».¹⁶³ Após estas palavras, continuou relatando a confusão, o amor, e a consolação que tais palavras produziram nela. Amenizada e suavizada espiritualmente pela nova forma de presença de Jesus na sua vida, esta mudou substancialmente. Maria estava visivelmente diferente e encantava toda a gente, nomeadamente a sua irmã, pois mesmo lutando contra os sofrimentos que a sua doença lhe trazia, a alegria que vivia era por ela transmitida de um modo transbordante.¹⁶⁴

Mais tarde, já em 1885, numa fase menos dolorosa da sua doença, os médicos aconselharam-na a «tomar os ares do mar».¹⁶⁵ Atendendo a esse pedido, viajou com os seus pais e a sua irmã Augusta até à estação balnear de Norderney, uma ilha no mar do Norte. Uma vez lá, entrou numa capela católica e não encontrou o Santíssimo Sacramento. Fruto disso, e sentindo um grande desgosto, pediu ao seu pai que perguntasse ao padre a razão pela qual não tinham o Santíssimo, ao que o padre respondeu dizendo que isso se devia ao facto de não haver quem se responsabilizasse e cuidasse do sacrário, visto que ele, em função dos seus múltiplos afazeres pastorais, só se deslocava para lá uma vez por semana.

Maria disponibilizou-se prontamente para ficar com essa tarefa, algo a que o padre aceitou e no dia seguinte, logo depois da missa, o Santíssimo passou a habitar naquele sacrário, tendo sido a jovem condessa a primeira a acender a lâmpada contígua àquele. Esta atitude de Maria introduziu-a num novo âmbito da sua intimidade com Cristo, a ponto dela mesma admitir:

«Não posso explicar as consolações que senti. Parecia-me que Nosso Senhor estava lá por minha causa e Ele estava todo entregue aos meus cuidados. Era eu que preparava tudo para a Missa, que ficava com a chave, etc. Como havia lá alguns padres doentes, a Missa nunca nos faltou um só dia. Como o seu coração é tão grato pelos mais pequenos serviços que lhe prestamos!».¹⁶⁶

¹⁶² Maria zu Vischering, *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor*, 48.

¹⁶³ Maria zu Vischering, 50.

¹⁶⁴ Cf. Maria zu Vischering, 51.

¹⁶⁵ Maria zu Vischering, 55.

¹⁶⁶ Maria zu Vischering, 56.

De seguida, viajou até Berlim, onde se encontrou com alguns deputados que, conhecidos do seu pai desde o tempo em que fora presidente do Comitê Central dos Católicos Alemães, com zelo «lutaram pelos interesses da Santa Igreja»¹⁶⁷ e ainda teve a possibilidade de visitar, por duas vezes, o então bispo de Münster – Johannes Bernard Brinkmann –, na ocasião exilado nos Países Baixos.¹⁶⁸

O desejo de se entregar totalmente a Cristo, tornando-se freira, era imenso. Maria sabia que, até ao momento, a sua saúde não permitia que entrasse num convento e, foi por isso que, em 1886 pediu ao seu pai e ao seu confessor para começar uma vida religiosa na sua própria casa. Autorizada pelo seu confessor, o seu pai reagiu do seguinte modo:

«Não, minha querida, isso não to posso permitir. O mais que eu posso fazer é deixar-te completa liberdade para simplificares o mobiliário do quarto que tens ocupado até agora. E depois [...] por motivo nenhum quero que escolhas um vestido que possa confundir-se com um hábito religioso; se quiseres, porém, podes vestir de preto».¹⁶⁹

Obedecendo ao seu pai, no dia 21 de novembro de 1886 declara que passara a viver da forma que se elucidará nas palavras seguintes:

«Vesti-me de preto, arranjei o meu quarto da maneira mais simples possível, fiquei dispensada de aparecer diante das pessoas de fora, assim como dos trabalhos da direção da casa. Ocupei-me daqui por diante a rezar e a ler, a trabalhar para os pobres e para as Igrejas, a tratar e a visitar os doentes. Todos em casa respeitavam o meu quarto como se fosse a cela de uma freira; e foi ali que gozei da companhia do meu Divino Esposo, durante dois anos».¹⁷⁰

Maria viveu desta forma durante dois anos, debaixo de muitas dificuldades, afastamentos e críticas, nomeadamente: por alguns membros da sua família; por outros que também lhe eram mais próximos; e até por certos habitantes de Darfeld, os quais viam com desdém este retiro ininterrupto da jovem condessa: «Em breve foi conhecida na sociedade a extraordinária decisão da Condessa Maria. Muitos dos seus conhecidos, até alguns parentes consideraram tal resolução “Estreiteza de vistas” e “Exagero de exaltação”. Não podiam compreender o motivo íntimo da escolha desta nova forma de vida».¹⁷¹

¹⁶⁷ Maria zu Vischering, 56.

¹⁶⁸ Correndo o risco de ser detido, devido aos conflitos emergentes entre a Igreja e o Estado durante o Kulturkampf, o bispo de Münster, Johannes Bernard Brinkmann, sentiu a necessidade de se exilar nos Países Baixos; cf. Beth. A. Griech-Polelle, *Bishop Von Galen: German Catholicism and National Socialism* (Connecticut: Yale University Press, 2008), 25.

¹⁶⁹ Clemens zu Vischering, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 79.

¹⁷⁰ Maria zu Vischering, *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor*, 62.

¹⁷¹ Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 58.

Apesar de todos estes juízos negativos, Maria vivia feliz naquele seu noviciado na casa onde nasceu e que a ligava cada vez mais intimamente a Cristo, porém havia algo que a continuava a inquietar: ela não sabia ainda para “onde”, caso recuperasse, Deus a chamava.¹⁷² Essa inquietação interior levou-a a pensar que a solução podia passar pela Ordem do Sagrado Coração de Jesus, onde esteve como aluna. Todavia, isso não era algo que lhe agradava totalmente, por um lado, dado que ela pretendia algum afastamento da casa dos pais (algo que, na prática, não aconteceria se optasse por esta Ordem) e, por outro lado, porque era uma Ordem que «se encarregava da educação de meninas ricas»¹⁷³ e Maria pretendia dedicar-se afincadamente aos pobres. Para além disso, a jovem tinha pretensões missionárias, o que a levou a pensar entrar na Ordem das Irmãs de São José na Dinamarca.¹⁷⁴

Trabalhada a situação, e quando tudo estava combinado para Maria rumar a Copenhaga para entrar nesta última referida Ordem, o seu estado de saúde deteriora-se e os seus pais, o seu diretor espiritual e todos os entendidos acharam impossível que a jovem alemã pudesse entrar em tal convento, tendo em conta o clima da capital dinamarquesa, que criam extremamente prejudicial para a sua saúde. Assim sendo, foi o próprio bispo de Copenhaga que lhe escreveu dizendo que era um erro teimar em entrar nesse convento, pois nunca teria condições para aguentar os ares frios e húmidos do norte da Europa.¹⁷⁵

Abandonada a ideia do convento na Dinamarca, Maria nunca perdeu a confiança de que um dia iria entrar num convento e recordava frequentemente as palavras do seu diretor espiritual que a inspiravam: «Não se aflija. Logo que tiver bastante saúde, Deus lhe mostrará onde a quer».¹⁷⁶ No mesmo período em que abandonou esta ideia, Maria visitara com a sua mãe os doentes num Hospital e deparou-se com uma «infeliz rapariga que tinha dado escândalo».¹⁷⁷ A mãe de Maria tentara proteger a filha ao ponto de esta não tomar contacto com o pecado da infeliz criatura. Todavia, Maria questionava-se sobre se não era sobre aquela rapariga que Jesus iria nutrir mais carinho e, aproximando-se dela, apertou-lhe a mão.¹⁷⁸

¹⁷² Cf. Maria zu Vischering, *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor*, 67.

¹⁷³ Maria zu Vischering, 67.

¹⁷⁴ Cf. Maria zu Vischering, 67.

¹⁷⁵ Cf. Maria zu Vischering, 67-68.

¹⁷⁶ Maria zu Vischering, 68.

¹⁷⁷ Maria zu Vischering, 69.

¹⁷⁸ Cf. Maria zu Vischering, 69.

Este acontecimento marcou de tal modo a jovem condessa que, quando se preparava para a confissão, na Igreja paroquial de Darfeld, deu-se conta que queria entrar nas Irmãs do Bom Pastor, visto que o que tinha feito no Hospital com aquela rapariga, era, em seu entender, «uma obra própria duma Religiosa do Bom Pastor».¹⁷⁹ Nesse mesmo instante, a jovem levantou-se entrou no confessionário e contou ao padre o seu desejo, ao qual o padre respondeu apenas que se ia informar relativamente a essa possibilidade, colocando sempre algumas reservas na sua admissão, tendo em conta os vários problemas de saúde que Maria, apesar das melhorias significativas dos últimos tempos, já tinha e continuava a apresentar.¹⁸⁰

Passados três meses desta declaração imprevista, o padre informa Maria que aprovava a sua entrada na Congregação das Irmãs do Bom Pastor. Sem informar os seus pais e de acordo com a leitura que Maria fez da sua vida, esta acreditou firmemente que Jesus desejou que, no verão daquele ano, a família Droste se retirasse durante três meses para uma quinta perto de Münster que, coincidentemente, estava junto de uma casa da Congregação do Bom Pastor, ao ponto de se ouvir os sinos do seu convento.¹⁸¹ Durante esse período de descanso, a jovem condessa teve oportunidade de confiar este seu desejo ao confessor de lá, o senhor vigário-geral de Münster, que, curiosamente, tinha feito, pouco tempo antes e por ordem do seu bispo, uma visita à Congregação desejada por Maria, que enalteceu e animou a jovem a enveredar nesse caminho de entrega total da sua vida ao Senhor.¹⁸²

Alegre pelo que se sucedia, pediu à mãe para ser vista por um médico, com o intuito de perceber se já tinha saúde suficiente para entrar num convento. O médico verificou que Maria ainda estava «muito fraca e que não servia para muitos trabalhos, mas que tudo dependia da escolha da Ordem».¹⁸³ Ora, tendo notado que a Ordem para à qual tinha intenção de pertencer era compatível com o seu estado de saúde, contou aos seus pais que desejava entrar nas “Irmãs Brancas”.¹⁸⁴ Estes ficaram, ao mesmo tempo, surpreendidos e alegres com a sua escolha e acabaram por autorizar que Maria efetivasse o passo que tanto ambicionava.¹⁸⁵

¹⁷⁹ Maria Vischering, 69.

¹⁸⁰ Cf. Maria zu Vischering, 69.

¹⁸¹ Cf. Maria zu Vischering, 70.

¹⁸² Cf. Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 60.

¹⁸³ Maria zu Vischering *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor*, 70-71.

¹⁸⁴ Termo utilizado naquela região referindo-se à Congregação das Irmãs do Bom Pastor.

¹⁸⁵ Cf. Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 61.

Assim, após pedir a admissão, a jovem condessa de Darfeld é aceite e entra no convento a 21 de novembro de 1888, acompanhada pelos seus pais e irmãos, os quais, antes de a entregarem à superiora da Congregação, foram à igreja onde estava o Santíssimo Sacramento exposto,¹⁸⁶ ocasião em que Maria se declarou agradecida pela receção segundo os seguintes termos:

«Lá estava ele à minha espera, o meu Esposo, o meu Jesus, e o seu Coração aberto para me receber. Senti o meu coração arder de amor e de desejos de O possuir e de ser toda d'Ele. O Coração de Jesus na Sagrada Eucaristia tinha sido o meu guia, tinha-me guiado há tanto tempo; e aqui estava Ele para me dar entrada no santuário do Convento, onde eu devia imolar-me como vítima e como esposa deste Divino Coração. Esperava-me também para me dar entrada no Seu Coração, e abrir-me cada vez mais o tesouro das Suas graças e misericórdias».¹⁸⁷

2.3 NO CONVENTO EM MÜNSTER

No convento, o primeiro anseio de Maria foi procurar aferir se alguma das irmãs tinha o nome de Maria do Coração de Jesus, algo que se veio a verificar e que a deixou profundamente triste. No entanto, como a própria declara: «O meu Divino Esposo não me tinha enganado!»,¹⁸⁸ isto porque a Superiora, poucos dias antes da tomada de hábito de Maria, marcada para 10 de janeiro de 1888, perguntou à jovem postulante se ela tinha algum desejo particular por um nome, ao qual ela respondeu negativamente – pois já sabia que o que pretendia não podia ser escolhido. Foi então que a Superiora sugeriu que escolhesse entre um dos dois seguintes nomes: Maria do Divino Coração ou Maria de São Luís Gonzaga.¹⁸⁹ A resposta foi óbvia e, desde então, a jovem Maria Droste assumiu como nome de religião o de Maria do Divino Coração.

«Maria, vestida de noiva, com um vestido principesco (vontade expressa do pai), que depois será transformado em preciosa toalha de altar da capela de Darfeld».¹⁹⁰ Assim foi, de acordo com as palavras de Antonio Ricciardi presentes na obra que tanto nos tem servido de fonte – e que mereceria ser muitíssimo mais conhecida e divulgada – a entrada de Maria para a celebração da tomada do hábito a 10 de janeiro de 1888, presidida pelo seu tio materno, Monsenhor Maximilian von Galen. Feliz, radiante, emotiva e, ao mesmo tempo serena, Maria mostrou toda a sua simplicidade e alegria quando se separava das roupas mundanas para vestir algo que a ligava mais

¹⁸⁶ Maria zu Vischering, *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor*, 71.

¹⁸⁷ Maria zu Vischering, 71-72.

¹⁸⁸ Maria zu Vischering, 75.

¹⁸⁹ Cf. Maria zu Vischering, 74.

¹⁹⁰ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 98.

intimamente ao seu Esposo, como a própria indica: «Nunca poderei explicar o que senti ao despir os vestidos mundanos e ao vestir o santo hábito».¹⁹¹

O período do noviciado foi composto de várias e dolorosas provas para a irmã Maria do Divino Coração, bem como horas de intimidade com o seu Divino Esposo, dos quais destacamos estas palavras que a mesma nos diz terem sido de Jesus num desses momentos: «Esposa do meu coração, chega-te ao meu coração».¹⁹² Estas eram palavras que animavam, consolavam e ensinavam a jovem a superar os difíceis desafios que estavam a surgir nesta nova fase da sua vida.

Poucos dias depois de ter tomado o hábito, foi imediatamente incumbida de ser ajudante da porteira e, logo a seguir, da vigilância sobre as meninas recolhidas na casa de Münster. Acredita-se que este aglomerar de atividades se deveu ao facto de a tentar contrariar de alguma índole decorrente de, por um lado, Maria passar muito tempo inclinada para a oração e, por outro lado, do período que passou na sua própria casa recolhida de toda a gente.¹⁹³ Além disto, a jovem noviça sacrificava-se a ela própria, afastando-se o mais possível da sua família e daqueles de quem mais amava para participar da solidão do coração e estar mais próxima de seu Esposo. A própria manifesta, contudo, que o mais difícil foi o afastamento do seu irmão gémeo Maximiliano:

«Nosso Senhor inspirava-me, já no noviciado, o desejo de me desapegar de tudo; mas que lutas violentas eu passei por causa do amor que tinha a meu irmão Max! Parece-me que o amor de gémeos é muito mais intenso que qualquer outro; a natureza passa como pelas angústias da morte ao ver-se separada de um irmão gémeo. Nunca poderei explicar o que sofri durante quatro anos; não passei um dia sem chorar por ele – e que lágrimas! Ah! meu Jesus! Se não tivesse sido por Vós, nunca, nunca eu teria tido forças para Vos sacrificar meu irmão gémeo, a quem amava mais do que a mim mesma».¹⁹⁴

Não é irrelevante para o seu processo espiritual, o facto de Maria ter ficado, durante este período, sem diretor espiritual e, como ia sendo confrontada com várias lutas espirituais de natureza assaz diversa entre si, confiava tudo isso em cartas à sua Superiora, a qual a aconselhava não menos por acreditar verdadeiramente na sua vocação, como Maria fez questão de mencionar:

«Agora está tomada a decisão. É mais que certo que estais no lugar em que deves estar. Os combates não-de cessar depois de professardes. Nosso Senhor há-de triunfar. Limitar-vos-eis, por este ano, a observar com fidelidade o artigo II do Directório. Se assim

¹⁹¹ Maria zu Vischering, *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor*, 75.

¹⁹² Maria zu Vischering, 83.

¹⁹³ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 102.

¹⁹⁴ Maria zu Vischering, *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor*, 81.

fizerdes, conseguireis unir-vos com Nosso Senhor. Deus, na Sua infinita bondade, chamou-vos para a Ordem do Bom Pastor; deveis, por isso, seguir as nossas Constituições e aperfeiçoar-vos segundo o nosso Directório, em que se contém tudo o que é mister para sermos santas».¹⁹⁵

Apesar das dificuldades e de ter estado prestes a ceder à tentação de desistir, Maria fez a sua profissão a 29 de janeiro de 1891. A celebração foi presidida pelo novo bispo de Münster: Franz Wilhelm Cramer. Tal como aconteceu aquando da entrada no noviciado, toda a sua família esteve presente, incluindo o seu pai, todavia, nesta ocasião, não foi este que a acompanhou ao altar, mas a sua mestre de noviças.¹⁹⁶

A vida de professa trouxe-lhe novos desafios e experiências diferentes do noviciado, mas não menos exigentes e bem mais responsáveis. Nos primeiros cinco meses, a jovem ex-condessa continuou a sua missão de ajudante da primeira mestra, a irmã Teresa Wissing – justamente a que lhe tinha levado ao altar. Porém, no final deste período, a nova superiora provincial, irmã Maria Agnes Nacke, que sucedeu à falecida irmã Marie de Saint-Lambert Bouchy, decidiu mudar Maria de cargo e nomeá-la primeira mestra.¹⁹⁷

Ora, a missão da primeira mestra é, numa comunidade de formação, a segunda mais importante, logo a seguir à de superiora. Nesse sentido, muitas das outras professoras não viram com bons olhos esta rápida promoção da irmã Maria, tendo em conta que ainda era considerada uma neo-professa. Por isso, contestavam a capacidade que teria para a sua tarefa de governar a casa, ter em conta o aproveitamento espiritual de cada irmã e a supervisão das atividades das irmãs, bem como a direção espiritual e moral das jovens internadas.¹⁹⁸ Porém, Maria vai desempenhar um trabalho notável, principalmente junto das jovens internadas, tendo sido uma primeira mestra extremamente cuidadora, especialmente daquelas mais carenciadas e audaz no trato e resolução de problemas. E isto, nunca descorando a oração e a sua entrega ao Coração do seu Divino Esposo, algo que a tornou famosa em Münster e em toda a Província da Vestfália das Irmãs do Bom Pastor, conforme podemos verificar nas seguintes palavras:

«Como “Primeira Mestra” não lhe faltavam altos dotes para poder formar uma autêntica comunidade: atitude alegre e decidida, firmeza, sentido do espírito de família e, sobretudo, a irradiação de uma alma pura, que, mais do que palavras e exortações, podia atrair as educandas ao bom caminho».¹⁹⁹

¹⁹⁵ Maria zu Vischering, APUD Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração*, 96.

¹⁹⁶ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 114.

¹⁹⁷ Cf. Ricciardi, 119.

¹⁹⁸ Cf. Ricciardi, 124.

¹⁹⁹ Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 71.

Contudo, novos desafios esperavam a jovem Maria. Depois de uma visita ao convento de Münster, em 1893, a irmã Maria von Langsberg, superiora do Bom Pastor em Barcelona e futura superiora provincial de Lisboa²⁰⁰, fica com uma belíssima impressão de Maria. Fruto disso, escreve à mãe de Maria o seguinte:

«Querida Helena: Não sei dizer-te a impressão profunda que me causou tua filha. Pude observá-la atentamente, e não cesso de agradecer a Deus as graças excepcionais de que a enriqueceu. Mas são graças que se pagam caro. Almas tão privilegiadas têm de ser crucificadas com o Senhor e morrer pregadas na cruz. A querida irmã sofrerá muito; mas a que perfeição não será chamada! Sim, não há dúvida, que o Senhor tem desígnios particulares sobre a tua querida filha. Ele a conduz por um caminho estreito, Ele só quer ser o seu guia. É uma alma que nem todos compreendem. O abandono espiritual em que se encontra não é pequena cruz. Como eu a gostaria de ver junto de mim, para me edificar e aconselhar-me, nos casos difíceis, pois está mais adiantada que eu em virtude!».²⁰¹

Este desejo da Superiora do Bom Pastor de Barcelona pode ter influenciado o que se passou posteriormente na vida de Maria. Não cremos que possa haver dúvidas quanto a isso, mas a verdade é que já desde outubro de 1893 que Maria sentia que o seu futuro iria mudar, mais ainda depois da comunicação íntima do seu Esposo na solenidade da Epifania, que a mesma relata da seguinte forma:

«Permanece no meu amor e em união comigo: no meu amor, pela pureza do coração, pela pureza de intenção e de desejo; – unida a mim, pela oração fervorosa, pelo recolhimento, pela vista interior da alma. Deixa-me obrar e proceder contigo como me aprouver; então é que hão-de realizar-se os meus desígnios a teu respeito. Quero sofrer em ti e viver e ser glorificado nas almas por ti. Quero que me faças amável aos corações dos outros».²⁰²

Após todos estes acontecimentos que evidenciavam uma possível mudança, ela acontece mesmo, em concreto a 19 de janeiro de 1894, momento em que superiora do convento de Münster recebe uma carta, da Casa-Mãe da Congregação, que pede a presença de Maria Droste como assistente em Lisboa.²⁰³

2.4 NOVOS DESAFIOS EM LISBOA

Tomadas todas as providências, dois dias depois, a 21 de janeiro, na festa onomástica da Superiora, irmã Maria Agnes Nacke, esta anuncia o pedido da Madre Geral de enviar a irmã Maria do Divino Coração para o convento em Lisboa. Obedecendo ao pedido, Maria, visivelmente emocionada despede-se do convento do Bom Pastor de Münster e das suas queridas educandas e parte, três dias depois, a 24 de

²⁰⁰ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 125.

²⁰¹ Maria zu Vischering, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 126.

²⁰² Maria zu Vischering, APUD Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração*, 131.

²⁰³ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 128.

janeiro, juntamente com uma comitiva que incluía os seus pais, em direção a Portugal.²⁰⁴

A viagem da Vestfália até a capital de Portugal, durou cerca de um mês, não menos porque decorreu com algumas paragens em cidades. Desde logo, Colónia, onde visitou a Catedral e privou com o Cardeal Philipp Krementz, tendo, depois, pernoitado na casa do Bom Pastor dessa mesma cidade.²⁰⁵ Depois, Paris, na qual aproveitou para rezar na basílica-santuário de Montmartre, dedicada precisamente ao Sagrado Coração de Jesus. De seguida parou em Angers, onde teve a oportunidade de rezar junto do túmulo da fundadora da sua Ordem – Marie Euphrasia Pelletier – e de encontrar-se com a Superiora Geral da Congregação. Foi também nesta cidade que se despediu dos seus pais, que não mais a acompanharam, tendo regressado à sua terra natal.²⁰⁶

Já na Península Ibérica, Maria parou em Barcelona, onde visitou a gruta onde, segundo a tradição, Iñigo de Loyola escreveu parte substancial do que viriam a ser os seus exercícios espirituais.²⁰⁷ Dirigindo-se para Oeste, deteve-se, depois, em Madrid e, ainda antes de chegar a Lisboa, passou pelo Porto onde não só se depara com as péssimas condições das instalações do convento do Bom Pastor, mas também se encontra com a superiora de Lisboa, que, por coincidência ou não, viera à cidade Invicta assistir à tomada de posse da nova superiora local. Maria permaneceu durante uma semana na “capital” do Norte de Portugal, aproveitando para descansar e praticar um pouco da língua portuguesa, chegando a Lisboa a 24 de fevereiro de 1894.²⁰⁸

A vida da Irmã Maria atravessou novas dificuldades e adversidades nesta nova fase da sua vida. Tendo sido assignada para assistente da superiora e mestre das educandas, tinha ao seu encargo «60 raparigas, não muito rebeldes, mas indolentes, mal-educadas e grosseiras».²⁰⁹ Ao contrário do que tinha feito em Münster, Maria não conseguia instruir as educandas e invocava o desconhecimento da língua, como desculpa para esta contrariedade: «No zelo apostólico pelas suas protegidas, encontrava uma grande dificuldade: o desconhecimento da língua portuguesa. Para ela era grande sacrifício não poder ainda ensiná-las, e logo se votou com o maior fervor a aprender a língua».²¹⁰

²⁰⁴ Cf. Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 72-73.

²⁰⁵ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 132.

²⁰⁶ Cf. Ricciardi, 133.

²⁰⁷ Cf. Ricciardi, 134.

²⁰⁸ Cf. Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 78.

²⁰⁹ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 135.

²¹⁰ Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 82.

Contudo, Maria destacava-se nas suas outras tarefas, pois também se encarregava da direção do coro, no qual conseguiu estabelecer e organizar os ofícios em dias santos: «Conseguiu estabelecê-los e organizar tudo, não obstante as dificuldades materiais diante das quais se tinha hesitado até então. Foi uma consolação inefável para ela o pensar que pela primeira vez o SS. Sacramento seria adorado durante a noite de Quinta-feira Santa».²¹¹

Para além disso, era ela que também preparava e arrumava as mesas do refeitório para as refeições, desempenhava as funções de secretária e ecónoma, acabou por ser a mestra do canto e, enfim, a encarregada de resolver questões acerca das relações que a casa do Bom Pastor estabelecia com o exterior. Assim sendo, a sua Superiora local só podia estar extremamente satisfeita com o desempenho e a dedicação da irmã alemã, sendo o relatório que a própria envia para a Casa-Mãe da Congregação revelador disso mesmo:

«Tem sido para nós um exemplo da piedade mais terna, um modelo de zelo ardente por tudo o que respeita ao serviço de Deus e ao bem das almas; estimulava-nos principalmente pelo seu fervor, impulsionando-nos a procurar em todas as cousas o que mais pudesse agradar a Deus Nosso Senhor e fazer progredir a obra de nossa perfeição. Affrontava com ânimo e amor tudo o que era difícil e custoso, mostrando desejos poder tornar tudo mais leve, por esta forma, o ónus de suas superiores, pelo que se julgava feliz».²¹²

2.5 A IRMÃ MARIA, SUPERIORA DA CASA DO BOM PASTOR NO PORTO

Reconhecidas, por toda a Congregação, as qualidades inusuais de Maria do Divino Coração, pouco mais de dois meses após a sua chegada a Lisboa, a Superiora Geral envia, desde Angers e para Lisboa, um telegrama que a nomeia superiora da casa do Bom Pastor no Porto.²¹³

Esta sua nova missão não se avizinhava nada fácil, até porque, por exemplo, a antiga Superiora que não aguentou essa missão de governo da casa mais do que três meses. Fundada pelo Padre Luís Rua e por uma benfeitora, o convento do Bom Pastor não teve uma fundação nem uma implementação inicial bem-sucedida. Tendo sido o espaço adquirido em ruínas e hipotecado, passava por bastantes dificuldades económicas.²¹⁴ Consciente das dificuldades, a irmã Droste encarou com ânimo o novo desafio. Numa das cartas enviadas ao seu tio, três meses após a sua chegada ao Porto,

²¹¹ Maria zu Vischering, APUD Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração*, 146.

²¹² [Desconhecido], APUD Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração*, 145.

²¹³ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 138.

²¹⁴ Cf. Ricciardi, 139.

podemos observar a felicidade e a entrega da jovem ao serviço por amor ao Sagrado Coração de Jesus:

«Só a experiência ensina a compreender a paz que se goza, quando nos entregamos totalmente a Deus, e nada mais se possui além d'Ele. Sentimo-nos tao leves e livres, quando se pode dizer com absoluta verdade: “Senhor, tudo abandonei para te seguir”. Levados pela piedade e amor de Deus, somos como um frágil barquinho nas ondas do oceano, e Ele torna-se a nossa força e amparo. É certo ficar em chaga o pobre coração, mas quanto mais a criatura se crucifica, tanto mais aumenta nela a vida sobrenatural. Reza muito por mim, querido tio, para que me torne mais e mais um instrumento dócil nas mãos de Deus, para que possa cumprir e realizar a grande obra que Ele me confiou para Sua glória e salvação das almas».²¹⁵

Tendo em conta a exigência da sua tarefa, Maria teve como primeiro ato a «entronização do Sagrado Coração de Jesus, a consagração da comunidade e o início de todas as práticas religiosas em honra do Sagrado Coração».²¹⁶ Para além disso, organizou, tal como já tinha feito em Lisboa, todas as celebrações dos tempos fortes do ano litúrgico e promoveu o espaço físico onde as irmãs faziam as suas celebrações e orações. Contudo, e na eventualidade de todas estas novas práticas não serem suficientes, Maria sentia que se tinha de envolver em todas as atividades, não apenas executando-as, mas também incentivando e advertindo, através do exemplo, as outras irmãs.²¹⁷

Todas estas iniciativas tiveram sucesso e pouco tempo depois já se pensava em alargar o número de raparigas que se podia albergar. Desse modo, na primavera de 1895, no meio do quintal do edificio da comunidade – onde existia uma casa em ruínas (entretanto restaurada) e apesar de a situação económica ainda não ser a mais favorável – surgiu uma nova habitação, para adolescentes com menos de 14 anos e dedicada ao Imaculado Coração de Maria. A irmã Maria, na qualidade de Superiora, «visitava o pavilhão duas vezes por dia, quer para o ensino dos primeiros elementos de ler, escrever e contar, quer para as lições do catecismo».²¹⁸

Para além deste restauro e, tendo em conta que Maria continuava incansável no pedido de donativos a alguns benfeitores – nomeadamente, e como é compressível – à sua família, nesse mesmo ano de 1895 o seu pai comprou um terreno ao lado do convento que entregou ao cuidado da Congregação a que pertencia a sua filha. E isto porque, se o terreno não fosse adquirido rapidamente poderia cair em mãos de um proprietário que pretendia construir um estabelecimento menos próprio (cabaret e salão

²¹⁵ Maria zu Vischering, APUD Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 86.

²¹⁶ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 143.

²¹⁷ Cf. Ricciardi, 145.

²¹⁸ Ricciardi, 154.

de baile), que arruinaria o intuito da missão e do apostolado da casa do Porto das Irmãs do Bom Pastor, conforme podemos observar neste pequeno excerto de uma comunicação de Maria ao seu estimado pai:

«Pegado ao nosso quintal há um terreno com dois casebres. Um comprador de poucos escrúpulos anda com a ideia de fazer ali um cabaret e uma casa de baile. Seria a ruína da nossa obra, porque os casebres se encontram à beira da nossa sala de aula, donde é impossível evitar que se veja tudo. Temos que fazer o impossível por impedir tal compra, e não vejo outro processo senão comprarmos nós as casas e o terreno».²¹⁹

Apesar de todas estas obras, a situação económica do convento continuava desfavorável, a ponto de se viverem momentos de grande incerteza e ansiedade, tendo a Superiora de se encher de coragem e decidir liquidar as dívidas com todos os credores e contrair apenas obrigações com um só: o seu pai. A decisão foi apoiada pelo cônsul alemão no Porto e, mesmo com algumas renitências da Casa-mãe de Angers, tal propósito foi aceite. Assim, a 22 de dezembro desse mesmo ano a Superiora Geral enviava um telegrama a Maria a confirmar o contrato, ficando, por conseguinte, e a partir de 14 de janeiro de 1896 – data da escritura –, o conde Clemens Heidenreich proprietário de todos os terrenos do Bom Pastor do Porto.²²⁰

A 30 de janeiro de 1896, a irmã Maria, na companhia de uma outra freira cujo nome não conseguimos apurar, partiu numa viagem até Angers, a fim de assistir às celebrações comemorativas do 50.º aniversário da tomada de hábito da madre Marie de Sainte Marie Verger, a então Superiora Geral da Congregação. Na viagem, que serviria também como oportunidade para Maria expor alguns dos problemas da casa do Porto, fizeram paragens em algumas cidades como Salamanca, Alba de Tormes e, ainda no santuário de Nossa Senhora de Lourdes. Chegadas a Angers, constatamos o seguinte:

«A Madre Geral acolheu a Irmã Maria com uma benevolência muito especial e, durante as celebrações jubilares, que se prolongaram por três dias, todas as irmãs presentes puderam notar como a Superiora do Porto se afadigava, com afetuosa solicitude e com aquela elegância sorridente que a todos cativava, em prestar serviços espontâneos onde quer que o podia fazer. Foi verdadeiramente edificante para todas ver como esta religiosa, nascida grande senhora, praticava a pobreza. O hábito era coçado, o escapulário ainda mais, e o véu tinha tantos remendos que não se lhe via um palmo intacto. Contudo, era das mais alegres e amáveis».²²¹

Terminados os festejos, as várias Superiores voltaram aos seus conventos, exceto Maria que, a pedido da Superiora Geral, permaneceu em Angers, com o propósito de, com ela, visitar os conventos do sul de França. No entanto, em Münster,

²¹⁹ Maria zu Vischering, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 164.

²²⁰ Cf. Ricciardi, 165-166.

²²¹ Ricciardi, 178.

sabiam que a irmã Maria estava por perto e, por isso, faziam vários apelos a Maria e também à Madre Superiora Geral, para que visitasse a sua terra Natal. Diante de alguma hesitação e com o parecer positivo da Madre Marie Verger, a Superiora do Convento do Bom Pastor no Porto parte para Münster com grande alegria e emoção. Recebida, a 21 de fevereiro de 1896 e em Colónia, pelo seu irmão Max, partem em direção ao convento do Bom Pastor de Münster onde foi recebida com grande emoção pelos membros da comunidade, bem como pelos seus familiares. Todos queriam transmitir-lhe uma palavra de carinho, de amizade e suplicar-lhe que voltasse para a Alemanha o mais rapidamente possível.²²²

Porém, Maria sabia que tinha de regressar ao Porto e, ao fim de oito dias, voltava para Portugal, passando ainda e novamente por Angers, para concretizar o pedido da Superiora Geral de visitar os conventos do sul de França. Contudo, logo aquando da primeira visita, a Madre Superiora adoeceu e mandou Maria regressar a Portugal. Obedecendo, chegou ao Porto em março de 1896 e foi recebida por «uma multidão de pessoas, que a acompanharam ao [convento do] Bom Pastor como em triunfo. O Porto aclamava, pela voz do povo, a sua protetora».²²³

Nesta cidade, Maria continuava o sonho de fazer crescer o Convento do Bom Pastor, mas a sua saúde começava a quebrar. No dia 21 de maio de 1896, não conseguiu mesmo levantar-se, tendo-lhe sido diagnosticada uma mielite espinhal.²²⁴ Os dias iam passando e o seu estado de saúde agravou-se de tal modo que, no mês seguinte, foram-lhe administrados os últimos sacramentos e, face à quantidade imensa de pessoas do povo que começaram a rezar pela irmã Maria, o bispo – na altura Dom Américo Ferreira dos Santos Silva – autorizou que se fizessem preces públicas pela recuperação da irmã e, inclusive, foi visitá-la.²²⁵

Todos começavam a entristecer-se e a angustiar-se por, além de pensarem que Maria iria falecer iminentemente (e que, desse modo, não lhe iria ser possível cumprir o seu extraordinário mandato até ao fim do período temporal normal), estimarem que o Convento do Bom Pastor não iria atingir os seus objetivos, tantos deles delineados por aquela. Apenas Maria vivia em paz e calmamente a sua doença, como podemos ler

²²² Cf. Ricciardi, 179.

²²³ Ricciardi, 181.

²²⁴ Cf. Ricciardi, 181. A “Mielite espinhal” refere-se a uma doença que consiste na inflamação da medula espinhal que pode ter várias causas, resultando em fraqueza dos músculos mais frequentemente das pernas / membros inferiores, podendo levar a paralisia; cf. B. M. Greenberg, C. Krishnan e L. Harder, «New onset transverse myelitis diagnostic accuracy and patient experiences», *Clinical Trial* 30 (2019): 42-44.

²²⁵ Cf. Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 143.

numa das cartas que enviou à sua mãe: «Não pode imaginar como me sinto feliz e mergulhada em paz».²²⁶

Apesar de passar para a sua família esta mensagem de alegria e esperança, Maria notava, a partir das cartas que trocava com a sua família, que os membros daquela viviam angustiados e com muita dor a sua doença, principalmente os seus pais. Nesse sentido, escreveu ao Abade beneditino Ildefons Schober – que estava em visita ao norte da Alemanha – sondando acerca da possibilidade de convocar os seus pais para a visitarem a Portugal. Este Abade não viu obstáculos e foi, ele próprio, a Darfeld convencer os condes a viajarem até Portugal. Em consequência disto, partiram em viagem, o pai e a mãe de Maria, tendo os seus irmãos, Maximilian e William, ficado na Alemanha com a sua irmã Augusta, a qual também se encontrava doente.²²⁷

Maria era tratada por uma irmã franciscana enfermeira, de modo que a vida da comunidade podia fluir com alguma naturalidade, visto que as suas irmãs no Convento não tinham o serviço acrescido de cuidarem dela. Para além disso, Maria continuava a ser a Superiora do convento, ainda que tendo sido nomeada uma assistente que desempenhava a missão do governo da casa. Tudo isto aconteceu com o consentimento da própria irmã Maria e com o intuito de, permitindo-a repousar, recuperar as suas forças.²²⁸

Recolhida no seu leito, a irmã Maria ia passando por altos e baixos. Realizava regularmente os capítulos em torno da sua cama e, no final do ano, fazia o esforço de verificação das contas. Contudo, a 1 de janeiro de 1897 teve uma crise muito grave que a levou à paralisação da região abdominal. Este acontecimento teve consequências bastante graves, pois teve de começar a se submeter a tratamentos que a acompanhariam até ao final da sua vida.²²⁹ Para além disso, os médicos propuseram que fosse mesmo substituída do cargo de Superiora, ao que o Cardeal Dom Américo, prelado da diocese do Porto respondeu: «Só a sua sombra, dizia ele, fará mais do que outra superiora, seja ela qual for».²³⁰ Para agravar ainda mais a sua situação, em abril desse ano, Maria recebeu a notícia do falecimento da sua irmã mais velha.²³¹

Em maio desse mesmo ano, a doença abrandou e no mês seguinte Maria pressentiu, espiritualmente e pela primeira vez, ter sido incumbida de promover a

²²⁶ Maria zu Vischering, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 184.

²²⁷ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 186-187.

²²⁸ Cf. Ricciardi, 188.

²²⁹ Cf. Ricciardi, 204.

²³⁰ Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração*, 244.

²³¹ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 201-202.

consagração da humanidade ao Sagrado Coração de Jesus.²³² No entanto, com medo de represálias de Roma, por ter dúvidas se esta ideia era fruto da imaginação ou se vinha mesmo de Deus, tendo em conta a doença já num estado avançado pela qual passava Maria, o seu acompanhante espiritual português, o padre Teotónio Vieira de Castro, incentivou a irmã Droste a aconselhar-se junto do Abade Ildefonso Schober, do mosteiro beneditino de Seckau. Este vai ao encontro de Maria e, em seguida, comunica ao seu acompanhante que acredita tratar-se de uma revelação transcendente. Em consequência, o padre Teotónio anuncia a Maria que pode escrever ao Papa, mas pedindo-lhe que tivesse o cuidado de não mencionar o nome do seu confessor. Tendo em conta as condições, Maria recusou fazê-lo acabando por não escrever ao Papa.²³³

Chegados ao mês de julho, a diocese do Porto organizou uma peregrinação ao santuário de Lourdes, à qual Maria, por obediência à Superiora geral da Casa-Mãe não participou, mormente devido ao seu ainda o seu frágil estado de saúde. Ainda assim, confiou ao seu diretor espiritual, justamente o responsável pela peregrinação, umas preces para rezarem em seu nome na gruta de Nossa Senhora de Lourdes.²³⁴

Ainda a peregrinação estava a acontecer e da Casa-Mãe da Congregação do Bom Pastor chegavam boas notícias. O desejo da Superiora da casa do Porto construir uma nova igreja, também votada à sempre tão necessária santificação dos corações dos sacerdotes, começava a desenhar-se com a chegada das licenças para esse efeito. Assim, partiram imediatamente para a elaboração do projeto e entre as alegrias e crises a que a irmã ia sendo sujeita, o projeto para o edifício ficou terminado em agosto de 1898.²³⁵ Porém, as obras de edificação da igreja já não começaram no curto período de vida da irmã Maria, visto que esta, como iremos ver em breve, viria a morrer no ano seguinte e as obras apenas se iniciaram em 1904.²³⁶

Pela altura do primeiro aniversário do falecimento da sua irmã Augusta, Maria recebeu a visita no Porto dos seus irmãos Max e William, que, durante seis dias, puderam verificar que, mesmo debaixo de adversidades, anseios, perturbações e reduzidos movimentos, ela continuava a ser o motor de toda a casa do Bom Pastor no Porto. A irmã Maria Droste dirigia a instituição, era visitada por várias pessoas e

²³² Cf. Gabriel Mallet, *Causa de Beatificação e Canonização da Serva de Deus Irmã Maria do Divino Coração Religiosa de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor de Angers* (Porto: s. ed., s. d.), 184.

²³³ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 205.

²³⁴ Cf. Ricciardi, 208.

²³⁵ Cf. Ricciardi, 212.

²³⁶ Cf. Ricciardi, 212.

continuava a preocupar-se e a interceder pelos mais necessitados. Os irmãos puderam também privar com a sua irmã, em especial Max, irmão gêmeo de Maria, a quem se acredita que a mesma contou os seus intentos de enviar uma carta ao Papa pedindo-lhe que consagrasse o Mundo ao Sagrado Coração de Jesus.²³⁷

Em abril de 1898, Maria ouviu espiritualmente um novo pedido do seu Esposo – Jesus Cristo –, neste caso para que escreva uma carta a solicitar ao Papa a consagração do Mundo ao Sagrado Coração de Jesus, facto que Maria relata da seguinte forma:

«Nosso Senhor voltou a falar-me do que já havia dito no ano anterior. Deixar a decisão ao meu Pai espiritual, que virá a conhecer a verdade por meio de extraordinários sofrimentos. Consagração do inteiro ao Sagrado Coração de Jesus. Bispos e Padres tornam-se fervorosos, os justos mais perfeitos, os pecadores se converterão, os hereges e cismáticos voltarão à Igreja, e as crianças ainda não nascidas, mas destinadas a fazer parte da Igreja, isto é, os pagãos, receberão mais cedo a graça batismal».²³⁸

Ao contrário do que aconteceu no ano anterior, a carta vai mesmo ser escrita e chegar ao Papa Leão XIII (1810-1903), porém as hesitações do seu diretor espiritual continuavam a ser imensas, visto que Maria insistia que só o fazia com o seu consentimento. Assim, compadecido pela desolação moral e por uma nova crise da irmã, ele concede-lhe esse desejo e, tendo em conta que a fraqueza da superiora era de tal ordem que não conseguia escrever, sentou-se junto dela e ele mesmo escreveu aquilo que Maria ia ditando. Depois de rever o escrito e de o mostrar novamente a Maria para uma última prova, o padre Teotónio Vieira de Castro enviou a carta, através de um padre beneditino que se encontrava em Roma, Hildebrando de Humptinn, o qual, em mão, a entregou ao Sumo Pontífice.²³⁹

A 7 de dezembro de 1898, Nosso Senhor confiou espiritualmente a Maria e segundo esta, o envio de mais uma carta ao Papa, apelando novamente a que consagrasse todo o género humano ao Sagrado Coração de Jesus. Numa carta endereçada ao seu confessor, podemos verificar que, devido à doença, não lhe era fácil escrever tal missiva, mas que o próprio Jesus lhe tinha afirmado que nada receasse, pois não seria tanto ela, mas o próprio Jesus a grafar o documento. Confiada, assim, a Jesus, a Superiora do Bom Pastor acaba por declarar que escreveu a mensagem com a maior facilidade e quase sem pensar.²⁴⁰

²³⁷ Cf. Ricciardi, 217.

²³⁸ Maria zu Vischering, APUD Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração*, 344-345.

²³⁹ Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 179-180.

²⁴⁰ Cf. Mallet, *Causa de Beatificação e Canonização da Serva de Deus Irmã Maria do Divino Coração Religiosa de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor de Angers*, 187-188.

Nesta nova carta, escrita no dia seguinte, embora datada de 6 de janeiro, festa da Epifania, e chegada às mãos do Papa a 15 de janeiro de 1899, Maria começa por se confessar confusa, por assumir que vai falar de um assunto que já tinha abordado em junho passado, na sua primeira carta, e que o faz de novo a pedido espiritual de Nosso Senhor e com o consentimento do seu diretor espiritual. Nesta correspondência, a intenção principal de Maria era insistir na informação da solicitação espiritual que Jesus lhe tinha comunicado a respeito da consagração do Mundo ao Sagrado Coração de Jesus, mas acaba também por afirmar ao Papa que, apesar de não ter sido isso que Nosso Senhor lhe solicitou expressamente, o Mesmo lhe havia falado espiritualmente, num momento precedente, do seu «desejo ardente que tinha de ver o Seu coração cada vez mais amado e glorificado, para utilidade das nações»,²⁴¹ algo que, segundo a irmã Maria se podia concretizar quer com uma exortação do Papa aos clérigos e fieis apelando à devoção ao Sagrado Coração de Jesus nas primeiras sextas-feiras do mês, quer com a concessão de indulgências.²⁴²

O Papa não respondeu no imediato a Maria, mas a verdade é que, pouco depois de ter recebido a carta, em audiência com o bispo de Liège, falou-lhe do seu desejo de consagrar o Mundo ao Sagrado Coração de Jesus. Para além disso, foram também pedidas ao padre Teotónio Vieira de Castro – por parte do anterior Núncio Apostólico de Portugal, o então Cardeal Domenico Maria Jacobini – informações pormenorizadas sobre a irmã Maria. A resposta do padre Teotónio aconteceu a 18 de fevereiro de 1899 e dizia o seguinte:

«Conheço muito bem a superiora do Bom Pastor do Porto pois sou há quase três anos confessor da comunidade. Sei que muitas pessoas a têm na conta de excelente religiosa; entre elas o falecido Cardeal Dom Américo, bispo do Porto. Aquela religiosa edifica o próximo com a sua resignação e alegria no meio dos sofrimentos e com o seu zelo e caridade. Eu mesmo reconheço nela uma alma que recebeu abundantes graças do Céu durante toda a sua vida, e que está animada dum desejo sincero de progredir na perfeição e dum verdadeiro espírito de sacrifício e obediência, bem como de respeito para com a Autoridade eclesiástica e tudo quanto concerne à Santa Sé.

Relativamente às suas comunicações, que crê receber do Senhor, não me atrevo a emitir um juízo. Parece-me:

1.º Que é provável que esta boa alma tenha recebido comunicações verdadeiramente sobrenaturais; porque as suas virtudes, a cruz dum dolorosa e longa doença, na qual o Senhor a tem crucificado há muito tempo, os favores espirituais que tem recebido, a repugnância em os referir e, não obstante, a prontidão e obediência em contá-los ao seu diretor espiritual, dão fundamento a esta probabilidade.

2.º Pode também ser provável que ela misture com verdadeiras comunicações celestes coisas da sua natural imaginação; porque a frequência das comunicações e a natural inclinação do seu espírito dão também fundamento a esta probabilidade.

²⁴¹ Maria zu Vischering, APUD Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração*, 360.

²⁴² Cf. Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração*, 360.

Mas apesar destas minhas reflexões, não ousou pronunciar-me, pois se trata de matérias que requerem a maior reserva e circunspeção».²⁴³

Ora, tais acontecimentos revelam que a missiva teve um maior impacto que a anterior e que Roma procurava saber mais sobre esta mulher que se mostrava cada vez mais próxima e íntima do Sagrado Coração de Jesus.

Ocorre que a doença que afetou o Papa aos 90 anos de idade deixou o Mundo em alerta e, visto que o Papa ainda não tinha respondido, Maria começava a temer que este seu propósito tão profundo da consagração do Mundo ao Sagrado Coração de Jesus podia não acontecer. No entanto, juntava-se aos católicos do Mundo inteiro rogando e pedindo a intercessão do Sagrado Coração de Jesus pela saúde do Papa.²⁴⁴

Leão XIII foi, então, sujeito a uma operação bastante complicada, tendo em conta a sua idade e a possibilidade do seu coração não aguentar. Todavia, tudo acabou por correr pelo melhor e poucos dias depois da intervenção cirúrgica ficou livre de perigo. Depois de assimilar interiormente tudo o que lhe tinha acontecido, o Sumo Pontífice agradeceu a Deus e a todos aqueles que se uniram em oração pela sua saúde, tendo atribuído esta sua cura ao Sagrado Coração de Jesus.²⁴⁵

De realçar que, durante este tempo de recuperação no ano de 1899, o Papa voltou a reler a carta da irmã Maria e pediu ao Cardeal Gaetano Aloisi Masella (1826-1902) – então Prefeito da *Sagrada Congregação dos Ritos* (hoje o denominado *Dicastério para as Causas dos Santos*) – que a examinasse. Depois de concluído esse processo, o Cardeal volta a entregar a missiva ao Papa afirmando: «Esta carta é muito comovente, e parece com certeza ditada por Nosso Senhor».²⁴⁶

Consciente de que não podia consagrar o Mundo ao Sagrado Coração de Jesus «baseado numa mensagem considerada como recebida do Céu por uma pessoa privada»,²⁴⁷ o Papa encarregou o Cardeal Masella de encontrar argumentos teológicos para a realização de tal ato. Foram necessários poucos dias para que o Prefeito da *Sagrada Congregação dos Ritos* o lograsse fazer a partir da exposição da doutrina de Tomás de Aquino, dizendo que segundo este teólogo afirmando que este teólogo:

«distingue no Reino de Deus aqueles que Lhe estão sujeitos *quantum ad executionem potestatis*, isto é, que obedecem às suas leis, e aqueles que Lhe estão sujeitos somente *quantum ad potestatem*, isto é, sem conhecer as Suas leis e continuando fora do Seu redil,

²⁴³ Teotónio Vieira de Castro, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 229-230.

²⁴⁴ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 232-233.

²⁴⁵ Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 186-187.

²⁴⁶ Gaetano Aloisi Masella, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 233.

²⁴⁷ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 233.

mas que Lhe estão igualmente sujeitos e que, queiram ou não, se não podem eximir à obrigação de voltar para Ele».²⁴⁸

Assim sendo, a dois de abril de 1899, sob a autorização de Leão XIII, o Cardeal Masella fazia saber ao Mundo que o Sumo Pontífice Romano «concedia que as Ladainhas do Sagrado Coração de Jesus fossem rezadas e cantadas em público, em pé de igualdade com as do Santíssimo Nome de Jesus».²⁴⁹ Para além disso, o Cardeal afirmava:

«Sua Santidade, levando a sua ardente devoção ao amorosíssimo Coração de Jesus, e bem assim do desejo de procurar um remédio a tantos males que nos afligem e vão em aumento todos os dias, propõe-se consagrar o Mundo inteiro ao Sagrado Coração. E para dar maior solenidade a esta consagração, Sua Santidade decidiu ordenar quanto antes um Tríduo, durante o qual estas Ladainhas sejam cantadas».²⁵⁰

Após esta comunicação, o Vaticano enviou uma carta ao padre Teotónio Vieira de Castro, onde seguiam, a pedido do Santo Padre, uma bênção apostólica para a irmã Maria e para o seu diretor espiritual, bem como dois exemplares de um decreto da *Sagrada Congregação dos Ritos* para Maria. Para além disso, estava igualmente uma resposta do Papa à 2ª carta que Maria lhe tinha enviado, datado de 6 de janeiro de 1899 e recebida pelo Sumo Pontífice a 15 de janeiro desse mesmo ano, em que dava conhecimento da sua decisão de consagrar o Mundo ao Sagrado Coração de Jesus. Esta missiva não ficou sem retorno, pois a Superiora do convento do Bom Pastor no Porto não resistiu em manifestar a sua imensa alegria e gratidão pelo decreto do Papa.²⁵¹

Sem saber que nos corredores da Cúria Romana o nome da família Droste era dos mais falados, os pais de Maria partiram, em maio de 1899 para mais uma das suas habituais peregrinações à cidade eterna. Enquanto lá estavam foram recebidos por Sua Santidade, o Papa Leão XIII, que os acolheu e questionou acerca da família e, tomando conhecimento que a irmã Maria Droste era filha deles, quis saber sobre a sua infância, adolescência, o seu amor ao Sagrado Coração de Jesus e o percurso até chegar à Congregação do Bom Pastor e a Superiora do convento no Porto. Tendo registado tudo o que conseguiram do encontro, «na tarde daquele mesmo dia, 18 de maio de 1899, chegou ao Porto um telegrama dos condes Droste com a bênção muito particular do

²⁴⁸ Gaetano Aloisi Masella, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 234.

²⁴⁹ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 234.

²⁵⁰ Gaetano Aloisi Masella, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 234.

²⁵¹ Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 188.

Santo Padre. E a 24 chegou a crónica pormenorizada da audiência, segundo a vontade do Papa».²⁵²

Poucos dias depois deste sucedido, a 24 de maio, Maria teve uma nova crise que no entender dos médicos era fatal. A superiora do convento ficou com um músculo do pescoço paralisado e a vista e o ouvido diminuídos. No dia seguinte foi promulgada a encíclica “*Annum sacrum*” sobre a consagração da humanidade ao Sagrado Coração de Jesus, algo que Maria só teve conhecimento no dia seguinte, através do seu diretor espiritual que lhe deu a notícia.²⁵³

Com a destreza intelectual que a doença não tinha perturbado, percebendo que a encíclica chegaria ao Porto depois da festa do Sagrado Coração de Jesus, pediu ao seu diretor espiritual que prevenisse o vigário capitular, visto que a diocese se encontrava em sede vacante após a morte de Dom Américo Ferreira dos Santos Silva, para que tudo estivesse preparado quando o texto oficial da encíclica chegasse à cidade Invicta. Avisado, o vigário capitular decidiu visitar Maria para preparar tão grande solenidade. Tendo-lhe proposto um programa, Maria disse-lhe apenas: «Fora encarregue por N. S. de lhe dizer que não devia temer fazer demasiado n’este sentido e que mais tarde veria a abundância de bênçãos que d’aqui resultariam para esta diocese».²⁵⁴

A encíclica chegou às mãos de Maria no dia 6 de junho, depois do Papa ter ordenado ao Núncio Apostólico em Portugal, na ocasião, que entregasse dois exemplares ao padre Teotónio para que este os fizesse chegar a Maria. Assim aconteceu e, depois deste momento, a irmã Maria Droste percebia espiritualmente que estava a chegar a hora de se encontrar, olhos nos olhos, com Deus.²⁵⁵

2.6 MORTE E BEATIFICAÇÃO

A última crise de Maria aconteceu na noite de 7 para 8 de junho, na qual, tomando conhecimento do seu estado, o seu diretor espiritual correu para lhe administrar os últimos sacramentos. Tendo acordado estranhamente bem-disposta e alegre no dia seguinte, durante a manhã preocupou-se com os preparativos para a festa do Sagrado Coração de Jesus e recebeu, agradeceu e encorajou várias irmãs que iam passando pelo seu quarto. Durante a tarde começou a piorar, mas ainda assim, foi

²⁵² Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 242.

²⁵³ Cf. Ricciardi, 243.

²⁵⁴ Maria zu Vischering, APUD Mallet, *Causa de Beatificação e Canonização da Serva de Deus Irmã Maria do Divino Coração Religiosa de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor de Angers*, 201.

²⁵⁵ Cf. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 244.

visitada pelo fundador do Bom Pastor no Porto, o padre Ruas e, em seguida, pelo seu diretor espiritual.²⁵⁶

Neste encontro último com o padre Teotónio Viera de Castro, a irmã Maria do Divino Coração foi ouvida em confissão e ofereceu-lhe um dos exemplares da encíclica enviada pelo Papa. Pouco depois e, pensando que não seria a sua última hora, o sacerdote deixou-a, mas eis que a serva de Deus lhe faz um último pedido: queria comungar. Foram as suas últimas palavras, pois pouco depois suspirou e partiu para os braços do Pai: «Eram 3 horas da tarde de quinta-feira 8 de Julho de 1899, primeiras vésperas da festa do Sagrado Coração de Jesus».²⁵⁷

A sua missão estava cumprida e, se toda a sua vida foi repleta de momentos de revelações e de intimidades espirituais com o Senhor, sendo que a hora da sua morte – a mesma de Jesus – não deixa de ser muito especial, visto que pode ser considerada uma coincidência providencial, tal como nos é descrito:

«O Senhor veio buscá-la para já celebrar com Ele não só a Solenidade do Coração de Jesus, no dia 9 (morre na véspera, primeiro dia do tríduo), mas a alegria suprema da sua vida, como apostola da Consagração: celebrar no Céu, em comunhão com o Papa e com toda a Igreja, a Consagração do Género Humano ao Coração do Redentor, no dia 11, três dias após a sua partida para a casa do Pai».²⁵⁸

As suas exéquias foram celebradas a 10 de junho e contaram «com a participação de mais de 40 sacerdotes, membros da aristocracia, gente do povo e sobretudo pobres».²⁵⁹ Sepultada no cemitério de Paranhos no Porto, desde esse dias, eram vários os que rumavam em peregrinações ao sepulcro desta serva de Deus que marcou a vida daqueles com quem privou, em especial na cidade da Nossa Senhora da Vandoma.²⁶⁰

Reconhecida a sua fama de santidade, o seu processo de beatificação e canonização começou a desenrolar-se em 1910, porém eventos como a Implantação da República em Portugal e as duas grandes guerras condicionaram o decorrer do processo, tendo sido beatificada apenas a 1 de Novembro de 1975 pelo Papa Paulo VI.²⁶¹

²⁵⁶ Cf. Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 197-198.

²⁵⁷ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 248.

²⁵⁸ Dário Pedroso, *Acreditar no amor*, 151.

²⁵⁹ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 271.

²⁶⁰ Cf. Ricciardi, 271.

²⁶¹ Cf. Ricciardi, 250.

3. Uma Igreja com uma nova espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus

Neste capítulo derradeiro do nosso trabalho, dedicado sobretudo à devoção e espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus, iremos começar por ver o desejo de Maria do Divino Coração, a si dado pela vontade do próprio Jesus, em se entregar, interiormente e exteriormente, à santificação dos sacerdotes, dizendo-lhe o Senhor que o Seu Sagrado Coração podia ser fonte de inspiração para essa mesma santificação. Desse modo, Maria dedicou-se também a rezar e a criar todas as condições possíveis para que esta devoção e espiritualidade ao Sagrado Coração de Jesus pudessem ser apreciadas e queridas pelos sacerdotes.

De seguida, veremos como a devoção ao Sagrado Coração de Jesus se instalou no Povo de Deus (e, em especial, em muitos sacerdotes), que passaram a dedicar-se a amar o Coração trespassado de Jesus. Para além disso, são imensos os escritos, que a Igreja como Povo de Deus passará a publicar, dedicados ao Coração, quer dos Sacerdotes, quer daqueles fiéis leigos e outras pessoas consagradas que se foram tornando devotas do Sagrado Coração de Jesus. Para não nos estendermos para além do nosso propósito capital, iremos dar a nossa atenção a alguns tópicos mais salientes desta já genuína espiritualidade – assaz dissociada da devoção dinamizada por Marguerite-Marie Alacoque – tal como ela aparece em certos pronunciamentos de Bento XVI e Francisco.

No entanto, e não se podendo ignorar que esta devoção parece, para muitos, ultrapassada e incapaz de mover os corações como anteriormente, também teremos, nas páginas seguintes, o grande cuidado de, separando o trigo do joio, negar essa impressão. E isto, em linha com o que a própria Igreja tem manifestado, seja acerca do estar atenta a isso, seja a nível do tentar encontrar meios que nos possam ajudar a reencontrar no Coração de Jesus uma fonte que sacie a sede de Deus.

3.1 A IGREJA DO BOM PASTOR E A SUA INTENCIONALIDADE

Pode parecer estranho só agora, e não no capítulo anterior, detalharmos alguns aspetos da edificação da igreja do Bom Pastor, mas esta opção surgiu de uma constatação: mais do que a edificação da obra, a grandeza singular da mesma está na sua

intencionalidade e nos meios que, fruto da sinergia de vontades entre Jesus e Maria do Divino Coração, implicaram para a promoção de uma devoção do Coração de Jesus que já se ia tornando uma genuína espiritualidade muito característica dentro da única espiritualidade cristã.

Pois bem, quem vive no Porto e arredores, conhece bem a igreja do Bom Pastor, e a verdade é que a Irmã Maria do Divino Coração, conforme já vimos no capítulo anterior, sempre cuidou que a comunidade para onde viera pudesse estar munida de uma digna igreja, especialmente votada à reparação das feridas que eram infligidas a Jesus e, ao mesmo tempo, para ser como um “para-raios” que acolhesse e retransmitisse os dons divinos para todos os sacerdotes, em especial os mais necessitados: «numa carta a 13 de Agosto de 1897, fala do seu desejo de construir uma igreja. Ouvira do Senhor que esta igreja deveria ser consagrada ao Seu Santíssimo Coração, e seria lugar de penitência por sacrilégios cometidos, e para obter graças para os sacerdotes».²⁶²

Como já vimos no capítulo anterior – embora desde outro prisma, não atento às dimensões espirituais de tal empreendimento – Maria, logo que chegou ao Porto, «concebeu a ideia da construção duma nova igreja ou capela».²⁶³ Tudo isto já sabemos daqueloutro capítulo, mas justifica-se esta reiteração, seja para não forçarmos a memória dos nossos leitores, seja, sobretudo, para, com essa memória bem avivada, abrir a atenção à temática da espiritualidade do Coração de Jesus.

Porém, as grandes dificuldades financeiras do Convento adiaram este seu sonho. No entanto, essas mesmas dificuldade foram ultrapassadas quando o seu pai comprou os edifícios e terrenos do Convento, algo que colocou em segurança a Casa do Bom Pastor no Porto, sendo que o acalentado sonho de se vir a erigir uma igreja, começava a ser plausível. Maria, ainda que assolada pela doença, não perdeu tempo a pedir licenças para a construção da mesma à casa-mãe da sua Congregação. Recebida a licença pela Superiora Geral, a jovem Droste, comunica imediatamente o sucedido ao seu diretor espiritual – que então se encontrava em peregrinação a Lourdes – pedindo-lhe o seguinte:

«Recomendai a obra a Nossa Senhora, para que a abençoe e tome sob a sua proteção, para glória do seu Divino Filho. Sentir-me-ia muito feliz, se a Senhora o inspirasse sobre a quem deve ser dedicada a igreja. Já lhe disse o meu pensamento, mas espero a sua decisão, pois desejo fazer unicamente a vontade de Deus. Peço-lhe: deponha aos pés da Virgem Imaculada o bilhete incluso, juntando-lhe capela ou igreja, conforme o seu parecer».²⁶⁴

²⁶² Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste Zu Vischering*, 129.

²⁶³ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 210.

²⁶⁴ Ricciardi, 210.

Depois da difícil decisão da construção da igreja, Maria pensava constantemente a quem a iria dedicar. Indecisa, rezou e procurou conselho junto de muitas pessoas, sem nunca ter chegado a uma conclusão,²⁶⁵ até que, como a própria conta numa carta enviada ao seu diretor espiritual, numa sexta-feira, enquanto orava, Jesus disse-lhe o seguinte:

«Quero que a igreja seja consagrada ao Meu Coração. Deves erigir aqui um lugar de reparação; por Minha parte, será um lugar de graças. Distribuirei copiosas graças a todos os habitantes desta casa, os que nela vivem, os que nela viverão, e até às pessoas das suas relações».²⁶⁶

Para além disso, contou-lhe que tinha o desejo de que aquela igreja fosse: «lugar de reparação pelos sacrilégios e para obter graças para o clero».²⁶⁷ Ora, o zelo pela salvação das almas – da “pessoa”, diríamos nós atualmente – da Irmã Maria, não era exclusiva das jovens internadas no Bom Pastor. Para além disso, da sua vida íntima e de união com Deus e de todas as ocupações a que estava sujeita devido aos cuidados na direção da casa, Maria dedicava-se aos outros, e sentia já há algum tempo uma grande preocupação com a formação dos sacerdotes e cuidado com a santidade destes. Como há de o Povo de Deus ser santo se quem o guia não o é? Sabemos que isto é possível, mas não se deve presumir muito da fecundidade da graça em corações empedernidos pelo pecado próprio ou daqueles que lhes deviam servir de exemplo.

Neste campo da atenção aos sacerdotes, merece ser mencionado o seu profundo respeito pelas autoridades eclesiásticas e a sua grande preocupação pela boa formação dos sacerdotes, nomeadamente junto do Visconde de São João da Pesqueira que auxiliou e inspirou a fundar o colégio português em Roma:

«Foi argumento validíssimo da sua fé heroica o seu respeito profundo e submissão completa ao Pontífice Romano, aos Bispos e às outras autoridades eclesiásticas, estando orgulhosa de ser filha da Igreja. Os ministros de Deus em geral, como tais e em virtude das relações com a Santíssima Eucaristia, inspiravam a Irmã Maria do Divino Coração a um respeito profundo que se manifestava no modo de privar com eles, e nas orações fervorosas que fazia a Deus e queria que outros fizessem pelo clero, vendo ela na santificação desta ordem um sinal de saúde para muitíssimas almas. Pedia frequentemente e com fervor, principalmente quando o Santíssimo estava exposto, que rezassem pelo Sumo Pontífice e pelos Bispos. Quando obteve do Cardeal do Porto a autorização para a exposição das primeiras sextas-feiras e a bênção durante o mês do Sagrado Coração de Jesus, declarou que estes exercícios seriam oferecidos em espírito de reparação e para conseguir graças abundantes pela diocese e principalmente pelos seminários. Auxiliou com as suas orações e conversas o Visconde da Pesqueira que realizou o projeto de

²⁶⁵ Cf. Ricciardi, 211.

²⁶⁶ Maria zu Vischering, APUD, Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 211.

²⁶⁷ Cf. Maria zu Vischering, APUD, Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 211.

fundar em Roma um Seminário Português, o que se fez nos últimos anos do Pontificado de sua Santidade, Leão XIII». ²⁶⁸

Talvez por este seu lado bondoso para com os sacerdotes, o próprio Jesus, profundo conhecedor da vida e dos sentimentos da Irmã Maria Ihe tenha pedido que erigisse uma igreja dedicada ao Seu Sagrado Coração e que fosse um local de obtenção de graças para o clero. Para além disso, o padre Alves, capelão do Bom Pastor, sabia deste amor que Maria nutria pelos clérigos e pediu-lhe que acompanhasse um sacerdote que levava uma vida errante e que necessitava de se converter, algo que se veio a verificar, como podemos verificar pelas palavras do capelão:

«levava vida irregular. Mas após dois ou três colóquios – era eu quem o acompanhava ao locutório – convencido pelas reflexões, palavras e conselhos da Superiora, converteu-se e voltou à prática dos seus deveres. Eu mesmo o vi, após a morte da Irmã Maria, celebrar na capela do Instituto, como sinal de gratidão pelos benefícios que recebeu». ²⁶⁹

Esta atitude de Maria, de querer o melhor para os sacerdotes e de ter dedicado uma boa parte da sua missão ao desenvolvimento espiritual e intelectual do clero, levou a que:

«ainda hoje, o retrato da Irmã Maria do Divino Coração ocupe o primeiro lugar no salão nobre do Colégio Português. Por isso, desde o dia da fundação, não há sacerdote ali formado que não tenha voltado à pátria com a lembrança mais acendrada para com aquela que podemos dizer a verdadeira protetora do clero português». ²⁷⁰

Apesar das obras de construção dessa igreja terem iniciado depois da sua morte, esta tornou-se uma «espécie de testamento espiritual às Irmãs e ao Dr. Teotónio». ²⁷¹ Contudo, não tenhamos dúvida: Maria foi a grande mentora do projeto; aliás, foi precisamente ela, com a ajuda de um engenheiro, que elaboraram o projeto que ficou concluído em agosto de 1898. ²⁷² Ainda que as obras só tivessem arrancado em 1904, já sem o comando da Superiora que Ihe deu forma, este edifício tem claramente a sua marca, projeta os seus desejos e anseios, de onde não podemos desvalorizar o seu desejo de que este seria um espaço de oração ao Sagrado Coração de Jesus que procura tornar o Coração dos Sacerdotes semelhante ao Coração de Cristo. E isto, não menos porque esta igreja está dedicada ao Sagrado Coração de Jesus e tenha sido querida, sobretudo, como um lugar de obtenção de graças para um clero que se desejava santo ou cada vez mais

²⁶⁸ Gabriel Mallet, *Causa de Beatificação e Canonização da Serva de Deus Irmã Maria do Divino Coração Religiosa de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor de Angers*, 107-108.

²⁶⁹ Manuel Alves, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 172.

²⁷⁰ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 174.

²⁷¹ Ricciardi, 212.

²⁷² Ricciardi, 212.

santo,²⁷³ e que, a partir daí, tal clero santificasse, também pela sua vivência da espiritualidade ligada a tal Coração, a vida dos demais fiéis.

3.2 O CORAÇÃO DE CRISTO E O CORAÇÃO DO SACERDOTE EM ALGUNS TRAÇOS DO MAIS RECENTE MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

Maria Droste foi a grande apostola do Sagrado Coração de Jesus em Portugal, contudo esta forma de devoção já se vinha a desenvolver, afincadamente e em todo o mundo, desde as aparições de Paray-le-Monial, com grande destaque para o interior da Europa. Ainda assim, não deixa de ser curioso que tenha sido através dela e da sua insistência perante o Papa Leão XIII que esta devoção tenha tomado uma maior dimensão no seio da Igreja, como podemos observar na encíclica “*Annum sacrum*”, emitida para se operar a Consagração do género humano ao Sagrado Coração de Jesus. Algo que levou a que muitos outros escritos sobre esta devoção, a qual, lentamente – e em nossa opinião –, se foi convertendo numa espiritualidade.

De todo este desenvolvimento surgiu também a insistência de tornar o Coração do presbítero cada vez mais semelhante ao Coração de Cristo, algo que a Superiora do Bom Pastor procurara dinamizar. Para além de Maria, esta foi também uma dimensão muito trabalhada e desenvolvida pelos membros da Igreja, nomeadamente por teólogos, sacerdotes e inclusive Sumos Pontífices. Entre os escritos destes, os mais relevantes terão sido: a encíclica “*Annum sacrum*” de Leão XIII – dedicada à consagração de todo o mundo ao Coração de Jesus –, a “*Miserentissimus Redemptor*” de Pio XI (1857-1922-1939) – sobre a reparação ao Coração de Jesus –, a “*Haurietis Aquas*” de Pio XII (1876-1939-1958) – sobre o culto do Sagrado Coração de Jesus – e, por fim, a “*Redemptor hominis*” de João Paulo II (1920-1978-2005) – dedicada a Jesus Cristo como o único Redentor. Posto isto, iremos centrar-nos em alguns documentos dos dois últimos Papas, essencialmente dirigidos a sacerdotes, que nos contam as suas propostas, anseios e desejos para que os sacerdotes se identifiquem cada vez mais com o Coração de Cristo sacerdote e bom pastor.

3.2.1 Bento XVI

Ao longo do seu pontificado, Bento XVI (1927-2005-[2013-]2022) colocou algumas vezes em ênfase a ligação profunda que seria desejável haver entre o Coração de Jesus e o Coração do presbítero. Tendo em conta a dimensão espiritual presente nesta

²⁷³ Cf. Ricciardi, 211.

tão nobre devoção, na pregação anual dos exercícios espirituais à Cúria Romana em fevereiro de 2008, dirigiu-se, a dezasseis de fevereiro, ao guia espiritual dos mesmos – o padre jesuíta e biblista francês Albert Vanhoye – agradecendo-lhe por ter ajudado, a ele e a todos os outros que participaram nesses exercícios, «a entrar na participação no sacerdócio de Cristo e, deste modo, inclusivamente a receber o novo coração, o Coração de Jesus, como âmago do mistério da nova Aliança».²⁷⁴

Ainda nesse mesmo ano, mas agora no discurso proferido, a nove de junho, por ocasião do encontro com a comunidade da Pontifícia Academia Eclesiástica, o Sumo Pontífice declara que é essencial os presbíteros beberem do Sagrado Coração de Jesus o amor e a misericórdia que dele brotam, pois dessa forma, serão capazes de a levar aos outros. O amor divino de Jesus que se revela no seu Coração é fundamental para que os sacerdotes possam levar a bom porto a sua missão – que neste caso em específico é a missão diplomática apostólica. Esta aproximação ao Coração de Jesus colocará os sacerdotes aptos a oferecerem, para além daquilo que aprenderam e estudaram, um bom testemunho sacerdotal, de amor e de fidelidade a Cristo e à Igreja. Eis o que era tão desejado pela Irmã Maria do Divino Coração, e pelo qual se cansava e esgotava no período da sua doença como podemos ler numa carta da Irmã Assistente do Porto ao Abade Ildephonsus Schober: «ofegante e sentindo-se tão mal, ainda conseguiu dizer: “Tenho de Preparar-me para a festa do Sagrado Coração e nela dar-me para que os sacerdotes sejam bons, sábio e sobretudo (e aqui a Irmã parou largos momentos) santos...”».²⁷⁵

Pois bem, ainda parafraseando o dito por Bento XVI na ocasião anterior, vinquemos que ele menciona que, quando vivem atentos ao Coração de Cristo, os pastores sê-lo-ão segundo o seu Coração, permanecerão unidos a ele, o que trará paz e serenidade nos momentos mais complexos e difíceis e facilitará a vivência do ministério junto dos fiéis, falando-lhes com um Coração de Pastor. Neste seu escrito, o Papa foca também a importância de ouvir a Palavra de Deus e coloca em destaque a celebração da eucaristia: «o coração e o centro de todos os vossos dias e de todo o vosso ministério».²⁷⁶

²⁷⁴ Bento XVI, «Discurso no final da pregação anual dos exercícios espirituais da cúria romana», em *Insegnamenti di Benedetto XVI*: 2008, IV, 1 (Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009), 260.

²⁷⁵ Max Bierbaum, *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*, 197.

²⁷⁶ Bento XVI, «Discurso durante o encontro com a comunidade da Pontifícia Academia Eclesiástica», em *Insegnamenti di Benedetto XVI*: 2008, IV, 1 (Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana) 973.

Por outro lado, e como bem recorda Bento XVI com a sua linguagem claríssima, o Coração de Jesus foi também trespassado pela lança, algo que ele, presentemente e neste Discurso que estamos a considerar, associa a ser um símbolo do lado débil e ferido de Jesus que, em muitas situações, se identifica com a infidelidade de alguns ministros ordenados que, em certos casos, são também motivo de escândalo e repulsa, muitas vezes justificada, para o mundo.²⁷⁷ Por isso, continua Bento XVI, a importância de se reconhecer que na Igreja não são os leigos comuns que a podem debilitar mais – pois antes do mais são vistos como o João ou o Pedro, a Madalena ou a Marta – antes os membros do clero, nomeadamente os sacerdotes, que são, nas suas fraquezas e franquezas, a imagem mais concreta e visível de Jesus,²⁷⁸ que deve ser dada a conhecer aos demais.

Um ano mais tarde, em dezasseis de junho de 2009, na carta que proclamava um “Ano Sacerdotal” por ocasião do 150.º aniversário natalício do Santo Cura d’Ars, Bento XVI volta a abordar a temática do Coração de Jesus em constante ligação com o Coração sacerdotal. Nessa missiva, cita o número 1589 do “*Catecismo da Igreja Católica*” que cita o que o Santo Cura d’Ars mencionava várias vezes: «o sacerdócio é o amor do Coração de Jesus».²⁷⁹ Assim, ao contrário do que víamos nos textos anteriores, Bento XVI foca-se, agora e essencialmente, na figura do presbítero e parte dela em direção ao Coração de Jesus, sem esquecer a imagem da lança que perfura o lado de Jesus. Nesse sentido, a sua intenção é a de dar-nos conta do «dom imenso que são os sacerdotes não só para a Igreja, mas também para a própria humanidade»,²⁸⁰ bem como:

«das inumeráveis situações de sofrimento em que se encontram imersos muitos sacerdotes, ou porque participantes da experiência humana da dor na multiplicidade das suas manifestações, ou porque incompreendidos pelos próprios destinatários do seu ministério: como não recordar tantos sacerdotes ofendidos na sua dignidade, impedidos na sua missão e, às vezes, mesmo perseguidos até ao supremo testemunho do sangue?»²⁸¹

Evocando Jean-Baptiste-Marie Vianney, extraordinário exemplo de Coração Sacerdotal, Bento XVI fala-nos da vida de tão venerado santo enquanto presbítero, da missão que lhe foi confiada e da forma como lidou com todas as situações que se colocavam diante dos seus olhos. Assim, e por exemplo, refere o Santo Padre que o

²⁷⁷ Cf. Bento XVI, 1211.

²⁷⁸ Bento XVI, 1212.

²⁷⁹ Bento XVI, «Carta para a proclamação de um Ano Sacerdotal por ocasião do 150º aniversário do Dies Natalis do Santo Cura d’Ars», *AAS* 101 (2009): 569.

²⁸⁰ Bento XVI, 569.

²⁸¹ Bento XVI, 570.

Santo Cura d’Ars tinha chegado a Ars, «uma pequena aldeia com 230 habitantes, precavido pelo Bispo de que iria encontrar uma situação religiosamente precária: “naquela paróquia não há muito amor de Deus; infundi-lo-eis vós”».²⁸² Atendendo à situação, ele estava «plenamente consciente de que devia ir para lá a fim de encarnar a presença de Cristo, testemunhando a sua ternura salvífica».²⁸³

Em consequência disto, pedia insistentemente a Deus a conversão da sua paróquia. Isto chegou mesmo a acontecer – pelos sucessos realizados na comunidade, junto dos mais pobres, dos que precisavam de ser ouvidos, dos doentes e de todos aqueles que se cruzavam com ele – e fizeram dele, no parecer de Bento XVI, um exemplo a seguir para todos os outros sacerdotes. Um modelo do pastor à imagem do Pastor Modelo – Jesus Cristo –, por conseguinte, e que o Papa faz questão de homenagear pedindo aos presbíteros da atualidade que se identifiquem com o ministério deste homem simples, humilde, incansável e padroeiro dos sacerdotes seculares, pois Jean-Baptiste-Marie Vianney lograra unir o seu Coração ao do Senhor:

«também hoje é urgente igual anúncio e testemunho de verdade do Amor: *Deus caritas est* (1Jo. 4,8). Com a Palavra e os Sacramentos do seu Jesus, João Maria Vianney sabia instruir o seu povo, ainda que frequentemente suspirava, convencido da sua inaptidão, a ponto de ter desejado diversas vezes subtrair-se às responsabilidades do ministério paroquial de que se sentia indigno».²⁸⁴

Também nesta carta, Bento XVI insiste na já vista imagem do Coração trespassado de Jesus, associando, agora, esta ideia ao facto, já antes apontado como sendo uma grande preocupação da Irmã Maria do Divino Coração, de que o estudo e a formação são pilares essenciais na formação do sacerdote cristificado pela união do seu Coração com o do Senhor. Com efeito, começando por dizer que além do saber teórico, «é ainda mais necessária a “ciência do amor”, que só se aprende “coração a coração” com Cristo»,²⁸⁵ tem o cuidado de mencionar que Jesus pede aos sacerdotes que sejam dispensadores da Sua misericórdia, que partam o pão do Seu amor na Eucaristia e guiem a porção do Povo de Deus que lhes é confiada em Seu nome. Ora, para que tudo isto seja possível, é essencial que todos não se afastem «da nascente do amor que é o Seu coração trespassado na cruz».²⁸⁶ “Todos” é, evidentemente, “todos”, mas é um termo que se dirige em especial aos sacerdotes, chamados a «cooperar eficazmente para o misterioso “desígnio do Pai”, que consiste em “fazer de Cristo o coração do

²⁸² Bento XVI, 571.

²⁸³ Bento XVI, 571.

²⁸⁴ Bento XVI, 572.

²⁸⁵ Bento XVI, 586.

²⁸⁶ Bento XVI, 586.

mundo!”²⁸⁷ – do mesmo modo que, acrescentamos nós, Ele como que fez do Mundo o Seu coração a ponto de, na Cruz, quase ter mostrado amar-nos mais a nós do que a Si.

Como belo seria se a realidade fosse esta; mas não é. Não duvidamos que todos remamos para que assim seja, mas muitas vezes inadvertidamente há quem destoe, mesmo que, como aconteceu com a Irmã Maria do Divino Coração, haja santos e místicos nos recantos mais inesperados: «ela – diz a Irmã Maria de Santo Estêvão – estava feliz porque estava unida ao nosso Senhor, ao Seu Coração, sem nunca nos deixar saber que era tão privilegiada por Deus».²⁸⁸

Seja como for, Bento XVI também refere, nesta Carta que temos seguido com grande atenção, que, para não deixarem desvanecer a vocação, os presbíteros devem ter em atenção que as «nossas carências, os nossos limites e debilidades devem reconduzir-nos ao Coração de Jesus»,²⁸⁹ pois também os sacerdotes – em especial devido às suas responsabilidades vocacionais – necessitam de conversão. Ou seja, os presbíteros necessitam de refletir sobre a sua própria vida e vocação e de se aproximarem do sacramento da Reconciliação, de modo a permanecerem de coração limpo, para, assim, poderem ajudar aqueles que são chamados a salvar.

Dias depois de ter terminado o ano sacerdotal, e na oração do *Angelus* de treze de junho de 2010, o, para nós genuinamente santo, santo Bento XVI voltou a frisar a figura do sacerdote como um dom, não apenas para a Igreja, como também para o mundo. Para além disso, afirma que o sacerdote tem origem no Coração de Deus e que «é plasmado pela própria caridade de Cristo, aquele amor que o levou a dar a vida pelos seus amigos e também a perdoar os seus inimigos. Por isso os sacerdotes são os primeiros operários da civilização do amor».²⁹⁰

Desta feita, a figura sacerdotal que Bento XVI traz à colação é a de Jerzy Popiełuszko, um sacerdote e mártir polaco que, ao longo do seu ministério, foi um incansável defensor da liberdade e da vida e da sua dignidade, num país – a Polónia ocupada pela ex-URSS – governado por pessoas e engrenagens sociais violentas e opressoras. Esta figura importante para o povo polaco, é um sinal da relevância dos sacerdotes, não apenas para a Igreja, mas para o mundo, pois são muitas as iniciativas de promoção humana integral que partem de um «coração sacerdotal» como o dele.²⁹¹ Em suma e como base de tudo o feito por Popiełuszko, Bento XVI não tem reservas em

²⁸⁷ Bento XVI, 586.

²⁸⁸ Maria zu Vischering, APUD A. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 147.

²⁸⁹ Bento XVI, 586.

²⁹⁰ Bento XVI, «Angelus», 13 de junho de 2010.

²⁹¹ Cf. Bento XVI, «Angelus».

dizer que foi o «amor de Popiełuszko ao Coração de Cristo que o levou a dar a vida, e o seu testemunho foi semente de uma Primavera na Igreja e na sociedade»,²⁹² razão pela qual este presbítero deve ser também exemplo para todos os outros sacerdotes.

3.2.2 *Francisco*

Tal como o seu antecessor, o Papa Francisco (1936-2013-?) está a ser um verdadeiro promotor do desejo da presença do Coração de Jesus no mundo, nomeadamente, e como vimos ser também uma preocupação em Bento XVI, aquele outro na sua identificação com o Coração dos sacerdotes. Essa vertente verificou-se logo no início do seu pontificado quando, a trinta e um de outubro de 2013 e numa homilia junto do túmulo de João Paulo II, nos coloca diante de dois ícones: “Paulo” e a “cidade”. Paulo permanece fiel ao amor a Cristo e nele encontra a força necessária para seguir em frente, enquanto na cidade, o povo é infiel, não aceita o amor de Jesus, ou pior do que isso, vive esse amor de acordo com as suas conveniências.

É nesse sentido, continua Francisco, que Paulo se aproxima deste Coração de Jesus, enquanto a cidade e o povo que nela habita se afasta desse Coração,²⁹³ cheio de água para a nossa sede e de sede dessa mesma sede do nosso Coração. Essa sede divina que a Irmã Maria sempre quis saciar através

«de uma plena e total doação ao Senhor através de toda a Humanidade de Jesus, realmente presente no sacramento da Eucaristia, sendo que para ela é requerido, sobretudo para a todos os que vivem no Mundo – sacerdotes e leigos – a consagração a tal Coração para dignamente se participar na Eucaristia».²⁹⁴

Já no 3.º retiro mundial dos sacerdotes, na homilia proferida na sexta-feira doze de junho de 2015, Francisco destaca, do modo axiomático que tão lhe é característico, a dimensão de ternura do Coração de Jesus: «o Coração de Cristo é a ternura de Deus».²⁹⁵ Por isso, o Papa dirige as seguintes palavras aos sacerdotes: «desejo que sejais pastores com a ternura de Deus, que deixeis o “chicote” pendurado na sacristia e que sejais pastores com ternura, inclusive para aqueles que vos criam problemas».²⁹⁶ Deste modo, estarão a proceder, no parecer certamente atencioso de Francisco, justamente com um Coração semelhante ao de Cristo que nos diz: «Vinde a mim, os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de

²⁹² Bento XVI, «Angelus».

²⁹³ Cf. Francisco, «Homilia da Missa diante do túmulo de João Paulo II».

²⁹⁴ Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 259.

²⁹⁵ Francisco, «Homilia no 3º Retiro Mundial de sacerdotes», *AAS* 107 (2015): 596.

²⁹⁶ Francisco, 596.

mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas, pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve» (*Mt.* 11, 28-30).

Em 2015, num discurso dirigido, a cinco de junho, aos participantes no Capítulo Geral dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, o Papa destacou a misericórdia deste Coração Divino. Ser sacerdote segundo o Coração de Jesus é ser canal «deste amor em primeiro lugar em relação aos últimos, aos mais pobres, que são os privilegiados aos seus olhos».²⁹⁷ Por isso, o Papa pede a todos que sejam presença viva do Coração de Cristo no mundo alertando-os para a urgência de se abrirem com prontidão às necessidades atuais e para estarem presentes nos novos locais de evangelização,²⁹⁸ «privilegiando, mesmo que isso devesse incluir sacrifícios, a abertura para as realidades de extrema necessidade de que se revelam sintomáticas nas doenças da sociedade atual».²⁹⁹

A três de junho de 2016, na homilia proferida na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, o atual [2023] Sumo Pontífice volta a tratar especificamente da relação entre o Coração de Jesus – a Quem ele intitula de “Bom pastor” – e o Coração dos pastores. Francisco começa por nos dizer para onde conduz o Coração do Bom Pastor. Seja-nos permitida uma longa citação que abarca do 2.º ao 4.º capítulos desse texto:

«O Coração do Bom Pastor é, não apenas o Coração que tem misericórdia de nós, mas a própria misericórdia. Nele resplandece o amor do Pai; nele tenho a certeza de ser acolhido e compreendido como sou; nele, com todas as minhas limitações e os meus pecados, saboreio a certeza de ser escolhido e amado. Fixando aquele Coração, renovo o primeiro amor: a memória de quando o Senhor me tocou no mais íntimo e me chamou para O seguir; a alegria de, à sua Palavra, ter lançado as redes da vida (cf. *Lc.* 5,5).

O Coração do Bom Pastor diz-nos que o seu amor não tem limites, não se cansa nem se arrende jamais. Nele vemos a sua doação incessante, sem limites; nele encontramos a fonte do amor fiel e manso, que deixa livres e torna livres; nele descobrimos sempre de novo que Jesus nos ama “até ao fim” (*Jo.* 13,1) – não se detém antes, ama até ao fim –, sem nunca se impor.

O Coração do Bom Pastor está inclinado para nós, concentrado especialmente sobre quem está mais adiante; para aí aponta obstinadamente a agulha da sua bússola, por essa pessoa revela um fraquinho particular de amor, porque deseja alcançar a todos e não perder ninguém».³⁰⁰

Depois desta compacta exposição sobre algumas das características do Coração do Bom Pastor, ele questiona os sacerdotes: «para onde está orientado o meu

²⁹⁷ Francisco, «Discurso aos participantes no Capítulo Geral dos Padres do Sagrado Coração de Jesus».

²⁹⁸ Cf. Francisco.

²⁹⁹ Francisco.

³⁰⁰ Francisco, «Homilia no Jubileu dos sacerdotes», *AAS* 108 (2016): 616.

coração?»³⁰¹ Pergunta difícil de responder, certamente, numa era em que ainda a generalidade dos sacerdotes não tem tempo para parar e refletir espiritualmente sobre a sua vida espiritual, mas, ao mesmo tempo, uma pergunta decisiva que, segundo Francisco, deve ser colocada constantemente, tendo em conta as várias frentes de embate a que está sujeito o ministério sacerdotal. E isto, de maneira que este ministério seja santificado, mediante, depois de uma possivelmente conversão, os sacerdotes terem o seu coração fixo no Coração de Deus, pois todos nós temos fraquezas e pecados e, muitas vezes, é necessário ir à raiz desses problemas para deitar fora tudo aquilo que nos afasta de Deus e que corrompe o nosso coração.

Em seguida, o Papa apresenta-nos os dois tesouros insubstituíveis do Coração de Deus: o Pai e nós.³⁰² O mesmo acontece com o Coração do sacerdote, visto que tem como tesouros: o Senhor e as pessoas.³⁰³ Ora, esta ligação entre estes dois Corações alerta-nos que «o coração do sacerdote é um coração trespassado pelo amor do Senhor; por isso já não olha para si mesmo – não deveria olhar para si mesmo –, mas está fixo em Deus e nos irmãos»,³⁰⁴ na fé, e não só, a quem deve servir denodadamente depois, quiçá, de se submeter a uma operação oftalmológica espiritual aos olhos do coração que são visíveis no do rosto.

Para além disso, o Papa traz de novo para a discussão desta devoção o sacramento da Eucaristia, que ele considera ser o espaço onde os sacerdotes reencontram todos os dias a sua identidade de pastores e, por isso, aproveitou para lhes agradecer e incentivar a continuar a responder afirmativamente ao chamamento de Deus.³⁰⁵ Bem como a perseverarem com fé unidos ao Coração de Jesus, acerca do Qual podem, e até inclusive devem, ter a certeza de que está a sustentar as adversidades e dificuldades pelas quais os sacerdotes atravessam neste mundo em que são o alvo privilegiado de tantos ataques, por vezes genuinamente seletivos e nada inocentes, dirigidos à Igreja.

No discurso, proferido no dia 16, aos participantes no Capítulo Geral dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus, realizado no mês de setembro de 2016, o Papa fez questão de mencionar o fantástico trabalho que o fundador desta congregação fez na difusão da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e alerta a que os atuais sacerdotes desta Congregação compreendam o trabalho desenvolvido pelo seu fundador

³⁰¹ Francisco, 616.

³⁰² Cf. Francisco, 617.

³⁰³ Cf. Francisco, 617.

³⁰⁴ Francisco, 617.

³⁰⁵ Cf. Francisco, 619.

e atualizem a forma de expressar tal devoção em «obras e ações que testemunhem o amor terno e misericordioso de Jesus para com todos, sobretudo para com aquelas porções de humanidade mais necessitadas».³⁰⁶ Para que assim aconteça, Francisco convida os sacerdotes

«a manter o olhar fixo no Senhor Jesus Cristo a fim de aprender d'Ele a amar com coração humano, a procurar e a ocupar-vos das ovelhas tresmalhadas e feridas, e comprometer-vos pela justiça e pela solidariedade com os débeis e os pobres, a dar esperança e dignidade aos deserdados, a ir onde houver um ser humano que espera ser acolhido e ajudado».³⁰⁷

Muito importante na perspetiva do Papa é que, ao serem estes sacerdotes enviados ao mundo, a Igreja confia neles a missão, decorrente do seu próprio carisma, de serem especiais testemunhas, às pessoas e através de obras, «do amor apaixonado e terno de Deus pelos pequeninos, pelos últimos, indefesos e descartados da terra».³⁰⁸

Aproveitando uma outra ocasião, o Papa pede aos sacerdotes de hoje que, na sua vida e ação, se distingam pelo testemunho e que adiram a sem reservas ao Coração de Jesus, pois é ele que caracteriza a missão dos mesmos com a marca de Cristo que o presbítero também precisa de levar a penetrar, como gota em espoja ou em pedra, nas pessoas que lhe estão confiadas. Nesse sentido, e porque efetivamente, ao longo dos séculos muitos sacerdotes foram exemplo indelével da concretização dessa aduzida missão, deixamos aqui o exemplo de Francisca Xavier Cabrini, missionária do Sagrado Coração de Jesus e que o Papa Francisco, no discurso que leu a nove de dezembro de 2017 para assinalar o primeiro centenário da sua morte, considerou um «exemplo de verdadeira vocação: esquecer-se de si para se abandonar plenamente ao amor de Deus».³⁰⁹ Importa referir que foi esta vida segundo a espiritualidade do Sagrado Coração que a tornou este exemplo a que o Papa se refere, pois, fruto do seu contacto com padres que viveram como no início deste parágrafo Francisco delineou, dedicou-se sempre em dar a conhecer aos outros este Coração redentor, aamá-lo principalmente no coração dos outros que assistiu nas missões que realizou.³¹⁰

³⁰⁶ Francisco, «Discurso aos participantes no Capítulo Geral dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus».

³⁰⁷ Francisco.

³⁰⁸ Francisco.

³⁰⁹ Francisco. «Discurso às Missionárias do Sagrado Coração de Jesus por ocasião do primeiro centenário da morte de Santa Francisca Xavier Cabrini».

³¹⁰ Jean Vicent Bainvel no seu clássico *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus*, escrito já há mais de cem anos, aponta, entre as páginas 83 e 145, os seguintes: 1) sentido e uso do termo “coração” como realidade, metáfora e símbolo; 2) “o coração de carne”, objeto do culto, umas vezes ignorado, outras sobrevalorizado; 3) ignorar que o “coração de carne”, emblema do amor, é objeto de culto, mas não em si e por si, pois é símbolo do amor divino-humano; 4) o carácter simbólico das imagens do “coração de

Poderíamos talvez dizer, com Karl Rahner e como um nó corrediço a respeito do que vimos nesta secção, que o sacerdote é, para servir de modelo aos demais fiéis:

«homem de coração trespassado, cujas decisões, tomadas pelo coração à luz da fé e auxiliadas pela graça, [...] remetem para o Senhor que, no silêncio, tudo sustém no que ocorre na história [...] e numa Igreja que precisa de ser a do Crucificado, em que a “vitória” [dada pelo amor] ocorrerá contra toda a esperança».³¹¹

Sem dúvida: somente assim se logrará passar de um culto exterior e inferior ao culto interior e superior, próprio de um coração regenerado pelo modelo do sacerdote que deixa que Deus molde o seu coração ao jeito do Coração sacerdotal de Cristo que une ao Pai.³¹²

3.3 DO CORAÇÃO DE DEUS AO CORAÇÃO DOS HOMENS

Para além do enorme sucesso e do enriquecimento espiritual que esta devoção – a fazer-se (como cremos) espiritualidade – veio trazer, não podemos também deixar de mencionar as não menores dificuldades que, desde a sua origem – por exemplo, o objeto da devoção, os seus fundamentos teológicos³¹³ e finalidades espirituais –, esta mesma devoção também colocou à Igreja. Deveras, se, por um lado, aproximou fiéis, por outro lado não conseguiu aproximar todos os que desejaria, devido ao facto de a pessoa humana não possuir o «ardor do seu espírito, sem o qual o ardor do sentimento não é mais que fumo de palha, a espiritualidade cristã inclui também os sentimentos e no que se refere à imagem de Deus, é revelado como um Deus que tem coração»,³¹⁴ conforme nos disse, a dois de Julho de 1988, o então Prepósito Geral da Companhia de Jesus: Peter-Hans Kolvenbach.

Jesus”; 5) a relação entre o “coração de carne” e o amor (sendo, acrescentamos nós, que em Cristo há dois amores, cada um associado a uma das Suas naturezas, que agem sinergicamente como defende o dienergismo e o ditelismo defendidos no III Concílio de Constantinopla: *DH* 550-559); 6) a relação entre o coração símbolo e o coração enquanto órgão biológico; 7) o coração como espelho da mais profunda intimidade de Jesus, sobretudo os seus dons, virtudes e afetos, os seus afetos, os quais são geralmente ignorados; 8) o coração como significado e síntese da Pessoa de Jesus, quando esta é apenas divina; 9) a ideia do amor desconhecido e ultrajado e o seu lugar na devoção do Coração de Jesus; 10) a ideia da vida, Eucaristia, paixão, morte e ressurreição na devoção; 11) o amor do Coração de Jesus pela humanidade e a problemática de qual amor se honra nesta devoção: o já mencionado e, daí e em que sentido, o amor por Deus; 12) o amor do Verbo incarnado como aquele amor que é honrado e os problemas da relação entre o amor incriado e o amor criado na sequência do dito na alínea 5. Nós ousaríamos apontar mais: a reta e correta compreensão de conceitos como “sacrifício”, “reparação” e “satisfação”.

³¹¹ Karl Rahner, *Teologia del Cuore di Cristo* (Roma: ADP, 2003), 98.

³¹² Cf. Albert Vanhoye, «Il cuore sacerdotale di Cristo ci unisce a Dio», em *Dal Cuore di Dio all'Uomo di Cuore*, org. Giorgio Zevino (Roma: LAS, 2008), 30-31.

³¹³ Cf. Francisco, «Discurso às Missionárias do Sagrado Coração de Jesus por ocasião do primeiro centenário da morte de Santa Francisca Xavier Cabrini».

³¹⁴ Peter-Hans Kolvenbach, «Conferência sobre o Coração de Jesus», em *Documentos da Igreja sobre o Sagrado Coração de Jesus*, org. António José Coelho (Braga: AO, 2004), 271.

Isto pode parecer algo que remete para o sentimentalismo e até para o emocionalismo, mas não é, pois o ser humano é um ser de emoções, sentimentos e, sobretudo, de afetos – essa realidade que nos permite discernir as moções espirituais –, que nos impactam, em demanda de uma espiritualidade crística e cruciforme consistente (também graças à integração no dinamismo espiritual comum da espiritualidade do Coração de Jesus).³¹⁵ Assim, tal preocupação é essencial para compreender esta devoção, cada vez mais feita espiritualidade, e também o Cristianismo.

Segundo Peter-Hans Kolvenbach, o próprio Karl Rahner e o seu irmão Hugo Rahner indicam-nos isso mesmo: «desprezando o sentimento e os afetos, os cristãos estão a fazer do Cristianismo uma abstração, quer dizer, uma “*gnósis*” (puro conhecimento racional). E as abstrações não têm necessidade de coração».³¹⁶ Isto é verdade, porém, por outro lado, não se pode ignorar a teologia e é por isso mesmo que Karl Rahner dedica a sua, já por nós citada, fundamental obra sobre o Coração de Jesus – talvez excessivamente preocupada em justificar a sintonia entre a espiritualidade derivada deste com a espiritualidade inaciana³¹⁷ – à teologia a si subjacente.³¹⁸

Exemplo claro das ditas abstrações que se incorporaram, e ainda incorporam, no seio da Igreja, é toda a renovação litúrgica, bíblica e catequética que, embora dando um carácter profético e de novas responsabilidades aos fiéis no mundo na linha do II Concílio do Vaticano, passaram a ocupar de tal modo o espírito dos cristãos que fizeram com que muitos deles se tenham esquecido que tudo aquilo que possam vir a realizar precisa de ser «essencialmente gestos do amor de Deus encarnado no Coração de seu Filho, que também prossegue a sua obra de amor neste mundo, despertando a nossa «correspondência», a resposta do nosso coração».³¹⁹

Uma outra razão que podemos apresentar como tendo dificultado a promoção desta devoção é a forma de como ela se pratica. Se, no início – e como verificamos essencialmente na primeira parte deste Trabalho – eram consideradas práticas muito modernas e novas para a época, hoje são tidas como relíquias de um passado distante que as leva a estarem «passadas de moda e, ao mesmo tempo, não isentas de ambiguidades teológicas»³²⁰ em alguns dos seus aspetos. Ora, essa foi uma questão

³¹⁵ Cf. Mihály Szentmártori, «Spiritualità del Sacro Cuore e affettività», em *Il Cuore di Cristo: Luce e Forza*, org. Charles André Bernard, 301-323.

³¹⁶ Peter-Hans Kolvenbach, «Conferência sobre o Coração de Jesus», 272.

³¹⁷ Peter-Hans Kolvenbach, 272.

³¹⁸ Cf. Karl Rahner, *Teologia del Cuore di Cristo*.

³¹⁹ Peter-Hans Kolvenbach «Conferência sobre o Coração de Jesus», 272.

³²⁰ Peter-Hans Kolvenbach, 272.

levantada desde o início da mensagem de Paray-le-Monial: «referia-se menos à espiritualidade do Coração de Jesus do que às práticas desta devoção».³²¹ No entanto, a verdade é que mesmo as palavras dos Sumos Pontífices, como por exemplo João Paulo II, sugerem essas devoções, como se pode ver no por ele dito nas seguintes indicações referentes às primeiras sextas-feiras:

«Manifestando-se especialmente na prática da hora santa, da confissão e da comunhão das Primeiras Sextas-feiras, [a devoção ao Coração de Jesus] contribui para estimular gerações de cristãos a orarem muito mais e a participarem com mais frequência no sacramento da penitência e da eucaristia. Estes são os caminhos que são desejáveis que se proponham aos fiéis, ainda hoje em dia».³²²

Assim sendo, e apesar desta ideia irritar algumas pessoas,³²³ os Papas, e aqui concretamente João Paulo II, ainda mantêm a convicção que o sucesso do que estimamos que ganharia em ser assumido como uma espiritualidade precisa de se evidenciar em práticas concretas. Práticas que, apesar de novas e criativas adaptações possíveis, João Paulo II pretende que se concretizem em duas por ele consideradas de maior relevância:

«oração mais assídua para conhecer cada vez mais, a partir do interior, a partir do coração, as riquezas do Coração de Cristo e, ao mesmo tempo, uma generosa participação nos sacramentos da penitência e da eucaristia, para nos unirmos ao Coração de Jesus, ao seu ato de oferecimento e de reparação».³²⁴

Isto é, de, por e com verdadeira compaixão para com Jesus Cristo Nosso Senhor, fazer-se o possível para, sempre através de um amor gratuito e libertador, sarar as Suas feridas, presentes, por exemplo, nos demais.

Mas, mais uma vez Karl Rahner, e já na década de cinquenta do século passado, adverte para este problema: serão tais práticas devocionais consentâneas com uma autêntica forma de espiritualidade que, como o coração, é de matriz essencialmente íntima. Transcrevemos, a sua opinião, proferida então a colegas jesuítas apegados ao passado desta devoção, a seguir e neste ponto-charneira entre o que vimos antes e veremos a seguir no nosso trabalho:

«Claro que as pessoas sempre tentaram [...] organizar esta devoção, dividi-la numa série de práticas, incuti-la nas massas. Este é um dos maiores perigos desta devoção. Mas rapidamente se torna claro que não é correto, e que a devoção é algo para o coração individual, o coração que se conhece realmente e pessoalmente chamado por Deus em Cristo. Torna-se claro que sempre que as pessoas tentam organizar como instituição a

³²¹ Peter-Hans Kolvenbach, 272

³²² João Paulo II, «Carta ao padre Peter-Hans Kolvenbach, Prepósito-Geral da Companhia de Jesus», APUD Peter-Hans Kolvenbach, «Conferência sobre o Coração de Jesus», 273.

³²³ Peter-Hans Kolvenbach, «Conferência sobre o Coração de Jesus», 273.

³²⁴ Peter-Hans Kolvenbach, 273.

realidade quase inteiramente carismática desta devoção, esta falsa encarnação não atrofia apenas a devoção – ela mais ou menos para».³²⁵

Palavras duras, em nossa opinião, mas absolutamente certas tendo em conta o nosso ponto de vista, mas sobretudo o daqueles autores que nos acompanharão a seguir nesta Dissertação. Rahner não deseja, parece-nos claro, negar a importância do amor ao Coração de Jesus, mas expressar que o que importa é uma resposta profundamente pessoal ao amor de Cristo que resistem à expressão pública. Trazendo para o domínio público o que deveria ser íntimo, de uma forma bastante gritante e inapropriada, é banalizar o mistério do amor humano, e tornar mais difícil para as pessoas em geral viverem saudavelmente essa realidade de importância vital. Mais: e a darem a viver a quem ainda não conhece.

Mas não se pode ficar apenas pelo íntimo e privado. Isso seria uma contradição com a nossa identidade pessoal. De facto, nós somos seres sociais e, assim, se a devoção íntima ao Coração de Cristo deve ser renovada, o trabalho necessário não será apenas do foro interior. Pelo contrário: deve envolver também as dimensões públicas do ser humano, com o privado e o público num equilíbrio de enriquecimento mútuo focado em Jesus, Alfa, Ômega, Senhor e Rei de toda a Criação. Por isso,

«quando olhamos para os céus, obra dos dedos de Deus, é realmente difícil de acreditar que Deus está connosco, insuperavelmente, carnalmente, em Cristo e, assim, a cristologia adequada é algo que só gradualmente descobrimos – com a ação do Espírito Santo em nós, ousamos nós acrescentar aqui –, em momentos privilegiados e talvez através de grande sofrimento».³²⁶

Mas não há outro caminho que possa ser trilhado, seja para benefício gratuito: de todos os cristãos; dos sacerdotes, de quem, queira Deus, faremos parte em breve; da humanidade em geral; do restante da Criação e – por que não? – do próprio Deus compassivo connosco até à morte e, mais ainda, até ter sido feito pecado sem o ter cometido (cf. *1Pd.* 2,24; *2Cor.* 5,21; *Hb.* 4,15).

As antigas heresias cristológicas, que aprendemos – pela primeira vez e a custo – com o nosso Orientador e amigo, não reconhecem a revelação de Cristo de que não há Deus sem o característico ao humano, sem a ambiguidade, a fragmentação, a propensão para a pecaminosidade, a corporeidade e relacionalidade do ser homem. Todas elas apresentavam ou um Cristo divino que não era verdadeiramente humano (docetistas e

³²⁵ Karl Rahner, «Una orden antigua en una nueva época: La Compañía de Jesús y su devoción al Corazón de Cristo», *Estudios eclesíasticos* 59 (1984): 137.

³²⁶ Philip Endean, «Karl Rahner and the Heart of Christ», *The Month* 30 (1997): 357-363.

monofisismo radical), ou um Cristo humano que não era genuinamente divino (adocionistas).³²⁷



fig. 1 - Pompeo Batoni: *Sacro Cuore di Gesù* (1767)



fig. 2 - Autor anónimo: *Sagrado Coração de Jesus* (fins do século XIX)

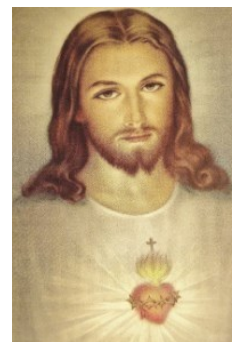


fig. 3 - Autor anónimo: *Sagrado Coração de Jesus* (primeira metade do século XX)

Desta forma, também seria de máxima importância refletir e encontrar novas imagéticas – afastadas das mais ou menos *kitsch* (ver, acima, as figuras 1 a 2) do século XVIII a meados do século XX e que, por exemplo, chocaram a Teilhard de Chardin – e formas e práticas que, sem menosprezar estas duas que João Paulo II aqui menciona, atraíam à espiritualidade do Coração de Jesus. Uma espiritualidade que, como já verificamos contribuiu e continua a contribuir para o desenvolvimento espiritual dos fiéis e, poderia no presente e no futuro e com novas ideias e novas práticas mais atuais e direcionadas ao século XXI, ajudar muitos outros a encontrarem esta intimidade com o Coração de Jesus, que é a intimidade com o Amor Divino de Jesus. Algo que, em nosso parecer, já se encontra mais presente nas próximas imagens (figuras 4 a 6).

Refira-se que a primeira das três é aquela que Pierre Teilhard de Chardin sempre usou, durante grande parte da sua vida, quando desejava contemplar o Cristo na matéria a Si diáfana,³²⁸ visto que as demais, conforme já aduzimos antes (brevemente e de passagem), o chocavam. E isto porque – como viemos a saber por orientação do nosso Diretor, que nos revelou a seguinte afirmação – mostravam «o Coração do Salvador, tomado nos seus contornos biológicos mais estranhamente anatómicos!».³²⁹ Mas o seu amor estava lá e, mais uma vez como nos mostrou o nosso Orientador, mostrava-se,

³²⁷ Para esta questão, sugerimos a leitura de uma obra que nos foi recomendada, quando tivemos *História da Igreja Antiga* com o nosso Orientador, mas à qual só mais tarde demos valor quando estudámos *Cristologia*: David E. Wilhite, *The Gospel According to Heretics: Discovering Orthodoxy Through Early Christological Conflicts* (Grand rapids: Baker, 2015).

³²⁸ Encontrámos esta imagem em: Thomas M. King, *La Misa de Teilhard* (Maliaño: Sal Terrae, 2022), 171.

³²⁹ Pierre Teilhard de Chardin, *Le coeur de la matière* (Paris: Seuil, 1976), 54.

enquanto heroico maqueiro na I Guerra Mundial, igualmente ligado a uma outra preocupação. Uma inquietação que em conjunto com a anterior não são senão reveladoras do amor – talvez um pouco elitista – de tal padre jesuíta pela devoção / espiritualidade que estamos a ponderar:

«Posso estar errado, receio, no que vou dizer (sobre Nosso Senhor cujo amor ao seu Coração seria proposto como algo verdadeiramente popular, aberto a todos...). A minha inclinação natural é considerar o Coração de Jesus como digno de tal respeito, como algo tão sagrado que seria objeto de um culto verdadeiramente misterioso reservado àqueles que querem ser cristãos até ao âmag, com todo o seu coração. Entristece-me ver a imagem do Sagrado Coração tão amplamente difundida, esta devoção oferecida a todos, a pessoas que nem sequer têm a ideia do ABC da religião... Mas, repito, posso estar errado nisto».³³⁰

Estava errado, de facto, pois senão o que pensar da importantíssima proposta da vivência do sacramento da Eucaristia tão ligado à da do Coração de Jesus? Um equilíbrio notório faltou a Pierre Teilhard de Chardin, não por excesso de amor a este Coração – no amor não há excesso, sendo, juntamente com as demais virtudes teológicas, das únicas para a qual não se aplica a temperança –, mas no modo, ainda assaz imaturo, como se expressou. Mais tarde, e citando nós uma obra que já foi acima transcrita em parte, ele, como nos mostrou mais uma vez o nosso Orientador, já se expressa melhor. Quer dizer: com maior finura, rigor e atenção aos mais delicados meandros teológicos:

«A síntese do Acima e do Para a Frente: a imersão do Divino no Carnal, e, por uma reação inevitável, a transfiguração (ou transmutação) do Carnal numa incrível Energia de Radiação amorosa por tudo e para todos que o queiram acolher de coração desprendido. [...] Assim ele [o Coração de Jesus] torna-se agora capaz, como coisa universalizável, de irromper no Meio cósmico onde estamos a despeito da pobreza da matéria e da condição espiritual que estejamos».³³¹



fig. 4 - Henri Pinta: *Sacré-Cœur Lumière de la Terre* (1921)

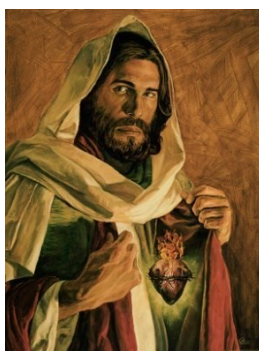


fig. 5 - Jason Jenicke: *Sacred Heart of Jesus* (2009)



fig. 6 - Autor anónimo: *Sacro Cuore di Gesù* (2012)

³³⁰ Pierre Teilhard de Chardin, *Genèse d'une pensée: lettres de Guerre 1914-1919* (Paris: Grasset, 1961), 201.

³³¹ Pierre Teilhard de Chardin, *Le coeur de la matière*, 55.

3.3.1 Notas para um novo estilo de devoção ao Sagrado Coração de Jesus

Já vimos que, atualmente e como nós mesmos pudemos testemunhar na realização deste trabalho, a teologia e a devoção relacionada à devoção ao Sagrado Coração de Jesus é considerada por alguns, como «algo obsoleto e abatido, excessivamente sentimental, piegas, ligada nas suas várias formas a uma época impossível de recuperar».³³² No entanto, os últimos Sumos Pontífices da Igreja insistem que, segundo o testemunho da própria Santa Margarida Maria de Alaquoque, o próprio Jesus incumbiu à Companhia de Jesus a missão de serem eles os principais difusores desta devoção.

É mesmo neste sentido que, a 5 de outubro de 1986, João Paulo II, por ocasião de uma visita a Paray-le-Monial e na capela do beato Cláudio de la Colombière – diretor espiritual de Santa Margarida Maria de Alaquoque –, entregou uma carta ao padre Peter-Hans Kolvenbach (1928-2016) – então Prepósito Geral da Companhia de Jesus – que pretendia «exortar todos os membros da Companhia de Jesus a promoverem com ainda maior zelo esta devoção que corresponde, mais que nunca, às necessidades do nosso tempo».³³³ Mais recentemente, no ano de 2006, pela ocasião do 50.º aniversário da Encíclica “*Haurietis Aquas*”, o Papa Bento XVI reconfirmou a esta Ordem Religiosa o encargo «da promoção desta fundamental devoção»,³³⁴ mediante uma carta dirigida, a quinze de maio desse ano, ao citado Prepósito Geral da Companhia de Jesus. Tarefa árdua nestes dias, imaginamos nós.

Deste modo, o que nos parece verdadeiramente essencial é encontrarmos uma orientação mais atual e adequada para que a teologia e a espiritualidade em torno da devoção ao Sagrado Coração de Jesus continuem vivas no seio da Igreja e não sejam consideradas obsoletas e piegas. Neste sentido é preciso começar a separar o trigo do joio, e, para esse efeito, e assumindo os riscos de uma ou outra repetição (mesmo quando levadas a cabo desde outras perspetivas), recordar os passos dados pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus e como se chegou até à atualidade.

Nesse sentido, verificamos que esta devoção e o seu desenvolvimento muito deve às experiências de Marguerite-Marie Alacoque, pois foi a partir dela que a teologia e a espiritualidade desta devoção deram os seus maiores frutos «de piedade, de caridade

³³² Gabino Uríbarri Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», em *Experiencia y misterios de Dios*, ed. Pascual Cebollada Silvestre (Madrid: San Pablo, 2009), 1 (CD-ROM).

³³³ João Paulo II, «Carta ao padre Peter-Hans Kolvenbach, Prepósito-Geral da Companhia de Jesus», em *Documentos da Igreja sobre o Sagrado Coração de Jesus*, org. António José Coelho, 199.

³³⁴ Bento XVI, «Carta ao padre Peter-Hans Kolvenbach, Prepósito-Geral da Companhia de Jesus», APUD Gabino Uríbarri Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 1.

e de apostolado»³³⁵ que ainda encontramos, embora já com um espírito crítico assinalável na linha do que iremos mencionar futuramente, na Irmã Maria do Divino Coração. No entanto, esta devoção, enquanto muito agarrada àquele período concreto em que deflagrou na Igreja Católica (também em resposta ao pessimismo jansenista), está muito marcada por um conjunto de elementos específicos. Elementos, estes, que lhe dão um perfil singular e que não se identifica com a teologia e a espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus no seu sentido mais estrito.³³⁶

Karl Rahner, citado por Gabino Uríbarri Bilbao num texto que nos seguirá de guia em grandes partes do que iremos apontar, faz uma pequena caracterização da devoção de Paray-le-Monial, dividida em três pontos:

«a) interioridade, que olha para os sentimentos e afeições internas do Coração de Jesus; b) uma fé intensa no amor de Deus, apesar de que o dito amor pareça fracassar confrontando com o aligeiramento, cada vez maior, do mundo e da sociedade de Deus, e uma aguda consciência da sobreabundância do pecado; c) a reparação a este coração tão injustamente ultrajado».³³⁷

A partir desta descrição verificamos que a sensibilidade teológica e espiritual atual não está de acordo com esta caracterização que Karl Rahner apresenta. Por isso, podemos claramente afirmar que:

«o estilo de Paray-le-Monial tal como nos aparece não só é difícil de recuperar nas suas formas devocionais específicas e demais características, como que inclusivamente é francamente complicado escrutinar e se opta por manter-se dentro das linhas mestras da teologia atual».³³⁸

Hoje necessitamos de propor uma teologia e uma espiritualidade que vão ao encontro das culturas e das sociedades a nós coevas – filtrando o secundário e centrando-nos no essencial, o qual, por seu lado, poderá assumir novos aspetos secundários para, sem trair tal essencial, incarnar em tais sociedades e culturas – e, na verdade, optar pelo estilo de Marguerite-Marie Alacoque seria inverter o sentido daquilo que a Igreja contemporânea necessita e pretende – mais ainda se bem entendemos o “estilo Francisco”.

Assim sendo, e se temos a pretensão de recuperar a teologia e a espiritualidade em torno da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, necessitamos de optar por um caminho novo, tal como aconteceu no século XVII com a introdução desta nova forma de devoção que, provindo da própria Escritura e do próprio Cristo ressuscitado,

³³⁵ Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 5.

³³⁶ Cf. Bilbao, 5-6.

³³⁷ Bilbao, 6.

³³⁸ Bilbao, 7.

conhecemos hoje,³³⁹ mas que, agora, é já uma vivência ultrapassada. Eis algo que se pode constatar no facto de cada vez mais textos se referirem, direta ou indiretamente, ao supradito essencial provindo da espiritualidade do Coração de Jesus sem fazerem a mais pequena alusão a Paray-le-Monial. Ora vejamos, a continuação, apenas dois exemplos emblemáticos, um, mais longo, provindo do célebre número vinte e dois da *Gaudium et spes* do II Concílio do Vaticano e outro, mais breve, da “*Redemptoris homini*” de João Paulo II.

«Na realidade o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham nele a sua fonte e nele atinjam a plenitude.

“Imagem de Deus invisível” (*Col.* 1, 15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n’Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.

Cordeiro inocente, mereceu-nos a vida com a livre efusão do seu sangue; n’Ele nos reconciliou Deus consigo e uns com os outros e nos arrancou da escravidão do demónio e do pecado. De maneira que ca um de nós pode dizer com o Apóstolo; o Filho de Deus “amou-me e entregou-se por mim” (*Gal.* 2, 20). Sofrendo por nós não só nos deu o exemplo, para que sigamos os seus passos, mas também abriu um novo caminho, em que a vida e a morte são santificadas e recebem um novo sentido.

O cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogénito entre a multidão dos irmãos, recebe “as primícias do Espírito” (*Rm.* 8, 23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio deste Espírito, “penhor da herança” (*Ef.* 1, 14), o homem todo é renovado interiormente, até à “redenção do corpo” (*Rm.* 8,11): “Se o espírito d’Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu espírito que em vós habita” (*Rm.* 8,11). É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança.

E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente. Com efeito, já que por todos morreu Cristo e a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido.

Tal é, e tão grande, o mistério do homem, que a revelação cristã manifesta aos que creem. E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: “Abba, Pai!!”».³⁴⁰

³³⁹ Cf. Bilbao 7.

³⁴⁰ Igreja Católica: II Concílio do Vaticano, «*Constituição pastoral Gaudium et spes sobre a Igreja no mundo contemporâneo*», n.º 22, *AAS* 58 (1966): 1142-1144. Para um estudo mais aprofundado acerca

«A redenção do mundo, o grande mistério de amor em que a criação foi renovada, é na sua raiz mais profunda a plenitude da justiça num Coração humano – no Coração do Filho Primogénito – a fim de que ele possa tornar-se justiça dos corações de muitos homens, os quais, precisamente no Filho Unigénito, foram predestinados, desde toda a eternidade, a tornarem-se filhos de Deus (cf. *Rm.* 8,29-30; *Ef.* 1,8) e chamados para a graça, chamados para o amor».³⁴¹

Como dissemos, estes são apenas dois exemplos de vários textos que, nos últimos anos e apesar de nunca se terem desligado do lado trespassado de Cristo que está na origem da devoção que concentra a nossa atenção, deixaram a mensagem de Paray-le-Monial completamente à parte dos seus intentos para evocar o Sagrado Coração de Jesus.

Chegados a este ponto de situação, vários teólogos começam a tentar encontrar novas formas de atualização desta forma de devoção. Nesse sentido, o padre jesuíta belga Ignace de la Potterie «ensaiou um caminho de aproximação que se situa no horizonte da cristologia atual, que parte da investigação histórica sobre Jesus e a reconsideração da humanidade de Cristo a partir de um novo olhar sobre o concílio de Calcedónia».³⁴² Um que o nosso Orientador nos disse ser o mais fascinante.

Por outro lado, o jesuíta Gabino Uríbarri Bilbao considera que a melhor forma de abordar este tema é a partir da temática da sede «que nos permitirá conectar mais facilmente com a densa cena do lado trespassado, autêntico centro nevrálgico e bíblico da teologia e da espiritualidade do Sagrado Coração».³⁴³ É este o trilho que, com a anuência do referido Orientador, escolhemos seguir, sobretudo porque nos parece mais compreensível para as pessoas e se, de facto, a Igreja deseja promover esta devoção-espiritualidade ao Coração de Cristo deve não só proclamar o seu símbolo, mas também criar as condições para que um crescimento espiritual a ele associado possa ocorrer.

3.3.1.1 A SEDE

O tema da sede não deixa de ser interessante, visto que, tocando em algo que é a expressão de uma necessidade humana basilar – o beber –, efetivamente nos coloca mais perto da cena do lado trespassado de Jesus, mas, sem ter longas raízes na teologia e espiritualidade bíblico-cristãs, também é uma temática espiritual mais sintonizada com

da relação entre o Coração de Cristo e o nosso nesta Constituição, remetemos para: Jan Bovenmars, «Il cuore nuovo», em *Il Cuore di Cristo: Luce e Forza*, org. Charles André Bernard, 285-300.

³⁴¹ João Paulo II, «Encíclica *Redemptor hominis*», n.º 9, *AAS* 71 (1979): 272-273.

³⁴² Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 8.

³⁴³ Bilbao, 8.

as sensibilidades contemporânea. E isto, a ponto de ter sido objeto de uma assaz reconhecida e poética pregação nos exercícios espirituais do Papa e da Cúria Romana durante a Quaresma de 2018, na ocasião orientados pelo poeta e padre José Tolentino Mendonça³⁴⁴ e de Allison Allen ter escrito todo um livro dedicado a este assunto.³⁴⁵

Com efeito, a sede é uma necessidade física da vida humana, uma vez que ela não se autorregenera, sendo recebida como um dom, pois o corpo humano não consegue resistir se não adquirir água. Esta sede que se verifica no plano *fisiológico* da vida humana, é também uma realidade do plano *antropológico* que busca incessantemente uma água que acalme a sede profunda da sua existência e proporcione uma vida autêntica e verdadeira.³⁴⁶ Não menos verdadeira, e como já apontámos de passagem, é algo com alcance *teológico*, pois, se Deus não tem sede nos dois aspetos anteriores, podemos, enquanto símbolo de desejo, falar da sede de Deus pela nossa sede por Si.³⁴⁷

Facilmente constatamos que saciar a sede orgânica nos meios habitacionais menos isolados é relativamente fácil, tendo em conta a «multiplicidade de refrescos que existem, bebidas de todo o tipo, para além da água corrente e potável em numerosas vivendas».³⁴⁸ E isto, ao contrário daquilo que acontece em ambientes mais rurais em que a sede é sempre uma dimensão experienciada e superada em contexto familiar ou comunitário. Todavia, por outro lado, não deixa de ser igual e facilmente constatável uma imensa crise de valores, de motivações, de fragmentação da vida interior e/ou exterior, de ritmos de trabalho acelerados, do consumismo como escape e de tentativas de compensar as mais diversas frustrações, pelas quais tantos vão passando fruto de uma fragilidade estrutural exacerbada pelas “modas do momento”, mediante a busca da satisfação sexual e da abertura a outras experiências menos adequadas à vida humana humanizada.³⁴⁹

Assim sendo, podemos afirmar que as nossas sociedades ocidentais, em que o Cristianismo vai perdendo o seu papel – às vezes por responsabilidade sua –, têm «sede de verdade, de bem-estar, de sentido último dos sacrifícios e das dores, de alcançar a coexistência, em suma, de felicidade».³⁵⁰ Vivem, pois, num deserto tremendo. Mas isto,

³⁴⁴ Cf. José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede* (Lisboa: Quetzal, 2018).

³⁴⁵ Cf. Allison Allen, *Thirsty for More: Discovering God's Unexpected Blessings in a Desert Season* (Grand Rapids: Revell, 2018).

³⁴⁶ Cf. Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 9.

³⁴⁷ Cf. Jean-Baptiste Lecuit, *Le désir de Dieu pour l'homme* (Paris: Cerf, 2017), que inspirou, notoriamente, José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede*, 57-60.

³⁴⁸ Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 9.

³⁴⁹ Bilbao, 9-10.

³⁵⁰ Bilbao, 10.

em si não precisa de ser encarado como uma tragédia sem fim. Se estivermos atentos, poderemos reconhecer e viver o facto de que «Jesus usa o deserto para revelar o nosso coração. / Jesus usa o deserto para restaurar o coração. / Jesus usa o deserto para libertar o coração. Muitas vezes, o deserto tem tudo a ver com o coração».³⁵¹ Basta recordar o “*Livro de Oseias*”.

Seja como for, tais sociedades, e se não forem bombardeadas por diatribes de uma gasta moral preceituosa, poderiam abrir-se ao saciar a sede de coração – se dela se dessem conta, pois parece quase insignificante face às demais sedes, mais ou menos artificiais que se comunicam às pessoas –, caminhando para uma maior sustentabilidade afetiva e familiar na efetividade do amor. Para além disso, a sede de sentido, «de transcendência e de vida eterna como característica constituinte da nossa própria essência»,³⁵² embora seja a fonte da anterior, pode ser tida como outra sede que necessitamos de colmatar, mas que parece ser ainda mais discreta do que a anterior.³⁵³ Mas é a mais vital, a ponto de Bradley P. Holt ter denominado a sua história da espiritualidade justamente de “*Thirsty for God: A Brief History of Christian Spirituality*”.³⁵⁴

3.3.1.2 A SEDE DE JESUS

Quando falámos da sede de Jesus o primeiro exemplo que nos vem à memória é o momento em que Jesus afirma «Tenho sede» (Jo. 19,28) «com toda a clareza»,³⁵⁵ acrescenta, o agora Cardeal, Tolentino Mendonça num vincar só necessário devido ao contexto em que discursava. Ora, esta sede de Deus é nomeada algumas vezes no Antigo Testamento, nomeadamente no “*Livro dos Salmos*”. Porém, não nos parece que estas referências possam estar diretamente relacionadas com esta passagem do evangelho de João,³⁵⁶ e, por isso, não as consideremos neste nosso trabalho.

Assim sendo, e sem negar a necessidade da sede físico-natural de um Jesus que se encontrava numa situação de cansaço e sofrimento extremo, podemos procurar outra interpretação para o significado deste acontecimento. Nesse sentido, os episódios apresentados, no “*Evangelho segundo João*”, imediatamente antes e depois deste,

³⁵¹ Cf. Allison Allen, *Thirsty for More*, 39.

³⁵² Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 10.

³⁵³ Cf. José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede*, 33-57.

³⁵⁴ Cf. Bradley P. Holt, *Thirsty for God*.

³⁵⁵ Cf. José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede*, 78.

³⁵⁶ Cf. Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 12

podem ajudar-nos a compreender que outra leitura esta sede de Jesus nos pode oferecer. Ora bem, seguindo-se este caminho, vemos que o episódio anterior se prende com a afirmação de que João passa a ser filho de Maria e que Maria passa a ser mãe de João (cf. *Jo.* 19,25-27). Já no seguinte, estamos perante o facto de que, tendo verificado que Jesus tinha morrido, os soldados não lhe quebraram os ossos – como tinha ficado combinado com Pilatos para acelerar a morte, visto que estavam na festa da Preparação da Páscoa e os corpos não podiam ficar na cruz – mas um deles perfurou-lhe o lado com uma lança e saiu sangue e água (cf. *Jo.* 19,31-37).

Da união destes episódios, constatamos que se dá o cumprimento da obra messiânica de Jesus, isto é, «a formação da Igreja e o dom do Espírito a todo o crente, tendo Jesus levado até ao fim, até à consumação do encargo messiânico do Pai, que enviou o seu Filho ao mundo para entregar a sua vida, para derramar o Espírito da vida»³⁵⁷. O Coração de Jesus é a interiorização do sacrifício no Templo que ele mesmo acaba por ser, para quem tiver olhos para ver, ouvir, tatear, saborear e cheirar a profundidade, a música, a densidade e o odor do amor.³⁵⁸

Deste modo, podemos concluir que a sede mais profunda de Jesus traduzida por aquele «Tenho sede» ou aquilo por que Ele mais anseia ardentemente é o cumprimento fiel daquilo que era a vontade do Pai: a Sua reconciliação salvífica com a humanidade revoltosa face a Si e cheia de desamor para com todos, mas por Si amada até este extremo em que, como nos disse o nosso Orientador, o máximo de amor na doação da Vida por parte de Jesus coincide com o máximo de desamor no Lhe tirarmos a vida. Eis algo que o Senhor assumiu obedecendo ao amor do Pai até à Sua [de Jesus] morte de cruz para chegar a todos nós. Eis uma sede do Seu coração que fica saciada na cruz, justamente quando Ele entrega o Seu amor até ao fim (*Jo.* 13,1) pela vida do mundo (*Jo.* 6,51).³⁵⁹

Assim encarada, e como tantos autores falaram de modo disperso ao longo da história, esta sede profunda do coração de Jesus verifica-se noutras passagens bíblicas, centrando-se essencialmente na cena de Jesus com a mulher samaritana a quem Jesus pede de beber, porque tinha sede da sua fé, da sua esperança, do seu amor e, sobretudo, da sua pessoa, para se dar à mesma, e por ela a todos nós, como a água que irriga todas essas quatro realidades que acabámos de mencionar. Em suma, e como disse o padre e poeta Tolentino Mendonça, numa perfeitíssima síntese de *Jo.* 4, 7-14, «junto ao poço de

³⁵⁷ Bilbao, 13.

³⁵⁸ Cf. Charles André Bernard, *La spiritualità del cuore di Cristo* (Milano: San Paolo, 2015), 60-63.

³⁵⁹ Cf. Bilbao, 13.

Jacob, o desejo de beber por parte de Jesus significava já o desejo de dar de beber da água viva».³⁶⁰ Eis o que disse Bento XVI na sua mensagem para a quaresma do 2007, em que afirma que «na cruz, Deus mendiga o amor das criaturas: ele tem sede do amor de cada um de nós»,³⁶¹ e foi nesta sede que, no dizer de Antonio Ricciardi, a Irmã Maria mais teve que crescer «Maria precisará de saber mais e mais sobre esta sede da misericórdia de Deus para com toda a raça humana. Ser-lhe-á pedido sofrer muito por causa desta sede até ao momento em que a vê satisfeitos através da consagração do mundo inteiro à sua Coração».³⁶²

3.3.1.3 A SEDE DO CORAÇÃO HUMANO

«O coração humano está habitado pela sede e pelo desejo».³⁶³ Esta afirmação indica-nos que o nosso coração tem capacidade de expressar sentimentos que podem ir desde o amor ao ódio. É nesse sentido que a Sagrada Escritura, ciente das fraquezas a que o coração está sujeito, incita várias vezes ao discernimento dos desejos do coração, apoiado, em alguns casos, por outras pessoas com carisma e/ou saber que acompanham o ser humano, de modo que o seu coração não caia na mentira e na falsidade alimentadas pelo “inimigo” do ser humano, que tudo busca que ele não realize a vontade de Deus e, assim, se torne incapaz de colaborar com Deus, a respeito, maximamente, da sua salvação.

Por outro lado, a Sagrada Escritura também nos incita a que sejamos puros de coração, cada vez mais à imagem de Cristo e dos seus critérios messiânicos, pois essa é a forma que temos de saciar a nossa sede de verdade e de combater o mal, como podemos ver, numa repetição intencional do que já transcrevemos para este trabalho, no fim do número vinte e dois da “*Gaudium et spes*”:

O cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogénito entre a multidão dos irmãos, recebe “as primícias do Espírito” (*Rm.* 8,23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio deste Espírito, “penhor da herança” (*Ef.* 1,14), o homem todo é renovado interiormente, até à “redenção do corpo” (*Rm.* 8,11): “Se o espírito d’Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu espírito que em vós habita” (*Rm.* 8,11). É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança.

³⁶⁰ Cf. José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede*, 78.

³⁶¹ Bento XVI, «Mensagem para a Quaresma de 2007», APUD Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sed», 13.

³⁶² A. Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 98.

³⁶³ Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sed», 19.

E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente. Com efeito, já que por todos morreu Cristo e a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido».³⁶⁴

Cada vez mais identificados com Cristo, verificamos que é no seu lado aberto que radica a verdade da vida; uma vida liberta e livre, pois autêntica e cheia de um amor que convida o ser humano a ser como Ele e a seguir o Seu caminho. Mas como isto é difícil até se tornar leve nas asas do infinito do amor. Os caminhos de sedução alternativos são imensos e nem sempre – antes pelo contrário – menos invisíveis e superficialmente apelativos do que os de Deus, e o ser humano ferido é como a água: segue sempre o caminho do menor esforço; do ir na corrente em vez de subir contra ela em busca da fonte da vida: a Vida.

Numa sociedade extremamente competitiva, consumista e acelerada, que promove a riqueza, o poder e o êxito a diversos níveis – do económico ao sexual, passando pelo laboral em que tantas vezes se aplica (com resultados ora catastróficos, ora caricatos) o denominado princípio da incompetência de Peter –, a proposta do evangelho é provocatória. Optar pela busca da verdade, o caminho da humildade e a procura da mansidão não parecem ser, de todo, a via que a nossa civilização – e nela as mais distintas sociedades e culturas – está a adotar, bem pelo contrário. No entanto, deve conforta-nos e iluminar-nos a Palavra de Deus que nos indica que é em Jesus que encontramos a verdade e o repouso que necessitamos para uma vida mais saudável: «Vinde a mim todos que andais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas, pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve» (*Mt.* 11, 28-30).

Por mais estranho que possa parecer atualmente, a «humildade e a mansidão são o caminho que purifica o coração, que sara as suas feridas, que nos leva ao encontro consigo próprio, que permite que brote a sede verdadeira, sem aditivos nem toxinas nem nenhuma outra forma de adulteração».³⁶⁵ Eis o que, acerca disto nos disse a Irmã Maria do Divino Pastor: «parecia-me que Ele fez-me sair de mim e descansar no Seu Coração. Eu não era mais eu próprio; eu estava abismado Nele. Bebi com um sede insaciável das

³⁶⁴ Igreja Católica: II Concílio do Vaticano, «Gaudium et spes», n.º 22, 1043.

³⁶⁵ Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 22.

torrentes do Seu amor, e para completar esta união tão íntima que tudo o que faltava era que eu morra».³⁶⁶

3.3.1.4 O CORAÇÃO DE JESUS QUE NOS INCARNA NO CORAÇÃO DE DEUS

Seguindo o cristocentrismo da teologia Ocidental, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, mesmo na sua exuberância pré-Conciliar, nunca acentuou muito a dimensão trinitária de Deus ao longo da sua história,³⁶⁷ no entanto sabemos que ela é essencial para o seu significado e expressão no mundo. Isto verifica-se, na medida em que o Filho nos revela o Coração do Pai e torna-nos capazes de partilharmos este amor do Pai na comunhão do Espírito entre todos, implementando uma dinâmica de amor recíproco entre as pessoas da Santíssima Trindade e o amor ao mundo.³⁶⁸

O Filho, que procede kenoticamente do Coração do Pai, encarnou no seio da Virgem Maria, por obra e graça da Trindade – *omnia opera ad extra sunt opera communia*, diz o axioma escolástico que tantas vezes ouvimos no decorrer do nosso curso –, tomando um coração humano e manifestando através dele o rosto do próprio Pai numa contínua relação toda ela igualmente kenótica.³⁶⁹ Pelo Espírito Santo santificante e congregante, Jesus convida todos os cristãos a configurarem os seus corações com o Seu Coração, na mesma linha do conhecimento coração a coração, como aconteceu com o discípulo amado de Jesus que, na última ceia, também se reclinou sobre o coração d’Este.³⁷⁰ E fê-lo, numa real regeneração que, por o corpo de Jesus ser o verdadeiro Templo, antecipou o trespassar da Cruz que deu água em abundância para, pelo sangue, nos inserir na dinâmica interna de Deus-Amor (cf. *Jo.* 7,38; *Ez.* 47,1 e *Zc.* 14,8).³⁷¹ Nesse sentido, os cristãos estarão deveras capacitados para esse amor trinitário em união com o Coração do Filho que devem procurar conhecer e deixar-se amar por ele, «para viver desse amor, transmiti-lo ao mundo e conformar a história segundo os desígnios deste coração»,³⁷² que são também os do Pai.³⁷³

³⁶⁶ Maria zu Vischering, APUD Ricciardi, ... *mais nobre pela caridade*, 71.

³⁶⁷ Cf. Leonardo Cappelluti «La devoción al Sagrado Corazón de Jesús», *Revista Teología* 44, n.º 93 (2007): 245-246.

³⁶⁸ Cf. Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 22.

³⁶⁹ Cf. Charles André Bernard, *La spiritualità del cuore di Cristo*, 98.

³⁷⁰ Cf. Bilbao «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 22-23.

³⁷¹ Cf. Charles André Bernard, *La spiritualità del cuore di Cristo*, 43-44.

³⁷² Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 23.

³⁷³ Cf. Leonardo Cappelluti «La devoción al Sagrado Corazón de Jesús», 246.

Nesta relação, o Espírito não pode, jamais, ser esquecido, pois é n'Ele e por Ele que «vida do cristão se configura desde o Espírito como reconhecimento do amor de Deus em Jesus Cristo (*Rm.* 5,8)». ³⁷⁴ Notando-se que «“coração” e “pneuma” são realidades assaz intercambiáveis na Escritura quando relacionadas com o ser humano», ³⁷⁵ o Espírito é uma marca indelével na vida dos cristãos, pois é Ele que, como podemos ler no mesmíssimo artigo, «faz-nos dóceis à nova capacidade de misericórdia e de compaixão comunicada pelo Coração de Cristo, caminho aberto do Pai para nós e de nós para o Pai». ³⁷⁶ De facto várias vezes nos revela a Sagrada Escritura tal mencionado “carimbo de autenticidade” cristã: «a esperança não dececiona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (*Rm.* 5,5); «Aquele que nos fortalece convosco em Cristo e nos dá a unção é Deus, o qual nos marcou com um selo e pôs em nossos corações o penhor do Espírito» (*2Cor.* 1,21-22); «Nele também vós, tendo ouvido a Palavra da verdade – o Evangelho da vossa salvação – e nela tendo crido, fostes selados pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo, que é o penhor da nossa herança, para a redenção do povo que ele adquiriu para o seu louvor e glória» (*Ef.* 1,13-14).

Por último, importa ainda fazer referência a uma outra passagem bíblica que faz menção desta dimensão trinitária. Uma passagem muito bela, na qual Paulo, buscando inspirações no Antigo Testamento (cf. *Is.* 45,23), descreve os sentimentos mais profundos do seu coração e para onde a vida dos cristãos deve convergir. A saber: o Pai através do Filho no Espírito Santo:

«Por essa razão dobro os joelhos diante do Pai – de quem toma o nome toda a família no céu e na terra –, para pedir-lhe que conceda, segundo a riqueza da sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo seu Espírito no homem interior; que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor. Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo o conhecimento, para que sejais plenificados com toda a plenitude de Deus» (*Ef.* 3,14-19).

Em suma, o coração trespassado de Jesus permite a cada um de nós o amor que Deus tem para conosco: «Deus deu o Coração do Seu Filho que vem até nós, cheio de amor, especialmente na Eucaristia». ³⁷⁷ De modo a cimentar e a enraizar-nos nesse amor, o Espírito Santo atua em cada um de nós, permitindo que o nosso coração se divinize –

³⁷⁴ Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 23.

³⁷⁵ Albert Vanhoye, «Il Cuore di Cristo e lo Spirito Santo», em *Il Cuore di Cristo: Luce e Forza*, org. Charles André Bernard, 187.

³⁷⁶ Albert Vanhoye, «Il Cuore di Cristo e lo Spirito Santo», 198.

³⁷⁷ Albert Vanhoye, «Dal cuore di Dio all'uomo di cuore», em *Educare il Cuore*, org. Giorgio Zevino (Roma: LAS, 2009), 104.

ou amorige –, que sacie a sua sede, convertendo-se num instrumento do amor do Coração de Deus.³⁷⁸ Deixemos mais uma vez Albert Vanhoye vir pontualizar o que estamos a dizer: «pela Sua glorificação pós-pascal, Cristo passa a ter um coração novo, pleno do Espírito Santo, e, no memorial da Sua Grande Ceia, Ele coloca em nós o Seu novo coração e nos comunica o Seu Espírito Santo eucaristizante que nos faz desbordar de amor filial para com o Pai».³⁷⁹

Para que tudo isto seja uma realidade, cabe a cada um de nós abirmo-nos à vontade objetiva de Deus, para que, sobretudo na Eucaristia e na liberdade que Deus nos dá, possamos aceitar o seu convite de seguir Jesus. Assim seremos introduzidos nesta forma de espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus, que tanto nos poderá ajudar a co(m)-construir a vontade subjetiva de Deus para cada um, numa relação pessoal com Cristo-Centro que dinamiza o nosso amor no seio do próprio «espaço de amor criado pela circularidade do amor trinitário feito acessível, particularmente, pela Eucaristia e o Coração de Jesus em relação com ela, naquilo que faz misericordioso todo o nosso ser, seja para com os demais, seja para com o Deus ferido pelo desamor do nosso ponto mais central: o coração».³⁸⁰

Somos, sabemo-lo bem, essencialmente “coração”, sem deixarmos de ser tudo o mais, e sê-lo significa dizer que:

«somos um ser vivo, pulsante, que é simultaneamente espírito e matéria, que é uma pessoa sensível e inteligente, capaz de dar e receber. Este é, no entanto, o nível puramente humano. A par deste nível, devemos também afirmar o outro nível do coração como a fê, da luta interior contra o pecado, do abandono no coração de Jesus o Salvador».³⁸¹

Este Coração de Jesus Salvador que nos é dado e acolhido por nós, sobretudo na Eucaristia. Esta realidade falta tremendamente às pessoas: às cristãs e às que, através dos cristãos, poderiam beneficiar dos Seus dons ao estabelecerem, com os batizados crentes, redes relacionais por onde passassem as graças do Coração de Cristo.

Temos falado diversas vezes, por palavras nossas ou de outras pessoas, na Eucaristia. Nada nos parece mais adequado. Com efeito, além de tudo o que já vimos da relação entre este Sacramento e a espiritualidade do Coração de Cristo, estamos

³⁷⁸ Bilbao, «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede», 24.

³⁷⁹ Domenico Marafioti, *Il Cuore di Gesù: la spiritualità dell'amore nell'oggi della Chiesa* (Roma: ADP, 2022), 381. Esta obra, que tardiamente chegou às nossas mãos mereceria, noutras circunstâncias, ser mais trabalhada e usada neste nosso trabalho. Acerca da problemática misericórdia para com Deus, ver: Alexandre Freire Duarte, «A misericórdia com os demais a partir da misericórdia com Deus». *Humanística e Teologia* 37, n.º 1 (2016): 57-122.

³⁸⁰ Albert Vanhoye, «Dal cuore di Dio all'uomo di cuore», 105.

³⁸¹ Giovanni Chimirri, «Valor y actualidad de la devoción al Sagrado Corazón», *Humanitas: antropología y cultura cristiana* 11, n.º 44 (2006): 684.

convictos que assim, e talvez só assim, se continuará a varrer para um lado os resquícios do Jansenismo, e seus sucedâneos, que estão presentes na Igreja. Recordemos, tal como dissemos de passagem no segundo capítulo deste Trabalho, que o Jansenismo enfatizava o peso do pecado, da iniquidade de cada ser humano perante o amor de Deus, da misericórdia de Deus. Ninguém era digno de vir à comunhão, mesmo que tivesse feito uma boa confissão.³⁸² Isto é inaceitável, quer em si, quer dentro da espiritualidade que estamos a ponderar: «é a partir do momento culminante da Santa Missa que renasce a Igreja e aquela tem os seus efeitos, lentos e silenciosos, na assimilação dos fiéis que, ao adorarem, a partir daí e sempre em ligação com esse momento, a presença do Senhor, O reconhecem como parte da sua própria vida quotidiana, em si, e na espiritualidade do Coração de Jesus».³⁸³

Em jeito de conclusão, Charles André Bernard não podia estar mais em sintonia com o nosso próprio pensamento quando, sintetizando nós uma obra sua que já pudemos citar, diz que é olhando para o Trespasado que se tem a perfeita imagem do que é ser pessoa, testemunho da redenção e símbolo performativo do amor.³⁸⁴ Assim, e como sonhou e disse a Irmã Maria do Divino Coração, tornar-se-á realidade que «Bispos e Padres se tornem fervorosos, os justos mais perfeitos, os pecadores se convertam, os hereges e cismáticos voltem à Igreja, e as crianças ainda não nascidas, mas destinadas a fazer parte da Igreja, isto é, os pagãos, recebam mais cedo a graça batismal».³⁸⁵

³⁸² Cf. Louis Cognet «La vida de la Iglesia en Francia» em *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 6, t. 1: *La posición dirigente de Francia*, ed. Hubert Jedin et al. (Barcelona: Herder, 1978), 63-114.

³⁸³ Cf. Leonardo Cappelluti «La devoción al Sagrado Corazón de Jesús», 250.

³⁸⁴ Charles André Bernard, *La spiritualità del cuore di Cristo*.

³⁸⁵ Maria zu Vischering APUD Chasle, *Irmã Maria do Divino Coração*, 344-345.

Conclusão

Revisitar a história da devoção ao Sagrado Coração de Jesus confronta-nos com algo de muito significativos para a história da Igreja. Apesar de, seguindo-se uma longa tradição teológico-popular, se afirmar que o apóstolo João foi o primeiro devoto do Sagrado Coração de Jesus, na medida em que foi o primeiro a inclinar o seu ouvido sobre o peito de Jesus, constatámos que foi a partir da Idade Média e com mais ênfase na Idade Moderna (até meados do século XX) que a mesma se desenvolveu. Ora, ao longo deste longo pingar das gotas do tempo, verificámos que esta devoção sofreu algumas *nuances*, visto que se inicialmente aparecia muito ligada à ferida do lado de Jesus, ao longo do tempo foi ganhando alguma autonomia e solidificou-se de tal modo que converteu indivíduos, configurou a mensagem de teólogos e a proposta espiritual de místicos e promoveu uma nova forma de oração e de espiritualidade na vida da Igreja.

Contudo, e como foi algo que vimos desde a nossa Introdução, atualmente esta forma de devoção, mesmo no seu renascer como forma de espiritualidade, parece estar a esmorecer no seio da Igreja. Aquele fervor que contagiava multidões deixou de existir e a devoção ao Coração de Jesus vai resistindo através da resistência e resiliência daqueles fiéis mais velhos que ainda não deixaram desvanecer o Apostolado da Oração – tão ligado à Companhia de Jesus –, que vai dinamizando algumas atividades tendo o Coração Divino de Jesus como pano de fundo.

Nesse sentido, despertou-nos a homilia proferida pelo atual [2023] bispo do Porto, Dom Manuel Linda, em 2020 e na Missa Crismal durante a Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, que insistia na diocese do Porto como a “diocese do Coração”, lembrando várias figuras (leigos, religiosos, sacerdotes e bispos) que deixaram uma marca indelével na história da cidade, da diocese e da Igreja, tendo como mote o coração, em alguns casos o Coração Divino de Jesus.³⁸⁶ Por outro lado, não deixou de ser curioso que, tal nosso presente prelado, tão cômico da importância da espiritualidade em geral, tenha parecido querer introduzir os fiéis, e em especial os sacerdotes, da sua diocese naquilo que podemos considerar o local para onde, no fundo, nos remete o Coração de Jesus: «Deus ama-nos e quer que todos saboreiem este

³⁸⁶ Cf. Manuel Linda, «Padres para a “Diocese do coração”», 61-63.

amor». ³⁸⁷ Dom Manuel Linda foi mais longe e, na linha do já feito pela Irmã Maria do Divino Coração, falou-nos do significado da associação entre, por um lado, a solenidade do Sagrado Coração de Jesus e, por outro lado, a sempre necessária santificação dos sacerdotes que nos quer lembrar que «a redenção do mundo, da qual somos coparticipantes indispensáveis, é uma obra de amor que vive do amor e aponta para o amor. Por isso, aí está o Coração de Jesus, como grande símbolo, simultaneamente, do amor e do sacerdócio». ³⁸⁸

Ora bem, toda esta envolvência fez-nos olhar para o Coração de Jesus com um novo olhar e pensar que talvez esse coração que já quase todos achávamos que tinha “morrido” – e que, portanto, todos os frutos que tinha dado à Igreja não voltariam –, afinal está bem vivo. Assim sendo, ele pode continuar a mudar para melhor a vida da Igreja e a daqueles que a constituem, aproximando aquela e estes do Coração de Deus e a permitir aos homens e mulheres que acolham este entranhado amor espelhado em tal coração. Dito isto, para que isso seja logrável, são necessários um novo ímpeto e uma nova linguagem e, na verdade, tudo isto carece de ser pensado, estruturado e trabalhado.

Partimos, por isso, com o intuito de conhecer a história, perceber o que motivou esta forma de devoção e como tinha, este Coração Divino, sido capaz de tocar tantos corações humanos. Assim, verificámos que tudo começou através da reflexão acerca do lado ferido de Jesus que, se foi espalhando e conquistando fiéis. Para além disso, sabemos que ao avançar geograficamente e no tempo foi-se diferenciando e distinguindo da ferida do lado de Jesus, começando tais realidades a ser tomadas como acontecimentos distintos. Verificámos, igualmente, que esta forma de devoção foi também promovida como uma forma, antropológica e sacramentológica otimista, de combate ao jansenismo que se vinha a instalar, nomeadamente em França.

Importa realçar ainda que, durante muitos séculos, esta nova forma de viver a única espiritualidade cristã – a de Jesus – não teve reconhecimento pontifício e, por isso, passava essencialmente de mosteiro em mosteiro, através daquilo que se escrevia acerca dela, bem como daquilo que se rezava sobre o tema. Foi essencialmente desta forma muito particular e não universal, que esta devoção se foi desenvolvendo, até que em 1765, o Papa Clemente XIII decide finalmente aprovar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e permitir aos fiéis celebrar com maior fervor o amor que sentiam pelo Coração da Pessoa Divina de Jesus.

³⁸⁷ Manuel Linda, «Padres para a “Diocese do coração”», 62.

³⁸⁸ Manuel Linda, «Padres para a “Diocese do coração”», 62.

A verdade é que ao longo de todo este processo de evangelização do Sagrado Coração de Jesus, ele conquistou vários corações humanos, nomeadamente o de Marguerite-Marie Alacoque – considerada uma das maiores, se não a maior, apostola do Sagrado Coração de Jesus –, mas também o de Maria Droste, ou Irmã Maria do Divino Coração, nome que adotou aquando da sua entrada na Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor. Figura esta, que nós decidimos apresentar neste trabalho, enquanto figura-charneira entre um *antes* mais apegado à devoção e um *depois* mais sensível à espiritualidade. De facto, nascendo num país onde a devoção era muito forte, mas vindo viver para o Porto, onde profeticamente deu passos em direção a uma espiritualidade, ela desenvolveu um extraordinário trabalho com as crianças e jovens órfãs que viviam na casa do Bom Pastor e promoveu toda uma espiritualidade em torno do Coração de Jesus que marcou a cidade do Porto, as irmãs da congregação, os clérigos e outros fiéis que com ela mantinham contacto.

A Irmã Maria do Divino Coração, para além de toda esta dedicação anteriormente mencionada, foi também uma verdadeira mística do Coração de Jesus. Maria rezava, procurava e falava com o Coração Divino. Foi através desses momentos que lhe dedicou que encontrou a sua vocação e que, durante toda a sua vida, se manteve fiel ao seu “divino esposo” – como muitas vezes considerou o próprio Jesus. Não deixa ainda de ser relevantíssimo que, durante a sua vida e fruto do seu amor ao Coração da Pessoa Divina de Jesus, se tenha dedicado efusivamente a rezar pela santificação dos sacerdotes. Maria pedia graças ao seu Divino esposo para que desse à Igreja pastores santos e com um coração sacerdotal. Foi nesse sentido que, em ligação com a igreja votada ao Coração de Jesus e de cuja edificação foi a grande impulsionadora, decidiu erigir uma capela para a santificação dos sacerdotes – algo que reencontrámos ser um traço da preocupação de distintos Papas recentes.

Porém, a sua dedicação ia muito além dos sacerdotes, sendo que também confiava ao dito coração o auxílio e proteção dos fiéis e do próprio mundo. Foi mesmo por este último aspeto que pediu ao Papa Leão XIII que consagrasse o mundo ao Sagrado Coração de Jesus. Este pedido, que veio a realizar-se, aconteceu já no final da sua vida e mostra-nos a sua confiança no Coração Divino, a ponto de como que o querer entregar ao mundo que a ele por ela (e depois pela Igreja Universal) era entregue, para que todos se pudessem aproximar dos benefícios da relação de amor a amor assim estabelecida.

Porém, temos de admitir que não poucas vezes, ao longo da nossa própria vida, encarámos esta devoção como algo de envelhecido e, por vezes, até esquecido, ou a

dever sê-o, pelos sacerdotes e fiéis. Contudo, depois de investigarmos e analisarmos documentos e escritos acerca do tema, constatámos que a espiritualidade em torno do Coração de Jesus continua viva no coração dos homens e tem sido muitas vezes lembrada e mencionada pelos Sumos Pontífices, nomeadamente pelos mais contemporâneos (Bento XVI e Francisco). Estes, como vimos a seu devido tempo, escreveram variadas vezes sobre o Coração Sagrado de Jesus, mormente em mensagens dedicadas a sacerdotes – incentivando-os a imitarem o Coração de Cristo –, mas também em palavras direcionadas aos fiéis que encontram no Coração de Cristo um caminho para se encontrarem com Cristo e, assim, com as demais Pessoas do Deus-Amor.

Em jeito de conclusão, é-nos possível dizer que a espiritualidade em torno do Coração de Jesus é uma marca para muitos cristãos e tornou-se imprescindível para a espiritualidade cristã e também para o desenvolvimento da religião e da cultura do nosso mundo. Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar que não deixa de ser curioso que apesar da crise pela qual passa esta forma de devoção, continuam a ser muitos os locais visitados dedicados ao Sagrado Coração de Jesus, como por exemplo a Basílica do Sacré-Coeur em Paris – por sinal, cenário de fundo da climática e mais intensa cena de um dos mais comerciais filmes dos últimos tempos (*“John Wick 4”*). Assim, podemos garantir que – mesmo contraventos e marés neste, e deste, mundo secularizado que tem entrado também numa Igreja que, às vezes e para tanta gente, parece ser uma ONG – o coração de Jesus continua vivo. Necessita é de novas formas e de um novo vigor que o permita adequar-se à realidade atual – algo que vários teólogos tentam fazer lograr, nomeadamente, Domenico Marafiotti, Charles André Bernard e Gabino Uríbarri Bilbao – sendo que este último nos guiou, em parte do nosso terceiro Capítulo, através do seu giro focado na sede.

O caminho que aqui apresentámos foi apenas um dos muitos possíveis, pois importa sublinhar que esta síntese por nós realizada é apenas um pequeno contributo para o longo trabalho que poderia ter sido aqui levado a cabo, como sempre nos motivou a fazer o nosso Orientador: «mais, mais, mais e sempre mais; não te contentes com o que está bom, e até ótimo, antes vai mais fundo». As palavras do nosso Orientador foram efetivamente motivadoras, contudo temos também de referir que diversas contingências impediram de seguir os seus incentivos.

Entre tais contingências cremos dever salientar: a escassez, em Portugal, de bibliografia sobre o Coração de Jesus – mesmo nas bibliotecas das escolas da Companhia de Jesus –; a dificuldade em se fazer, renovar e/ou voltar a pedir livros por

empréstimo inter-bibliotecário, sendo que a falta de sincronia na posse dos mesmos foi, por vezes, quase desesperante, pois livros relevantes para o terceiro capítulo, usados no segundo, não puderam voltar nas nossas mãos; a falta de uma certa ajuda por parte de pessoas que criamos poderem ser de ajuda, mas que tinham sempre motivos para, chegado o momento de passarem à prática, não o fazerem; etc.

De qualquer modo teríamos tido o gosto, acaso o mundo fosse diferente do que é e não tivéssemos desejado ser muito focados no tema deste trabalho, em: ver a relação existente entre a devoção ao Coração Imaculado de Maria e a espiritualidade do Coração Sagrado de Jesus; entrevistar pessoas que têm apostolados relacionados com o Coração de Jesus – seja na Companhia de Jesus, seja em outras ordens e congregações masculinas e femininas para ver o que estão a fazer a nível do repensar a espiritualidade do Coração de Jesus –; contactar, pelo nosso Orientador, jesuítas em diversas partes do mundo que se dedicam a obras apostólicas relacionadas com o Coração de Jesus – nomeadamente os diversos Apostolados da Oração –; o ver novas linhas de reflexão teológicas coevas sobre este coração; refletir sobre as implicações cósmicas e ecológicas do mesmo; como falar hoje de “reparação” – nós intentámos uma breve aproximação a esta temática com a ajuda do nosso Orientador –, “sacrifício” e até “satisfação”; etc.

Tudo isto, a ter sido levado a cabo teria levado a que tirássemos outros tipos de conclusões, ou, pelo menos, outras matizes enriquecedoras daquelas a que chegámos, contudo, mesmo hoje e olhando para trás, a nossa forma de proceder, sempre pacientemente aceite pelo nosso Orientador, pareceu-nos a mais indicada, tendo em conta que a temática da “sede de Deus” também é atual e está cada vez mais a ser desenvolvida a nível teológico e, de certo modo também se relaciona com o local onde tudo isto começou: na Cruz. Na Cruz onde Jesus teve sede; na Cruz onde, trespassando-Lhe o lado com a lança, brotou sangue e água.

Assim, vemos que traçamos uma proposta que assenta, por outro lado na esperança de que, o local onde tudo começou possa ser a base para uma nova vida deste coração que sabemos ser capaz de humanizar o nosso mundo dividido e marcado pela secularização e até por alguns fanatismos religiosos, pois ele, sendo o centro de Jesus e assim de Deus, é o ponto de equilíbrio divino, humano e cósmico. Aquele ponto capaz de estabelecer um ponto intermédio entre todos os extremos; um espaço destinado àqueles que, movidos pela fé e a esperança neste Sagrado Coração, encontram nele o amor capaz de transformar as suas vidas e a vida daqueles com quem se encontram.

Para os cristãos, este lugar existe mesmo. É o mais real e denso de todos, e podemos começar a construí-lo já hoje se tivermos os olhos do rosto e do coração fixos no Coração Divino que nos ensina, por todos os exemplos que a história já demonstrou, que é capaz de mudar vidas e de as aproximar de Deus. A nós, cabe-nos continuar a investigar e a conhecer o papel que o Sagrado Coração de Jesus pode continuar a ter hoje, na certeza de que tudo isto se sintetiza no amor que Deus tem por nós e que deseja que todos o possamos saborear e dar a saborear. Olhemos, pois, para o Trespasado e vejamos contemplativamente nele o coração aberto que nos convida a nele entrarmos radicalmente, para radicalmente transformarmos ativamente o mundo com Ele. E isto enquanto testemunhas da beleza e da alegria do amor Divino e humano todos os dias das nossas vidas.

Bibliografia

CdIC = *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

DH = *Enchiridion Symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, editado por Heinrich Denzinger e, Peter Hunermann. Barcelona: Herder, 2000.

DSp = *Dictionnaire de Spiritualité, Ascétique et mystique, Doctrine et histoire*, dirigido por Marcel Viller, Ferdinand Cavallera, Joseph de Guibert, Charles Baumgartner e André Rayez. 17 Vol. Paris: Beauchesne (et ses fils), 1937-1993.

Fontes

Fontes primárias

Mallet, Gabriel. *Causa de Beatificação e Canonização da Serva de Deus Irmã Maria do Divino Coração Religiosa de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor de Angers*. Porto: s. ed., s. d.

Zu Vischering, Maria. *Autobiografia da Beata Maria do Divino Coração Religiosa do Bom Pastor*. Lisboa: Congregação de N^a. S^a. Da Caridade do Bom Pastor, 1993.

Fontes secundárias

A Biblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1980.

Bento XVI. «Discurso durante o encontro com a comunidade da Pontifícia Academia Eclesiástica», em *Insegnamenti di Benedetto XVI: 2008, IV, 1*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009, 972-974.

Bento XVI. «Discurso no final da pregação anual dos exercícios espirituais da cúria romana», em *Insegnamenti di Benedetto XVI: 2008, IV, 1* (Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009), 259-261.

Bento XVI. «Mensagem para a Quaresma de 2007». Acedido a 11-11-2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/lent/documents/hf_ben-xvi_mes_20061121_lent-2007.html.

Bento XVI. «Angelus». 13 de junho de 2010. Acedido a 18-11-2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2010/documents/hf_ben-xvi_ang_20100613.html.

Bento XVI. «Carta ao padre Peter-Hans Kolvenbach, Prepósito-Geral da Companhia de Jesus». Acedido a 23-10-2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2006/documents/hf_ben-xvi_let_20060515_50-haurietis-aquas.html.

Bento XVI. «Carta para a proclamação de um Ano Sacerdotal por ocasião do 150º aniversário do Dies Natalis do Santo Cura d’Ars». *AAS* 101 (2009): 569-579.

- Francisco. «Discurso aos participantes no Capítulo Geral dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus». Acedido a 27-10-2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco_20150605_dehoniani.html.
- Francisco. «Discurso aos participantes no Capítulo Geral dos Padres do Sagrado Coração de Jesus». Acedido a 03-11-2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/september/documents/papa-francesco_20170916_capitulo-missionari-sacricuori.html.
- Francisco. «Discurso às Missionárias do Sagrado Coração de Jesus por ocasião do primeiro centenário da morte de Santa Francisca Xavier Cabrini». Acedido a 03-11-2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171209_centenario-francesca-cabrini.html.
- Francisco. «Homilia da Missa diante do túmulo de João Paulo II». Acedido a 02-11-2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20131031_homilia.html.
- Francisco. «Homilia no 3º Retiro Mundial de sacerdotes», *AAS* 107 (2015): 596.
- Francisco. «Homilia no Jubileu dos sacerdotes», *AAS* 108 (2016): 616.
- Igreja Católica: II Concílio do Vaticano, «*Constituição pastoral Gaudium et spes sobre a Igreja no mundo contemporâneo*», *AAS* 58 (1966): 1025–1120.
- João Paulo II. «Carta ao padre Peter-Hans Kolvenbach, Prepósito-Geral da Companhia de Jesus». Em *Documentos da Igreja sobre o Sagrado Coração de Jesus*, organizado por António José Coelho, 199-201. Braga: AO, 2004.
- João Paulo II. «Encíclica *Redemptor hominis*», *AAS* 71 (1979): 257-324.
- Leão XIII. «Encíclica *Annum Sacrum*». *ASS* 31 (1898-1899): 646-651.
- Linda, Manuel. «Padres para a “Diocese do coração”». *Igreja Portucalense* 18, n.º 53 (2020): 61-63.
- Pio X. «*Carta apostólica acerca da Beatificação de Jean Eudes*». *AAS* 1 (1909): 142-145.
- Pio XI. «Encíclica *Caritate Christi Compulsi*». *AAS* 24 (1932): 296-303.
- Pio XI. «Encíclica *Miserentissimus Redemptor*». *AAS* 20 (1928): 165-178.
- Pio XI. «Encíclica *Quas Primas*». *AAS* 17 (1925): 593-610.
- Pio XII. «*Encíclica Haurietis aquas*». *AAS* 48 (1956): 309-353.

Estudos

- Antonio de Aldama, José. «Juan de Ávila, precursor de Santa Margarita María de Alacoque en la devoción al Sagrado Corazón de Jesús». *Maestro Ávila* vol. 1 (1946): 255-268.
- Arambasin, Nella. *La conception du sacré dans la critique d'art: en Europe entre 1880 et 1914*. Genève: Droz, 1996.
- Bainvel, Jean Vincent. *La Dévotion au Sacré-Cœur de Jésus: doctrine et histoire*. Paris: Gabriel Beauchesne & Cie, 1911.

- Benoist, Jacques, *Le Sacré-Cœur de Montmartre*. Vol. 1. Paris: Éditions Ouvriers, 1991.
- Benoist, Jacques, *Le Sacré-Cœur de Montmartre*. Vol. 2. Paris: Éditions Ouvriers, 1992.
- Bernard, Charles André. *La spiritualità del cuore di Cristo*. Milano: San Paolo, 2015.
- Bierbaum, Max. *Maria do Divino Coração Droste zu Vischering*. Porto: AI, 1966.
- Bilbao, Gabino Uríbarri. «El Corazón de Jesús: manantial que sacia la sede». Em *Experiencia y misterios de Dios*, editado por Pascual Cebollada Silvestre Madrid, 1-27 (CD-ROM). San Pablo, 2009.
- Bovenmars, Jan. «Il cuore nuovo». Em *Il Cuore di Cristo: Luce e Forza*, organizado por Charles André Bernard, 285-300. Roma: ADP, 1995.
- Cappelluti Leonardo. «La devoción al Sagrado Corazón de Jesús». *Revista Teología* 44, n.º 93 (2007): 239-252.
- Chasle, Luís. *Irmã Maria do Divino Coração*. Porto, s. e., 1907.
- Chimirri, Giovanni. «Valor y actualidad de la devoción al Sagrado Corazón». *Humanitas: antropología y cultura cristiana* 11, n.º 44 (2006): 79-96.
- Coelho, António José. *Documentos da Igreja sobre o Sagrado Coração de Jesus*. Braga: AO, 2004.
- Dalgairns, John Bernard. *The devotion to the Heart of Jesus, with an introduction on the history of Jansenism*. Baltimore: Kelly & Piet, 1867.
- De Freine, Jean e Albert Vanhoye, «Corazón». Em *Vocabulário de Teología Bíblica*, editado por Xavier Léon-Dufour: 159-161. Barcelona: Herder, 1965.
- De Margerie, Bertrand. *Histoire doctrinale du culte envers de Cœur de Jésus*. Vol. 2. Paris: Saint-Paul, 1995.
- De Meester, Paul. *Redécouvrir le Sacré Coeur*. Paris: MediasPaul, 2005.
- Denizot, Alain. *Le Sacré-Cœur et la Grande Guerre*. Paris: Nouvelles Editions Latines, 1994.
- Descouleurs, Bernard e Christiane Gaud. *Marguerite-Marie Alacoque: la mystique du cœur*. Paris: Cerf; Saint-Maurice: Saint-Augustin, 1996.
- Endean, Philip. «Karl Rahner and the Heart of Christ». *The Month* 30 (1997): 357-363.
- Fischer, Balthasar. «Sacred Heart of Jesus». Em *The Encyclopedia of Christianity*, editado por Erwin Fahlbusch, Jan Lochman, John Mbiti, Jaroslav Pelikan e Lukas Vischer. Vol. 4: 805-807. Grand Rapids: Eerdmans; Leiden: Brill, 2010.
- Gauthey, Léon. *Saint François de Sales et le Sacré-Coeur de Jésus*. Paray-le-Monial: Lambrot 1992.
- Hamon, Auguste. «Cœur (Sacré): 1: Histoire de la Dévotion». Em *DSp* 3: 1023-1046.
- Jonas, Raymond. *France and the Cult of the Sacred Heart: An Epic Tale for Modern Times*. Berkley; London: University of California Press, 2000.
- Kilroy-Ewbank, Lauren G. *Holy Organ or Unholy Idol?* Leiden; Boston: Brill, 2019.

- Kolvenbach, Peter-Hans. «Conferência sobre o Coração de Jesus». Em *Documentos da Igreja sobre o Sagrado Coração de Jesus*, organizado por António José Coelho, 264-278. Braga: AO, 2004.
- Kubicki, James. *A Heart on Fire: Rediscovering Devotion to the Sacred Heart of Jesus*. Notre Dame: Ave Maria Press, 2012.
- Larrea, Maria. *El Culto al Corazon de Cristo segund el Magisterio Pontificio*. Madrid: Editorial Edapor, 1983.
- Marafioti, Domenico. *Il Cuore di Gesù: la spiritualità dell'amore nell'oggi della Chiesa*. Roma: ADP, 2022.
- O'Brien, William P. «La Colombière, Alacoque, and devotions to the Sacred Heart». Em *A Companion to Jesuit Mysticism*, editado por Robert Aleksander Maryks, 166-192. Leiden: Brill, 2017.
- Pedroso, Dário. *Acreditar no Amor: Espiritualidade e história da devoção ao Coração de Jesus*. Braga: AO, 2003.
- Petrovits, Joseph Julius Charles. *Theology of the cultus of the Sacred Heart: A moral, dogmatic and historical study*. Washington, D.C.: Catholic University of America, 1917.
- Rahner, Karl. «Una orden antigua en una nueva época: La Compañía de Jesús y su devoción al Corazón de Cristo». *Estudios eclesíásticos* 59 (1984): 131-138.
- Rahner, Karl. *Teologia del Cuore di Cristo*. Roma: ADP, 2003.
- Ricciardi, Antonio. ... *mais nobre pela caridade*. Porto: s.ed., 1984.
- Szentmártori, Mihály. «Spiritualità del Sacro Cuore e affettività». Em *Il Cuore di Cristo: Luce e Forza*, organizado por Charles André Bernard, 301-323. Roma: ADP, 1995.
- Vanhoye, Albert. «Dal cuore di Dio all'uomo di cuore». Em *Educare il Cuore*, organizado por Giorgio Zevino, 103-106. Roma: LAS, 2009.
- Vanhoye, Albert. «Il Cuore di Cristo e lo Spirito Santo». Em *Il Cuore di Cristo: Luce e Forza*, organizado por Charles André Bernard, 187-200. Roma: ADP, 1995.
- Vanhoye, Albert. «Il cuore sacerdotale di Cristo ci unisce a Dio». Em *Dal Cuore di Dio all'Uomo di Cuore*, organizado por Giorgio Zevino, 27-40. Roma: LAS, 2008.
- Waltke, Bruce K. «Heart». Em *Baker's Dictionary of Biblical Theology*, editado por Walter A. Elwell: 331-332. Ada: Baker Books, 1996.
- Witwer, Antòn. «San Pietro Canisio e la spiritualità del Sacro Cuore». Em *Il Cuore di Cristo: Luce e Forza*, organizado por Charles André Bernard, 95-108. Roma: ADP, 1995.

Subsídios

- Allen, Allison. *Thirsty for More: Discovering God's Unexpected Blessings in a Desert Season*. Grand Rapids: Revell, 2018.

- Aubert, Roger. «El Concilio Vaticano I». Em *Manual de História de la Iglesia*, vol. 7, t. 2: *la Iglesia entre la Revolución y la Restauración*, editado por Huber Jedin et al., 990-1011. Barcelona: Editorial Herder, 1978.
- Bénédictines du Saint-Sacrement de Rouen. *Catherine de Bar: Une âme offerte à Dieu en saint Benoît (1614- 1698)*. Paris: Téqui, 1998.
- Bernanos, Georges. *Dialogues des Carmélites*. Paris: POINTS, 1996.
- Berstein, Serge, Pierre Milza e Gisèle Berstein. *Histoire du XIX^e siècle*. Paris: Hatier, 2021.
- Camilleri, Charlò, *Desiderio e passione: L'amore di Dio nell'esperienza mistica di santa Maria Maddalena de' Pazzi*. Perugia: Graphe, 2007.
- Casanovas, Ignacio. *San Alonso Rodríguez: Coadjutor temporal de la Compañía de Jesús*. Barcelona: Editorial Balmes, 1947.
- Chenaux, Philippe. *Les enseignements de Jean XXIII*. Saint-Maurice: Saint-Augustin, 2000.
- Cognet, Louis. «La vida de la Iglesia en Francia». Em *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 6, t. 1: *La posición dirigente de Francia*, editado por Hubert Jedin et al., 63-114. Barcelona: Herder, 1978.
- Cognet, Louis. *Histoire de la spiritualité chrétienne*. Vol. 3. Paris: Aubier, 1960.
- Daniel-Rops, Henri. *The Church in the Seventeenth Century*. London: Dent; New York: Dutton, 1963.
- Devaux, Augustin (ed.), *La poésie latine chez les chartreux: Une anthologie avec traduction française* (Salzburg: Universitat Salzburg, 1997).
- Duarte, Alexandre Freire. «A misericórdia com os demais a partir da misericórdia com Deus». *Humanística e Teologia* 37, n.º 1 (2016): 57-122.
- Gougaud, Louis. *Dévotions et pratiques ascétiques du Moyen Âge*. Paris: Desclée de Brouwer, 1925.
- Greenberg, B. M., C. Krishnan e L. Harder. «New onset transverse myelitis diagnostic accuracy and patient experiences». *Clinical Trial* 30 (2019): 42-44.
- Griech-Polelle, Beth. A. *Bishop Von Galen: German Catholicism and National Socialism*. Connecticut: Yale University Press, 2008.
- Grillmeier, Alois. *Cristo en la Tradición Cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1997.
- Holt, Bradley P. *Thirsty for God: A Brief History of Christian Spirituality*. Minneapolis: Fortress Press, 2017.
- Iserloh, Erwin. «La mística Alemana». Em *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 4, t. 2: *La Iglesia de la Edad Media después de la Reforma Gregoriana: La Baja Edad Media*, editado por Hubert Jedin et al., 597-620. Barcelona: Herder, 1973.
- King, Thomas M. *La Misa de Teilhard*. Maliaño: Sal Terrae, 2022.
- Latreille, André. *L'Église catholique et la Révolution française*. 2 vol. Paris: Hachette, 1946-1950.

- Le Sayec, Denys. *Du Carmel à l'échafaud*. Paris: Fenix, 1986.
- Lecuit, Jean-Baptiste. *Le désir de Dieu pour l'homme*. Paris: Cerf, 2017.
- Lungo, Paolo. *Ricerca di Dio e ritrovamento di sé: Il percorso umano e teologale di santa Caterina de' Ricci*. Bologna: ESD, 2005.
- MacVicar, Thaddeus. *The Franciscan Spirituals and the Capuchin Reform*. New York: Franciscan Institute Publications, 1986.
- Matos, Luís Salgado de. *A Separação do Estado e da Igreja*. Porto: Editora Dom Quixote, 2011.
- Mendonça, José Tolentino. *Elogio da Sede*. Lisboa: Quetzal, 2018.
- Merton, Thomas. *What Are These Wounds?: The Life of a Cistercian Mystic Saint Lutgarde of Aywieres*. Milwaukee: Bruce Publishing, 1950.
- Mondin, Battista. *Storia della Teologia*. Vol. 1. Bologna: ESD, 1996.
- Peyrous, Bernard. *Histoire de la spiritualité chrétienne*. Paris: Éditions de l'Emmanuel, 2010.
- Pierre, Benoist. «L'Éminence grise de l'Éminence rouge». Em *La Religion des élites au XVII^e siècle*, editado por Denis Lopez, Charles Mazouer e Eric Suire, 95-110. Tübingen: Gunter Narr, 2008.
- Runciman, Steven. *A History of the Crusades*. Vol. 3. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1955.
- Schaff, Philip. *Literature and Poetry: Studies on the English Language*. New York: C. Scribner's sons, 1890.
- Schmitz, Philibert. *Histoire de l'Ordre de saint Benoît*. Vol. 6. Paris: Maredsous, 1949.
- Solsten, Eric. *Germany: A Country Study*. Washington: USG Press, 1999.
- Suire, Eric. *La sainteté française de la Réforme Catholique*. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2001.
- Teilhard de Chardin, Pierre. *Genèse d'une pensée: lettres de Guerre 1914-1919*. Paris: Grasset, 1961.
- Teilhard de Chardin, Pierre. *Le coeur de la matière*. Paris: Seuil, 1976.
- Vaux, Kenneth L., *An Abrahamic Theology for Science*. Eugene: Wipf & Stock, 2007.
- Voaden, Rosalynn. «All Girls Together: Community, Gender and Vision at Helfta». Em *Medieval Women in Their Communities*, editado por Diane Watt, 72-91. Toronto: University of Toronto Press, 1997.
- Wilhite, David E. *The Gospel According to Heretics: Discovering Orthodoxy Through Early Christological Conflicts*. Grand rapids: Baker, 2015.
- Zaccagnini, Gabriele. «La spiritualità dell'*Arbor vitae crucifixae Jesu*». *Studi francescani* 104 (2007): 37-97.

Índice

Resumo	1
Introdução	3
1. História da devoção ao Sagrado Coração de Jesus	7
1.1 Da evangelização dos apóstolos ao século XII.....	7
1.2 Do século XIII ao final da Idade Média	10
1.3 O século XVI.....	13
1.4 O século XVII.....	19
1.4.1 Santa Marguerite-Marie Alacoque	22
1.5 O século XVIII	28
1.6 Os séculos XIX e XX	29
2. Biografia de Maria do Coração de Jesus.....	36
2.1 Nascimento e infância em Darfeld	36
2.2 Do desejo às dificuldades até entrar no convento.....	38
2.3 No convento em münster.....	45
2.4 Novos desafios em lisboa	48
2.5 A Irmã Maria, superiora da Casa do Bom Pastor no Porto.....	50
2.6 Morte e beatificação	60
3. Uma Igreja com uma nova espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus	62
3.1 A igreja do bom pastor e a sua intencionalidade	62
3.2 O Coração de Cristo e o coração do sacerdote em alguns traços do mais recente magistério pontifício.....	66
3.2.1 Bento XVI.....	66
3.2.2 Francisco.....	71
3.3 Do Coração de Deus ao coração dos homens.....	75
3.3.1 Notas para um novo estilo de devoção ao Sagrado Coração de Jesus.....	81
3.3.1.1 A sede	84
3.3.1.2 A sede de Jesus	86
3.3.1.3 A sede do coração humano.....	88
3.3.1.4 O Coração de Jesus que nos incarna no coração de Deus	90
Conclusão	94
Bibliografia.....	100
Índice	106